



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

CINTHIA BASTOS SABOIA

**GEOPOESIA AMAZÔNICA: VOZES RIBEIRINHAS ENTRE SABERES E ENSINO**

Brasília-DF  
2022

CINTHIA BASTOS SABOIA

**GEOPOESIA AMAZÔNICA: VOZES RIBEIRINHAS ENTRE SABERES E ENSINO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de doutora em Literatura. Área de concentração: Literatura e Práticas Sociais.

**Linha de pesquisa:** Literatura e Outras Artes

**Área de concentração:** Literatura e Práticas Sociais

**Orientador:** Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior

**Orientando:** Cíntia Bastos Saboia

Brasília-DF  
2022

SABOIA, Cínthia Bastos. **GEOPOESIA AMAZÔNICA: VOZES RIBEIRINHAS ENTRE SABERES E ENSINO**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de doutora em Literatura. Área de concentração: Literatura e Práticas Sociais.

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof. Dr. Augusto Rodrigues Silva Junior (Tel - UnB)**  
(Orientador)

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Juciane dos Santos Cavalheiro**

---

**Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Renata Beatriz Brandespin Rolon**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Elizeth da Costa Alves**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a minha mãe Maria Zeneida de Oliveira Bastos (in memorian), a meu pai Izac Bastos (in memorian), a meu esposo Kelcimar Saboia Pereira, a meu filho Abner Bastos Saboia, à Maria das Dores Lima Dantas (minha mãe do coração), a Adhonay Dantas de Araújo, o irmão que sempre sonhei em ter; a todos os professores que ajudaram em minha construção, em especial a Dra. Maria de Lourdes Louro; Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo, Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior; e a todos os que contribuíram para este trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me sustentar nos momentos mais difíceis.

Agradeço a meu filho Abner Saboia, por me incentivar a prosseguir com seu sorriso genuíno aliviando o fardo; bem como a meu esposo Kelcimar Saboia Pereira, a quem me deu suporte e apoio desde os primeiros planos para a realização deste sonho e compreendeu todas as minhas ausências.

Agradeço ao meu orientador Dr. Augusto Rodrigues, por acreditar em mim nos momentos em que pensava que não iria conseguir, mostrando que o ensino vence barreiras geográficas.

Agradeço a alguns colegas de turma, que acabaram se tornando amigos: Delma Sicsu, Maria Gabriella Flores, Andrea Lages, Rocio, Benedito dos Santos, Ingrid Karina Pinilla, Sideny de Paula. Aos demais, minha consideração, respeito e admiração também.

Agradeço a minhas amigas-irmãs, que me deram apoio com palavras de ânimo e incentivo: Adriana Barreiros, Messiane Brito, Cristina Arcos, Márcia Alves, e Elessandra Garcia.

Agradeço a minha amiga Gizely Pessoa e a seu esposo Terence Araújo, por cuidarem de meu filho como se fosse deles, por muitas vezes que precisei me ausentar para estudar, participar de congressos etc. Bem como a Jenniffer Souza, quem agiu com muita humanidade com meu filho em sua escola.

Agradeço à amiga Daurisneia Araújo, por sua mão amiga no momento em que precisei cuidar de minha saúde na cidade do Rio de Janeiro. Assim também, agradeço a meu amigo Almecy Lucas, por tantas vezes me ajudar no ambiente de trabalho quando precisei me ausentar para ir às aulas, representando os demais colegas da Semed que não citei aqui.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília pela oportunidade de conhecer excelentes profissionais que exalam conhecimento e lutam arduamente para manter viva a chama da pesquisa e do desenvolvimento de nosso país.

Agradeço aos professores do curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas, por suas buscas incessantes em possibilitar a qualificação de profissionais dessa área de ensino do Estado do Amazonas.

Agradeço a Secretaria Municipal de Educação de Manaus, que, através do Programa Qualifica, possibilitou minha formação profissional e acadêmica. À professora Aldrey Noronha, coordenadora desse programa, minha gratidão.

Agradeço à Divisão Distrital da Zona Rural, pela oportunidade de desenvolver parte deste trabalho em uma de suas escolas. Atualmente, é gerenciada pela professora Rosa Denise Diniz Pereira, chefe da DDZ Rural.

Agradeço a Evelim Lima Lopes, pela contribuição com este trabalho e a todos os narradores do Julião.

Agradeço a minha Banca de Qualificação por suas considerações preciosas e que muito contribuíram para direcionar este trabalho. E agradeço a Banca de Defesa pela generosidade e cumplicidade nessa luta – que é a escrita!

## **TÍTULO:** GEOPOESIA AMAZÔNICA: VOZES RIBEIRINHAS ENTRE SABERES E ENSINO

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo movimentar a teoria da *Geopoesia* em narrativas de Manaus. Ampliando os estudos sobre o narrador oral, como tem se utilizado do corpo e da voz para fins de sustento e passagens de histórias, o geopoeta se destaca, em nossa Tese, nas imagens da Cobra Grande, do Boto e em uma história “inérita” do povo Tuyuka. O trabalho está dividido em duas partes: a primeira, trata do narrador e sua *performance*. Traz a interpretação de narrativas populares que circulam na Comunidade do Julião e que circulam no Amazonas. A segunda, é uma proposta pedagógica de disseminação da literatura de campo no que diz respeito às tessituras orais em ambiente escolar. Em relação à primeira, buscamos fazer apontamentos sobre o narrador e como emprega o corpo e a voz e, também, como se dá a relação dele com o espaço geográfico e a territorialidade. Quanto à segunda, mostramos as etapas de uma metodologia que criamos para divulgar essas narrativas em sala de aula por meio da leitura, da escuta e da escrita para alunos de uma área rural/ribeirinha de Manaus. Procuramos, dessa forma, ampliar por meio dessa prática social o acesso, a consolidação e a valorização desse tipo de literatura. Quanto ao referencial teórico, utilizamos como principais pensadores Antonio Candido (1995), Walter Benjamin (2012), Paul Zumthor (1993, 2010, 2014), Augusto Silva Junior (2013, 2018) e Mikhail Bakhtin (2003). Entre remansos pensamentais e banzeiros performáticos buscamos elucidar os modos de ser e de narrar de ribeirinhos, caboclos, moradores de orla, praianos e encontradores de histórias que estão sempre navegando. Embora esses termos tenham marcas, são formas de definir os habitantes de ilhas, penínsulas, vilarejos e variantes de zonas rurais de Manaus.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geopoesia Amazônica; Manaus; Boto; Cobra Grande; Tuyuka.

## **TÍTULO: GEOPOESÍA AMAZÓNICA: VOCES DE RIBERA ENTRE CONOCIMIENTO Y ENSEÑANZA**

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo trasladar la teoría de la Geopoesía en las narrativas de Manaus. Ampliando los estudios sobre el narrador oral, cómo ha utilizado su cuerpo y su voz con fines de sustento y pasajes de relatos, el geopoeta se destaca, en nuestra Tesis, en las imágenes de la Cobra Grande, el Boto y en un “inérito” historia del pueblo Tuyuka. La obra se divide en dos partes: la primera trata del narrador y su actuación. Trae la interpretación de narrativas populares que circulan en la Comunidad de Julião y que circulan en la Amazonía. La segunda es una propuesta pedagógica para la difusión de la literatura de campo en lo que respecta a las texturas orales en el ámbito escolar. Respecto al primero, buscamos hacer apuntes sobre el narrador y cómo utiliza su cuerpo y su voz, y también cómo se da su relación con el espacio geográfico y la territorialidad. En cuanto al segundo, mostramos las etapas de una metodología que creamos para difundir estas narrativas en el aula a través de la lectura, la escucha y la escritura para estudiantes de una zona rural/ ribereña de Manaus. De esta forma, buscamos ampliar el acceso, consolidación y valorización de este tipo de literatura a través de esta práctica social. En cuanto al marco teórico, utilizamos como principales pensadores a Antonio Candido (1995), Walter Benjamin (2012), Paul Zumthor (1993, 2010, 2014), Augusto Silva Junior (2013, 2018) y Mikhail Bakhtin (2003). Entre remansos mentales y nadadores performativos, buscamos dilucidar las formas de ser y de narrar de los ribereños, caboclos, ribereños, bañistas y buscadores de historias que siempre están navegando. Aunque estos términos tengan marcas, son formas de definir a los habitantes de islas, penínsulas, villas y variantes de áreas rurales de Manaus.

**PALABRAS CLAVE:** Geopoesía Amazónica; Manaos; botón; serpiente grande; Tuyuka.



## **TITLE: AMAZON GEOPOETRY: RIVERSIDE VOICES BETWEEN KNOWLEDGE AND TEACHING**

**Abstract:** This work aims to move the theory of Geopoetry in narratives from Manaus. Expanding the studies on the oral narrator, how he has used his body and voice for purposes of sustenance and passages of stories, the geopoet stands out, in our Thesis, in the images of the Cobra Grande, the Boto and in an “unpublished” story of the Tuyuka people. The work is divided into two parts: the first deals with the narrator and his performance. It brings the interpretation of popular narratives that circulate in the Community of Julião and that circulate in the Amazon. The second is a pedagogical proposal for the dissemination of field literature with regard to oral textures in the school environment. Regarding the first, we seek to make notes about the narrator and how he uses his body and voice, and also how his relationship with the geographic space and territoriality takes place. As for the second, we show the stages of a methodology that we created to disseminate these narratives in the classroom through reading, listening and writing for students in a rural/riverside area of Manaus. In this way, we seek to expand access, consolidation and appreciation of this type of literature through this social practice. As for the theoretical framework, we used as main thinkers Antonio Candido (1995), Walter Benjamin (2012), Paul Zumthor (1993, 2010, 2014), Augusto Silva Junior (2013, 2018) and Mikhail Bakhtin (2003). Between mental backwaters and performative swimmers, we seek to elucidate the ways of being and narrating of riverside people, caboclos, waterfront dwellers, beachgoers and story finders who are always sailing. Although these terms have marks, they are ways of defining the inhabitants of islands, peninsulas, villages and variants of rural areas of Manaus.

**KEYWORDS:** Amazonian Geopoetry; Manaus; button; Big Snake; Tuyuka.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIações**

PPGL - Pós-Graduação em Letras

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

PPGLA - Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes

UEA - Universidade do Estado do Amazonas

DDZ Rural - Divisão Distrital Zonal Rural

REDE - Reserva de Desenvolvimento Sustentável

SEMMAS - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade

CF/1988 - Constituição Federal de 1988

LDB/1996 - Lei de Diretrizes e Bases

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

ODR - Orientação Didático-Reflexiva

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Um breve histórico das coletas de histórias dos povos tradicionais no Amazonas.....p.37

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Balsa e Ponte sobre o Rio Negro/ Solenidade de encerramento dos 35 anos de prestação de serviços.....	p.11
Figura 2. Margem da Comunidade do Julião.....	p.27
Figura 3. Sebastião Bonifácio dos Santos.....	p.58
Figura 4. Álvaro Oliveira Bastos.....	p.58
Figura 5. Maria Brenda Henrique dos Santos.....	p.59
Figura 6. Cronograma – parte 1.....	p.104
Figura 7. A Cigarra e a Formiga.....	p.105
Figura 8. Representação de Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau.....	p.107
Figura 9. Conhecimentos adquiridos sobre diário.....	p.111
Figura 10. Textos instrucionais.....	p.112
Figura 11. Cronograma – parte 2.....	p.113
Figura 12. Aprendizagem sobre o gênero diário.....	p.115
Figura 13. Aprendizagem sobre textos instrucionais.....	p.117
Figura 14. Elementos da narrativa.....	p.119
Figura 15. Característica do personagem.....	p.120
Figura 16. Leitura em voz alta.....	p.121
Figura 17. A criatura escondida para não ser vista pelas crianças.....	p.128
Figura 18. A criatura tem poderes.....	p.130
Figura 19. A chegada da criatura à noite.....	p.131
Figura 20. A criatura é descoberta.....	p.133
Figura 21. As crianças na floresta.....	p.134
Figura 22. As crianças buscam novos espaços.....	p.135
Figura 23. A crianças brincam no barranco.....	p.137
Figura 24. O surgimento do cupim.....	p.138
Figura 25. A mulher fica grávida.....	p.139
Figura 26. O surgimento do veado.....	p.140
Figura 27. O crescimento do veado.....	p.141
Figura 28. O surgimento dos pássaros.....	p.142
Figura 29. A mulher some na mata.....	p.143

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Mapa político do Amazonas com a localização de origem dos narradores. .....	p.24
Mapa 2. Comunidade do Julião.....	p.26
Mapa 3. Localização da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tupé.....	p.28
Mapa 4: Localização da Comunidade do Julião em relação à zona urbana ....	p.29
Mapa 5. Localização de São Gabriel da Cachoeira no Estado do Amazonas.	p.124

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.10
<b>I PARTE: A GEOPOESIA EM NARRATIVAS ORAIS NA COMUNIDADE DO JULIÃO.....</b>	<b>p.21</b>
<b>INTRODUÇÃO DA SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>p.21</b>
<b>1. Comunidade do Julião.....</b>	<b>p.26</b>
<b>2. POESIA ORAL: Terminologias para uma escolha de tema.....</b>	<b>p.30</b>
<b>3. O narrador da <i>geopoesia</i> nas narrativas amazônicas.....</b>	<b>p.42</b>
<b>4. A Geopoesia nas narrativas da Cobra Grande na Comunidade do Julião.....</b>	<b>p.59</b>
4.1. Narrativas sobre a cobra contadas por seu Álvaro.....	p.69
<b>5. A Geopoesia nas narrativas do Boto na Comunidade do Julião.....</b>	<b>p.75</b>
CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE.....	p.90
<b>II PARTE: A <i>GEOPOESIA</i> NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....</b>	<b>p.92</b>
<b>INTRODUÇÃO DA SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>p.92</b>
<b>6. Oportunizando a geopoesia no espaço escolar.....</b>	<b>p.96</b>
<b>7. Leitura e escrita: <i>geopoesia</i> para construção de saberes.....</b>	<b>p.111</b>
<b>8. Resultados da Geopoesia em sala de aula: cultura, história e colonialidade presentes na narrativa do povo Tuyuka.....</b>	<b>p.122</b>
CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE.....	p.145
CONSIDERAÇÕES INACABADAS.....	p.149
REFERÊNCIAS.....	p.153
ANEXOS I.....	p.159
ANEXOS II.....	p.169

## INTRODUÇÃO

Muitas são as palavras e os conceitos: narrativas, *estórias*, histórias, discursos, textos, contextos, estética, recepção, saberes, ensino... a pessoa “mais simples”, não letrada, pode não conseguir conceituar, mas, certamente, sabe e conta muitas narrativas que contêm bem mais que teorias da literatura. Essa é a percepção da geopoesia: abarcar a sabedoria de geopoetas para mover-se entre teorias e estéticas.

Poderia começar este texto como se iniciam tantos outros semelhantes de uma Tese: conceituando, e depois exemplificando, no entanto, vou começar em ordem inversa, pela história: a minha. É bem melhor ouvir/ler, sentir um texto para depois aprender sua estrutura do que o contrário.

Minha história acadêmica não se separa da minha história de vida, além disso, é nessa trajetória que começa meu interesse pelo tema. Nasci na cidade de Manaus, capital do Amazonas, mas meus pais tinham uma casa em Iranduba<sup>1</sup>, município vizinho. Quando meus pais compraram a casa de lá, eu tinha um ano. Passávamos o período de duas semanas lá, duas semanas na capital, sempre em deslocamento.

Morar naquele município me proporcionou fazer trajetos entre a cidade e o campo, adquirir vivências, aguçar a percepção transeunte do mundo. Naquela época, entre 1980 e 1993, Iranduba era um lugar considerado longe e pouco desenvolvido, havia muito verde, as casas eram bem distantes uma das outras, o silêncio pairava nos vazios, uma sensação de liberdade que só o campo proporcionava. Já em Manaus, morávamos em um bairro originado a partir da invasão, as ruas eram estreitas e asfaltadas, havia uma feira perto, bem movimentada, onde o barulho dos veículos se misturavam às inúmeras vozes das pessoas. Não andava livre, era sempre de mãos dadas com minha mãe, dona da única voz que compreendia em meio ao povo, voz que me deixava longe de tropeços nos altos e baixos das calçadas.

Naquele tempo, não havia a ponte Jornalista Phelippe Daou – inaugurada somente em 24 de outubro de 2011, que liga Iranduba a Manaus nos dias de hoje, e por isso, o acesso era feito por transporte fluvial: balsas e lanchas. Da Capital, as balsas saíam do Porto do São Raimundo, no bairro de mesmo nome, transportando

---

<sup>1</sup> Em linha reta, está distante 22 quilômetros da capital (por via terrestre, 13 quilômetros; e por via fluvial, 32 quilômetros), é situado a 03° 17' 06" de latitude sul e 60° 11' 09" de longitude oeste. Pertence à Mesorregião do Centro Amazonense e à Microrregião de Manaus, além de fazer parte de sua Região Metropolitana que é a mais populosa da Região Norte do Brasil.

pedestres (gratuitamente) e veículos (valor taxado por tamanho), todos os dias, de hora em hora até Cacau Pirêra (distrito de Iranduba). Esse trajeto durava por volta de 45 minutos, e depois que os aportava, começava a embarcar outros para fazer o trajeto contrário.

O percurso mostrava a imensidão do Rio Negro, e a força das águas em dias de chuva, onde o banzeiro costuma ser muito forte, devido à velocidade dos ventos. Por vezes, o que quebrava essa imagem natural era outra balsa em sentido contrário, carregando muitas vidas que também contemplavam o cheiro e o negro das águas refletindo o azul do céu.

De Cacau Pirêra (distrito de Iranduba) até Iranduba o trajeto era longo, principalmente para quem não tinha carro, pois o tempo de espera pelo ônibus da única linha que fazia o percurso era longo. No lugar da rodovia Manoel Urbano havia apenas uma estrada, de argila avermelhada – quando chovia, o percurso ficava mais difícil, escorregadio. A construção da ponte mudou a paisagem e os tempos:

Figura 1. Balsa e Ponte sobre o Rio Negro/ Solenidade de encerramento dos 35 anos de prestação de serviços



(foto Alex Pazuello/Divulgação/Agecom)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2011/10/ato-simbolico-encerrara-travessia-de-balsas-no-sao-raimundo-em-manaus.html>



Em 1993, meus pais venderam a casa de Manaus e nos mudamos de vez para o município de Iranduba, éramos três. A casa naquela cidade era um lugar acolhedor, aconchegante e possuía um quintal imenso, com muitas árvores, onde durante o dia colhia frutos e brincava com a terra, e à noite ouvia muitas histórias. Meu pai amava contá-las, tinha uma coleção delas, todas gravadas na mente, no corpo, na alma. Trouxe-as do Rio Purus, onde nasceu e foi criado, as da Cobra Grande sempre davam mais medo. Sempre dizia que no interior havia muitas delas, mas na cidade se escondiam com medo. Só havia uma que morava embaixo da igreja da matriz, no Centro da cidade, mas que ninguém a via porque se escondia nas profundezas. Quem caísse nas suas presas desaparecia, devorado pelo bicho.

Mudamo-nos para lá em setembro, logo em seguida, no mês de outubro minha mãe foi a óbito, o que nos fez voltar. Devido ao estado de saúde de meu pai, e sua idade avançada, fui morar com parentes, perfazendo todos os dias, sozinha, o trajeto de ida e de volta daquele município, pois ainda faltava mais um bimestre para findar o ano letivo e as escolas em Manaus não recebiam mais transferências nesse período. Naquele ano, devido à distância geográfica, à condição social e à pouca idade, 11 anos, estudar foi muito difícil, mas não impossível, e concluí a 5ª série do Ensino Fundamental (6ºano).

Enquanto estudei lá, nas idas e vindas, via na estrada o verde das matas e não havia como não imaginar o que havia por trás de todas aquelas imagens. Meu pai me contava sobre o curupira, afirmava que em algum lugar da floresta ficava escondido esperando o próximo caçador para enganar. Se um caçador entrasse na mata e não levasse fumo para ele, era enganado, fazia-o andar em círculos, e quando o caçador se percebia, já não conseguia reconhecer o caminho de volta para casa. O feitiço só acabava se sua família deixasse em algum lugar da floresta uma oferenda contendo cigarros.

Além de me contar histórias, meu pai foi a primeira pessoa a me ensinar matemática. Ele tinha dois pequenos comércios com minha mãe, um no Iranduba e outro em Manaus. Funcionava na sala de casa, atendia por um janelão, assim ninguém tinha contato com as mercadorias. Foi ele quem me ensinou a fracionar o líquido, a somar, reconhecer as cédulas, passar o troco, vender as coisas a retalho. Essa prática era muito comum naquela época: vender as coisas a retalho. Depois da morte de minha mãe, em 1993, ele “pegou depressão”, não era muito conhecida essa palavra naquele tempo, e foi morar com os filhos do primeiro casamento. Vimo-nos

por mais umas duas ou três vezes, pois fui visitá-lo, e depois de oito meses, em junho de 1994, recebi a informação de que já não vivia mais.

Minha mãe também construiu muitas memórias em mim, sempre me contava histórias, tanto as de acontecimentos gerais, quanto as de sua vida. Estas se misturavam à história da construção humana e identitária do Amazonas, pois minha mãe veio para Manaus com sua família por volta de 1942 e 1944. Costumava contar como era a vida na Cidade Flutuante, lugar em que viveu por muitos anos depois de ter saído fugida de um barracão em um seringal, onde trabalhou duramente desde muito pequena. Ela conseguia me fazer imaginar como era o comércio, as ruas sobre as águas, e as casas sem compartimentos, tudo construído sobre toras de madeira. Também sobre sua infância sofrida, momento em que teve sua família separada ainda durante a viagem Fortaleza/ Amazonas, onde seu pai descobriu que havia sido enganado pelo sonho de terem uma vida melhor do que a que viviam, onde estavam falidos.

Embora essa não fizesse parte do repertório de sua vida, lembro-me como se fosse hoje de uma em que havia uma princesa e um sapo que, após um beijo, virou príncipe e se casaram, e viveram felizes para sempre. Minha mãe me contava folheando um livro e me mostrando as imagens. Eu ouvi o mesmo enredo por quase todas as noites, e sempre me encantava como na primeira vez.

Um belo dia, entendi como as sílabas se juntavam para formar as palavras, então, voltei para casa e procurei pelo livro na esperança de conseguir lê-lo, sentei-me e comecei a grande empreitada. Consegui e fiquei feliz por isso, mas ao mesmo tempo, muito decepcionada ao descobrir que o enredo não era do jeito que ela me contava, com exceção do fim. Senti-me enganada, e disse-lhe que a história contada por ela não era verdadeira, mas não disse de qualquer modo, disse chorando e com a tristeza mais profunda que uma criança pode sentir: a de perder seu brinquedo favorito, isso com uns oito anos de idade, na segunda série do Ensino Fundamental.

Foi então, que ela se sentou ao meu lado e me contou que não sabia ler, que era seu sonho me ver lendo e me contou o porquê de não ter aprendido a ler. A ferida estava aberta em meu peito, pois havia sido enganada, mas naquele dia, com uma de suas histórias de vida curou a ferida, me fez entendê-la. Era isso! É isso! Uma história tem o poder de curar feridas. A história tem o poder de aliviar dores, de nos fazer entender o outro. Depois daquele dia, não parei mais de procurar por coisas novas nos livros, aprendi com ela que eu precisava saber ler para construir um bom futuro.

A leitura me libertaria! Depois disso, li todos os livros de literatura infantil que possuía, só para saber o que cada um contava. E percebi que nas histórias havia muitas coisas parecidas com o que acontecia na vida: experiência e vivência se tocavam.

As histórias de minha mãe despertaram em mim a vontade de aprender sobre as coisas e sobre a vida. Naquele dia, fechou o repertório me contando que tinha outro sonho, esquecido, guardado e desacreditado: gostaria de aprender a ler e a escrever, e me pediu para ensiná-la. Ainda sentada ao lado dela, lhe disse que a ensinaria assim que ela melhorasse, e em troca recebi um sorriso sem esperança, não que não acreditasse em minhas palavras, mas o câncer avançou em passos largos. Passados poucos dias, piorou da saúde, despediu-se de mim com um olhar triste, pediu que não me preocupasse, pois tudo ficaria bem, não disse que voltaria e nem quanto tempo levaria para que tudo ficasse bem. Foi para o hospital, e de lá nunca mais voltou. Infelizmente, o tempo não me ajudou a realizar esse seu sonho, que também passou a ser meu. Isso marcou minha vida e minhas escolhas profundamente. Após sua partida, suas histórias me confortavam e me fortaleciam.

Entendi, com o tempo, que ouvir e contar histórias nos fortalece. Talvez seja esse encontro com essa primeira narradora da geopoética que tenha, realmente, motivado, essa Tese. A curiosidade pelas narrativas me fez caminhar por elas, procurá-las nas pessoas e nos livros. Depois que minha mãe se foi, encontrei nelas a esperança de ainda encontrar a felicidade como a maioria dos personagens encontrou no final dos livros; encontrei também o conselho sobre qual caminho seguir, e entre eles, o melhor. Ouvia uma história aqui, outra acolá; as negativas e tristes também tinham um papel importante, elas apontavam caminhos a não serem seguidos. Com isso, percebi que minha vida se construiu em meio a elas. O indivíduo se constrói e se reconstrói em meio e por meio de narrativas. O que não aprendemos através delas, aprendemos por vivências que, com o passar do tempo, transformam-se em narrativas também.

As narrativas nos impulsionam a agir, levam-nos a tomadas de decisões, e, enquanto agimos, narramos, pois, narrar é ação: narração. Também nos levam a pensar, a significar e ressignificar, a perceber que, depois de ditas, elas criam vida própria, não pertencendo exclusivamente a quem as narrou, mas também a quem as escutou, a quem se apropriou delas. É essa vida tecida que não as deixa velhas demais, estudadas demais, que não possam ser recontadas e re-traduzidas com uma nova roupagem.

Elas mudam e se mudam o tempo todo: lições da geopoésia.

Ainda no final da infância, queria ser professora, para assim ensinar outras pessoas a ler grandes histórias, mas o tempo passou na narrativa de minha existência: mudaram personagens, lugar e o enredo foi tomando outro rumo. O gosto por ouvir e contar histórias foi, aos poucos, deixando de ser sentido devido às circunstâncias da vida, até que deixou de ser oportuno senti-lo como outrora.

Devido ter cursado um ensino profissionalizante numa escola técnica, pensei em ingressar numa faculdade pública de engenharia, contudo as condições financeiras não me deixaram realizar tal objetivo, pois só havia esse curso em tempo integral. Então, pensei em Direito, este havia também no turno noturno, o que me possibilitaria trabalhar durante o dia. Como não tinha como pagar um curso preparatório e a concorrência era ampla, não tinha como concorrer de igual modo com os alunos oriundos das escolas particulares. Por isso, decidi cursar Letras, assim poderia prestar o vestibular com mais segurança ou tentar uma re-opção de curso no quinto período.

Desse modo, ingressei no curso de Letras, na Universidade Federal do Amazonas em 2005, e no mesmo ano ingressei na Polícia Militar do Amazonas, por meio de concurso público. O trabalho dificultava os estudos, mas não os impossibilitava, e para mantê-los era preciso trabalhar.

Na faculdade, tive contato com a literatura nas disciplinas e em projetos, mas não conseguia aprender as disciplinas ligadas à linguística, o que me levou a pensar em abandonar o curso. Eram as dificuldades colocadas no percurso da narrativa que se construía para que o objetivo não fosse alcançado, do mesmo modo como na estrutura do conto maravilhoso. Semelhantemente a ele, também apareceram, nessa história, personagens fundamentais para que o objetivo fosse alcançado somado a isso, a tomada de experiência e aprendizagem adquiridas pelo personagem principal.

Em meio a tantas dificuldades, no último semestre de 2009, um semestre depois de minha turma concluir a graduação, foi minha vez. Em fevereiro de 2010, coleei grau, mas continuei na corporação. Em 2011, passei no concurso da Secretaria Municipal de Educação – Semed/Manaus, e foi o concurso que abriu portas para a liberdade do pensar. Comecei a trabalhar em uma escola da zona norte, em um bairro periférico chamado Monte das Oliveiras. A escola não possuía livros, o que me proporcionou, nesse caso, trabalhar de maneira mais livre a literatura. Desenvolvi um trabalho sobre narrativas amazônicas e também sobre a geopoésia amazonense cuja

temática envolvia o que era “regional”: alimentos, natureza, eventos etc. Apresentei os resultados para a comunidade no final daquele ano, e todos gostaram.

Em 2012, abriu outro processo seletivo, participei e novamente obtive êxito. Então mudei de escola, fui para mais perto da minha casa. Nessa nova escola, fiz outro projeto, dessa vez, voltado para o meio ambiente, história e memória. Concomitantemente, retomei os estudos, pois com esse segundo concurso, pude me organizar financeiramente. Iniciei, então, minha especialização em Literaturas de Língua Portuguesa, pela Escola Superior Batista do Amazonas – Esbam. Essa especialização agregou muito conhecimento em minha vida, principalmente na área de literatura, pois tive um contato mais aprofundado. As aulas eram aos domingos, os encontros eram agradáveis, com muita leitura e diálogo.

Reavivei leituras feitas na faculdade, que naquele momento trouxeram algumas angústias, e que devido a carreira militar, permaneceram por muito tempo. Lembrei-me também que dentro daquele período as disciplinas de História do Amazonas, Geografia do Amazonas e Literatura Amazonense saíam da grade curricular dos alunos do Ensino Médio. A literatura local precisou ser inserida na disciplina Literatura Brasileira, e passou a ser pouco falada devido à carga horária disponibilizada para tal conteúdo. A luta dos professores não era para que ela permanecesse separada, mas que tivesse um espaço maior para ser conhecida por seu próprio povo. Essa separação causou certo apagamento do assunto nos anos seguintes.

A literatura produzida no Amazonas apresenta muita riqueza tanto em acervo escrito – oriundo ou não da tradição oral, quanto da tradição oral, este menos conhecido e estudado, muitas narrativas ainda estão por serem ouvidas e registradas. Na graduação, tive contato com muitas obras produzidas no Amazonas, que retratam a cultura de seu povo, os costumes, com contextos históricos de uma época riquíssima para uns, e paupérrima para outros. Narrativas que mostram um povo que sofreu muito nas mãos do colonizador.

Esse contato oportunizou o levantamento de questionamentos que seguiram para a especialização, quando me questionei o porquê de não haver tanto estudo na área. A sala de aula também contribuiu muito para a escolha do tema, pois, de um lado, muitos alunos desconheciam as histórias que eram muito conhecidas pelos seus pais. Por outro, esses pais não repassavam as histórias, era preciso saber quais fatores influenciavam para isso. Então, percebi problemas que precisavam ser pesquisados.

Em 2013, fiz um estudo comparativo de uma narrativa oral africana de Gana *Ananse e os pássaros*, presente na obra *Histórias de Ananse* (2006), da autora Adwoa Badoe com uma narrativa proveniente da oralidade, a narrativa do Boto, recontada na obra *Viajando com o Boto no fundo do Rio* (2001), do autor Elson Farias. Assim, percebi semelhanças, objetivos e diferenças entre ambas. E apresentei os resultados para a Banca da especialização, onde logrei êxito.

No mesmo ano, participei do processo seletivo do mestrado em literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – PPGLA, da Universidade do Estado do Amazonas. Mostrei para a Banca a importância de estudar as narrativas orais presentes ainda na memória do povo amazonense, mesmo sabendo que ali havia uma maior abertura para obras literárias impressas, fui a única candidata a não levar uma obra física nas mãos. Para minha surpresa, fui aprovada e segui para o mestrado com o objetivo de estudar a narrativa do Boto presente no Amazonas, não a do autor mencionado, mas especificamente a contada pelo caboclo ribeirinho, morador de uma comunidade na zona ribeirinha de Manaus.

Em 2014, graças ao Programa Qualifica da Semed/ Manaus, recebi apoio financeiro, desse modo, pude me ausentar da sala de aula para iniciar os estudos sem tantas perdas salariais. No entanto, como um projeto depois de nascer vai tomando sua própria forma, mais narrativas foram agregadas, e também, já não estava mais sozinha. Assim, conseguimos coletar 42 narrativas e fazer seus respectivos registros. De todas elas, selecionamos as narrativas do Boto e da Cobra Grande para estudarmos, pois foram as mais contadas.

Essa Tese realizou vários movimentos daquilo que Augusto Silva Junior denominou de “Literatura de Campo” (2013, p. 08):

Além disso, em perspectiva comparativista, estas vertentes – cultura popular; oralidade; estudos da performance cultural e artística – em diálogo com a crítica literária, consolidam-se como um pensamento que parte do artefato discursivo e que permite delinear índices simbólicos e dialógicos no conjunto de cada produção. Tais índices funcionam como ferramentas analíticas no interior das obras e servem, no limiar, de parâmetro para o diálogo com outros autores e outras expressões, para a aproximação entre ética e estética dos imaginários anteriores, documentados e impressos e os de nossa época vocalizados e corporalizados.

Fizemos esses deslocamentos em comunidades e escolas ribeirinhas. Cultura popular e oralidade, performance do geopoeta em sua condição de “bemdizer” e de performer que conta a história para um pesquisador (seja isso o que signifique para

cada contador de histórias!). Buscamos a crítica literária que entenda o direito à literatura (CANDIDO, 1988) como, também, um direito à valorização da voz – deslocada em Tese.

Ao mesmo tempo que tivemos o período de isolamento e insegurança, pois atravessamos a Pandemia pesquisando e escrevendo, pudemos amadurecer esse diálogo entre ética e estética em profundo diálogo com imaginários e realidades. Nesse sentido, ainda, a dissertação de mestrado, realizada na Universidade Estadual do Amazonas ganhou forças e todo o trabalho de campo realizado nesse período (março de 2014 a março de 2016) voltou com força renovada com o olhar e o suporte da geopoésia amazônica.

Entre os movimentos da zona urbana, rural, ribeirinha e de questões de saúde pública mundial, movimentamos vozes e memórias em narrativas manauaras e fizemos vozes ecoar – em arena pedagógica – em ambiente escolar. O ambiente escolar se tornou o grande campo para nosso trabalho. Essa geopoésia partiu da sabedoria ancestral, dos mais antigos e mais velhos, e projetou-se em bancos escolares, em escolas que se chega por barco.

Os dados coletados para o trabalho foram realizados em 2014 e 2015 por meio de entrevistas. Utilizamos áudio e vídeo, entrevistas, até as autorizações para uso de imagem dos participantes. Ao serem contabilizadas, foi observado que as da Cobra Grande eram tão conhecidas quanto as do Boto, mas haviam outras menos contadas, porém não menos importantes. Ademais, todas as narrativas coletadas foram registradas, mas foram selecionadas 11 da Cobra Grande e outras 11 do Boto, por serem as mais conhecidas, contabilizando 22.

No entanto, devido ao tempo de um mestrado, movimentamos muito mais a localização e a compreensão do que seria e é uma narrativa oral manauara. E pudemos fazer o registro da história do lugar, dessa vez contada pelos próprios moradores, o que fez com que se sentissem importantes, e também foi falado sobre os costumes deles em relação ao trabalho, à moradia, e à contação de histórias.

Em 2016, terminado o mestrado e a licença concedida pela Semed/Manaus, retornei para sala de aula, onde obrigatoriamente precisaria passar dois anos para compensar os dois anos que me ausentei. Em dezembro do mesmo ano nasceu meu menino Abner, por isso me ausentei por mais sete meses, retornando em julho de 2017.

Nesse retorno, desenvolvi um projeto para disseminar as narrativas coletadas, o que possibilitou ampliar minhas leituras e conhecimento. Ainda em 2017, surgiu o processo seletivo para o doutorado, no qual obtive resposta positiva. Desse modo, em 2018, comecei a cursar as disciplinas, e continuei trabalhando em sala de aula, pois não havia completado os dois anos mínimos, a contar da data de retorno, na escola, o que foi possível somente no ano seguinte quando pude pedir uma nova licença. Também, iniciei as primeiras leituras sobre *geopoesia*, cujos conceitos serviram de base para este trabalho. Conforme as leituras aumentavam mais segurança adquiria para fazer o percurso que precisava trilhar.

Nesse tempo, novamente, já não estava mais sozinha. As vozes e as pessoas estavam comigo.

Por não poder sair de sala de aula para trabalhar em outra comunidade (o primeiro lugar para devolver as narrativas), decidimos desenvolver o projeto na escola alinhado com a Proposta Pedagógica – feita por profissionais da educação com base na Lei de Diretrizes e Bases. Desse modo, contribuímos com a comunidade em termos de os alunos buscarem conhecer suas histórias contadas em seu lugar de morar. Portanto, o objetivo geral desta tese é apresentar o resultado das análises realizadas à luz da *Geopoesia* nas narrativas do Boto e da Cobra Grande contadas pelos narradores da Comunidade do Julião e mostrar o método de ensino que buscou dar acesso à *geopoesia* utilizando as narrativas orais no ambiente escolar desenvolvido para/com os alunos do Ensino Fundamental.

A metodologia utilizada foi a qualitativa, pois não pretendíamos e nem pretendemos mostrar por meio das entrevistas uma exatidão de dados, e sim uma interpretação por meio de diálogos com as narrativas e seus respectivos sujeitos coautores deste trabalho. Os teóricos principais foram: da I Parte, Silva Junior (2013; 2015; 2018), Paul Zumthor (2010) e Walter Benjamim (2012); e da II Parte, Mikhail Bakhtin (1988), Antonio Candido (1995). Foram utilizados teóricos secundários, que serão mostrados nas introduções das respectivas partes.

Um diferencial importante neste trabalho é a apresentação de uma narrativa Tuyuka. Podendo ser definida como mito de criação e de surgimento; podendo ser definida como lenda de alguns elementos amazônicos – é certo que trazer essa *geopoesia* tornou nossa Tese um exercício de leveza sustentável. Coletar, movimentar a escrita dessa voz nesse trabalho e, ainda, poder contribuir com a consolidação da teoria da *geopoesia* realmente tornou meu percurso mais prazeroso.



Diante das doenças do mundo – que acabaram indo para dentro de nossas casas, essa escrita foi mesmo uma escrita de cura. Toda vez que escrevi me senti como um barquinho pequeno na grandeza do Rio Negro. Essas narrativas da geopoesia, como colocam Augusto Silva Junior e Geórgia Marques “Revelam estradas e seguir de rios: geo-graphias de morar”. Deambulante amazonal, fui (e fomos) tentando captar e construir uma geopoesia do mundo “para estar no meio de uma mansidão tumultuada” (SILVA JUNIOR, MARQUES, 2015).

## I PARTE: A GEOPOESIA EM NARRATIVAS ORAIS NA COMUNIDADE DO JULIÃO

### INTRODUÇÃO DA PRIMEIRA PARTE

Para esta seção, revisitamos o material publicado nos apêndices da dissertação de mestrado intitulada *Narrativas Oraís na Comunidade do Julião*. Esse material foi construído como parte de uma pesquisa que teve duração de dois anos (2014 – 2016). Em 2014, foram realizadas pesquisas para a construção do material e também para direcionar o trabalho, pois, tanto no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal do Amazonas – Ufam, quanto no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA), da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, não havia um estudo literário envolvendo pesquisa de campo.

Isso nos fez buscar por teóricos que nos ajudassem a dar sentido à existência do trabalho e que o fizesse sair do lugar por aquelas águas escuras, tanto no sentido metafórico quanto no sentido literal. Assim, pesquisamos como foram realizadas entrevistas em trabalhos de história oral, como se faziam vídeos amadores, o que filmar, e como filmar, o que perguntar nas entrevistas, e principalmente, aprender a ouvir.

Depois desse processo, foi a vez de ir a campo. Ao mesmo tempo que o *corpus* do trabalho era construído, a pesquisa ganhava força. Foram entrevistadas 21 pessoas, dessas entrevistas, selecionamos 20. Dessas vinte, coletamos 42 narrativas por meio de áudio e vídeo, muitas bem diferentes do que era esperado. Cem por cento delas foram registradas, mas, devido à quantidade, apenas uma sobre o boto e uma sobre a Cobra Grande foram analisadas. Ademais, foi feito o registro da história do lugar contada pelos próprios moradores, o que fez com que se sentissem importantes, e também foi falado sobre os costumes deles em relação ao trabalho, à moradia, e à contação de histórias. Esse campo alterado pela pandemia e pelo isolamento causaram impacto nesse processo. Por isso, a escolha metonímica e pontual das narrativas.

E por todos esses levantamentos, essa dissertação foi muito importante – ela reverbera e ecoa em todas páginas e se reinventa nos remansos e banzeiros da geopoesia.

As narrativas do Boto e da Cobra Grande, no entanto, carregam muitos significados, e precisam de uma atenção maior, por isso foram escolhidas com seus respectivos narradores e suas entrevistas e colocados nos anexos. Em 2018, foi o

primeiro contato dessas narrativas com a geopoesia. Em literatura, não havia e ainda não há até o presente momento outra dissertação no Estado do Amazonas e nem nos demais Estados do Norte do país que tenha tido esse encontro em quaisquer outras áreas. Quanto à tese, temos uma na área da Geografia sobre uma comunidade quilombola em Tocantins cujo título é: Geopoesia Kalunga: Identidades Territoriais da Comunidade Quilombola do Mimoso – Tocantins (2020), de Elizeth da Costa Alves. Aos poucos a geopoesia vai ampliando suas rotas em enfrontamentos norte-centroestinos.

Partindo desse material coletado, tínhamos como proposta primeira fazer o retorno à comunidade e abrir espaços para a contação de histórias. Muitos moradores que participaram das entrevistas pediram para ter esse retorno. No entanto, por força maior, não foi possível fazer isso em 2019, deixamos para 2020, e quando tudo estava agendado e autorizado pelo presidente comunitário, veio a pandemia que impossibilitou tal prática. Muitas pessoas da zona considerada urbana da cidade, em especial as mais velhas, procuraram por lugares mais afastados como aquele. E embora, inicialmente, tenha ficado mais em liberdade naquele ambiente para ir e vir, não demorou muito para as embarcações serem suspensas. Não somente para lá, mas em todo o Estado do Amazonas.

Devido a todos esses contratemplos, é que foi pensada em uma forma de disseminar essas narrativas e movimentá-las: a sala de aula se apresentou como um lugar ideal. Nesse espaço, começamos por mostrar aos discentes como cada povo, cada comunidade tem suas histórias provenientes da oralidade, e que todas elas são importantes. Assim, como em 2018 havíamos feito o primeiro trabalho em sala de aula com a geopoesia, resolvemos trazê-lo para mostrar como foi realizado, quais seus impactos positivos para o público, como as zonas manauaras movimentam tantas vozes e como os próprios currículos não conseguem valorizar e otimizar essa oralidade ancestral, histórica e identitária.

Então, na primeira parte deste trabalho, apresentamos o referencial teórico e nosso objeto de pesquisa. Partimos dos estudos da sobre literatura de Antonio Candido (1995); logo após, com os estudos de Walter Benjamin (2012) sobre o narrador; caminharemos com Paul Zumthor (1993, 2010, 2014), que nos serviu de base para mostrarmos como esse narrador tem se utilizado do corpo e da voz para manter as narrativas vivas; depois, seguimos com Augusto Silva Junior (2013, 2018),

quando voltamos o olhar para esse narrador como uma casa, um lugar de morar a *Geopoesia*.

Em tempos de transformações digitais profundas, de discursos radicais e de ódio, encetar diálogo com Walter Benjamin parece uma medida atual. Não afirmamos que as vozes e ações da experiência estão em baixa, como ele coloca em “O narrador”, mas são muitas as instâncias que o mundo ético sofreu. Não podemos ignorar a importância da Amazônia pro mundo e como esse ano de 2022 a colocou em voga, dada a imensa exploração de reservas e desmatamento. Assim, veremos, pelos modos de narrar como foram feitas as construções das imagens de personagens e dos próprios moradores enquanto transmissores da experiência – ainda no sentido benjaminiano.

Se pensarmos que o Estado do Amazonas possui 62 municípios e uma diversidade de fauna, flora, povos e culturas, são muitas as forças que essa Tese movimenta. Se ampliarmos esse raio de ação ao que é considerado “Floresta amazônica”, nossa tese se move em paragens continentais e movimentações de forças coloniais que ainda hoje mantêm-se numa espécie de “trincheira” colonial.

Mas, de alguns desses municípios, vieram os narradores apresentados nesta tese. Eles foram escolhidos por serem os que contaram as histórias do Boto e da Cobra Grande na comunidade do Julião.

Mapa 1. Mapa político do Amazonas com a localização de origem dos narradores



Fonte: [www.researchgate.net](http://www.researchgate.net)

Neste mapa, podemos observar o município de origem de cada narrador, logo da proveniência de cada narrativa também. Esse local de origem nos mostra que as narrativas orais que estão na comunidade estudada vieram de vários municípios. E que podemos visualizar pontos de convergências e divergências, além de perceber as características desses geopoetas, que implicam na permanência delas em nosso meio. Suas observações e histórias foram indispensáveis e de valiosas contribuições para o presente trabalho.

Há tempo, os estudos a respeito do narrador oral caminham por bases teóricas fundamentadas no estruturalismo, bem como as narrativas associadas a ele. Foram os estudos de Vladimir Jakovlevich Propp (1895-1970) que conceituaram as partes e até mesmo as funções de cada elemento dentro da narrativa, sendo o narrador um deles. Fizemos uso de alguns aspectos estruturalistas por que precisamos estabelecer diferenças entre partes muito parecidas; lançamos mão também dos estudos de Walter Benjamin (1892-1940) e de Paul Zumthor. Daquele, utilizamo-nos da descrição do narrador e de sua arte de narrar; deste, vimos os recursos de que

esse narrador se utiliza para manter acesa a chama dessa arte e até mesmo a existência dessas narrativas.

As lacunas deixadas por um e outro, principalmente em relação histórico-cultural, foram fechadas com a teoria da *Geopoesia* de Augusto Rodrigues Silva Junior (2013; 2015; 2018), levando em consideração o espaço de tempo decorrido, o elemento geográfico, a territorialidade, a oralidade e a performance.

Mostramos como, nesses espaços, o processo de hibridização de culturas é avançado, o que não nos permite afirmar haver uma única narrativa do Boto, ou uma única narrativa da Cobra Grande, e muito menos que fazem parte exclusivamente de um determinado povo. Entretanto, apresentaremos os processos de mudanças tanto no enredo em geral, quanto nos elementos que os compõem; e como tem alcançado novos espaços e gerações; colhemos vozes importantes, mas distantes dos grandes centros, e que representam a história, a cultura e as vivências desse povo.

A zona rural é compreendida como um espaço com muito verde, podendo ser cultivado ou natural, também conhecido como campo. É onde funciona o setor responsável por boa parte dos suprimentos oriundos do setor primário para consumo: extrativismo, agricultura, pecuária, turismo, silvicultura e conservação ambiental. São lugares com poucas construções, de no máximo dois pisos, pouco contingente e algumas áreas para turismo e lazer. Em Manaus, há muitas comunidades com essas características. São separadas pela própria geografia como rios e igarapés, outras já foram alcançadas pelo crescimento da zona urbana, mas continua rural por conta de suas características. No plano político de Manaus, para fins de gestão pública, são chamadas de zona de transição, e outras como zonas de conservação. Neste último está inserida a comunidade do Julião, separada da área urbana da cidade pelo Rio Negro e pelo igarapé Tarumã-Mirim.

Essa divisão natural deixa bem delimitado os espaços, mas nem sempre isso ocorre. Há lugares em Manaus em que a denominada zona rural está muito próxima da urbana, em alguns casos, até se misturando, só sendo diferenciada pela vegetação. Muitas ruas já foram pavimentadas, muitos condomínios estão sendo construídos e habitados, a população também tem mudado o estilo de vida com as integrações entre meios de transporte.

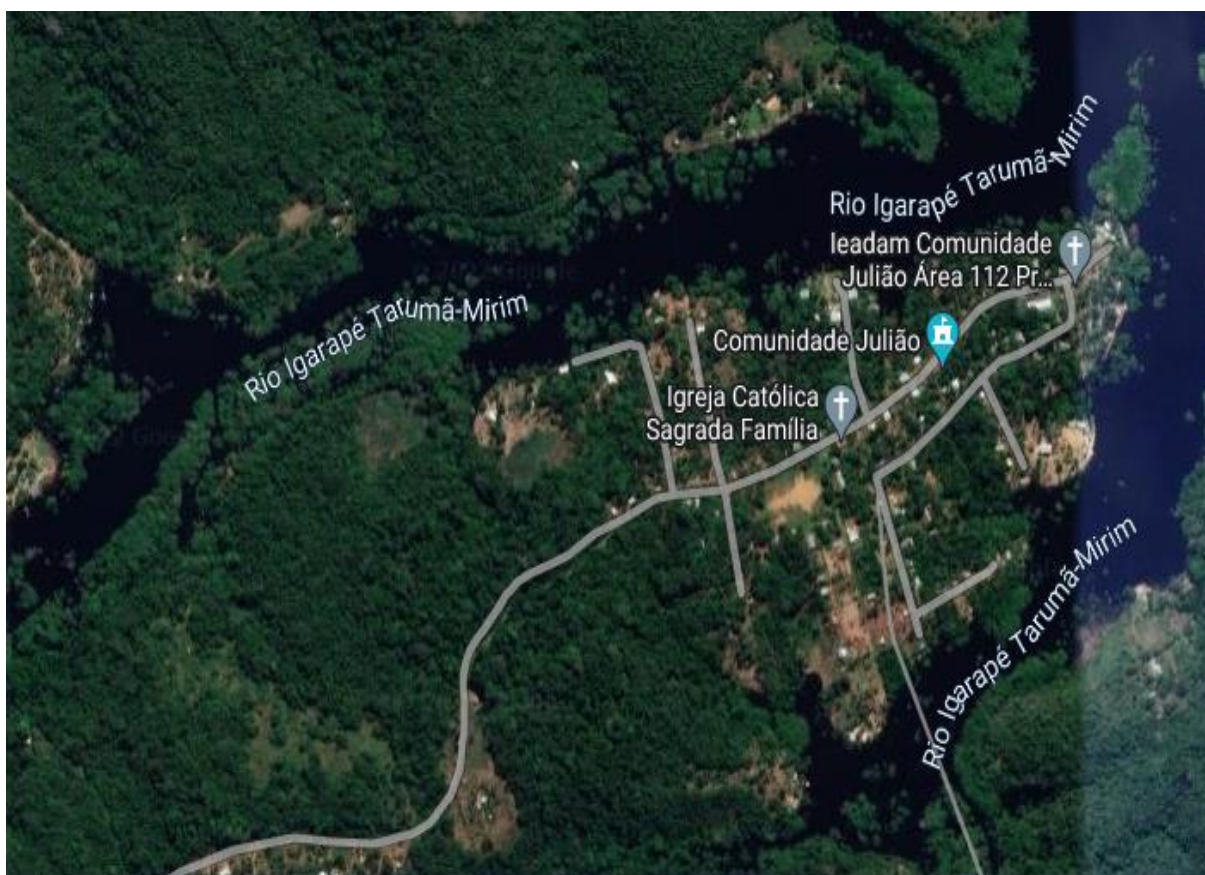
O termo rural, a partir da divisão feita pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED/ Manaus, é utilizado para compreender toda a área que tem características diferentes da urbana. Desse modo, as escolas estão divididas dentro de sete distritos,

dentre eles, a rural: Divisão Distrital Zonal Rural - DDZ Rural. Essa zona divide as escolas conforme sua geografia em: escolas da zona ribeirinha, e escolas da rodoviária, esta é dividida em Estrada, BR, Ramal e Vicinal<sup>3</sup>; aquela em: Rio Negro e Rio Amazonas. Há diferenças físicas bem acentuadas entre os dois rios.

## 1. A COMUNIDADE DO JULIÃO

A Comunidade do Julião foi registrada pelo Decreto Municipal Nº 8.044/2005. Em linha reta, é distante do Centro da cidade 25 quilômetros, sua altitude média é de 20 metros acima do nível do mar. Em 2013, na última contagem de moradores, era habitada por 60 famílias<sup>4</sup> (IPÊ, 2013, p. 118).

Mapa 2. Comunidade do Julião

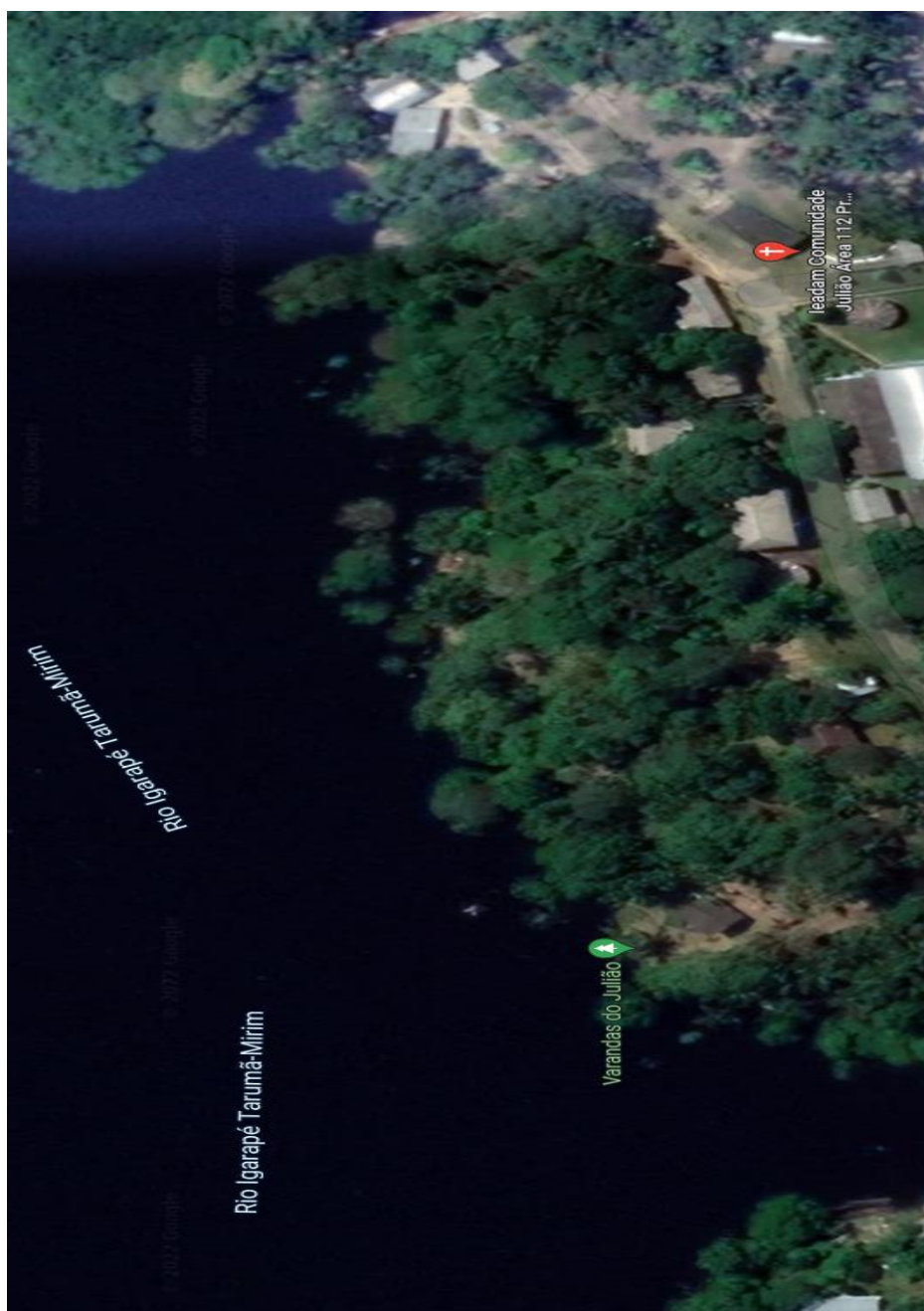


Fonte: Google Earth (<https://earth.google.com/consulta> em 2022).

<sup>3</sup> Todos os ramais e caminhos que tem origem no ramal principal.

<sup>4</sup> Foi a última vez que esse dado foi atualizado, no entanto, é um lugar que não apresenta possibilidade de invasão, pois se trata de uma reserva sustentável, e ainda assim, a própria geografia do lugar impossibilita tal intento.

Figura 2. Margem da Comunidade do Julião



Fonte: Google Earth (<https://earth.google.com/consulta> em 2022).

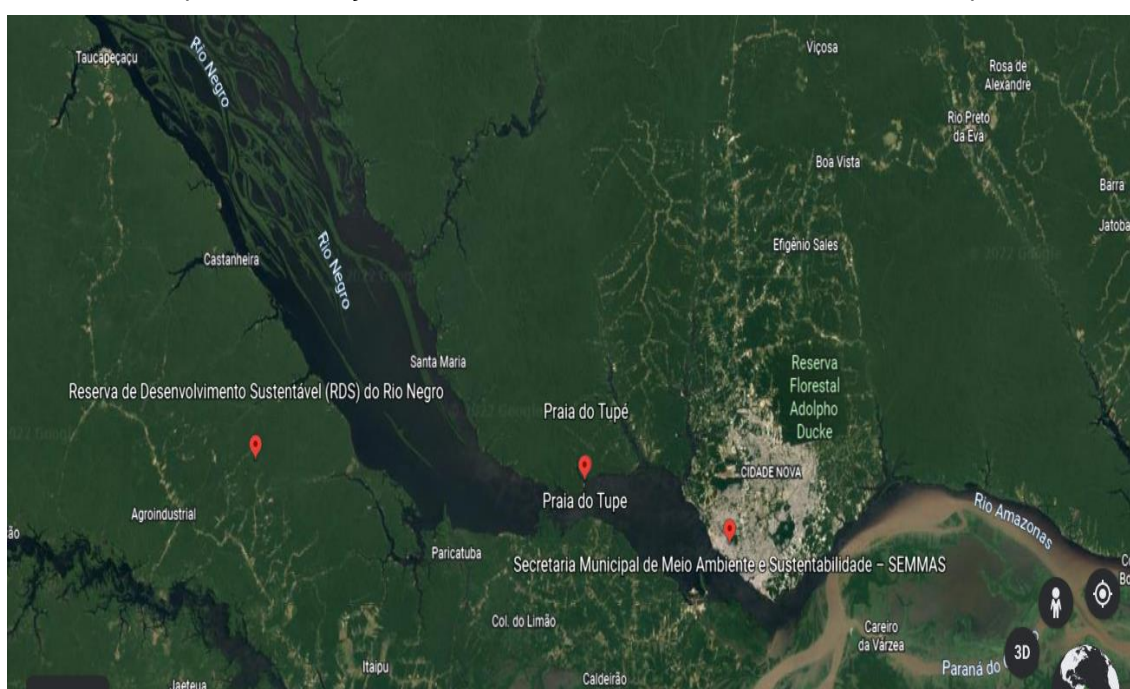
A imagem acima não deixa visível quando termina a terra firme e começa o rio, pois as árvores cobrem a beira (como é chamada a margem). Por ser muito alta, é necessário subir uma longa escada, em que no final, temos uma linda visão tanto da comunidade em si, quanto da natureza em torno dela, em especial o igarapé.

O nome Julião veio de seu primeiro morador, o Sr. Júlio, de quem não conseguimos mais informações, apenas que era um senhor alto e forte – motivos que o chamavam por Julião. Esse senhor residia na bifurcação de dois igarapés, em que



um deles é o principal da comunidade, que ao todo é circundada por quatro igarapés. É um lugar calmo, sem ruídos e sem a velocidade da cidade. É bem presente em estudos das áreas de ciências biológicas e agrárias, mas em Literatura, este é o segundo trabalho. E faz parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, juntamente com outras cinco comunidades, conforme mostra o mapa a seguir, a saber: Comunidade Nossa Senhora do Livramento, Comunidade Tatulândia, Comunidade Central, Comunidade São João Tupé e Comunidade Agrovila.

Mapa 3: Localização da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tupé



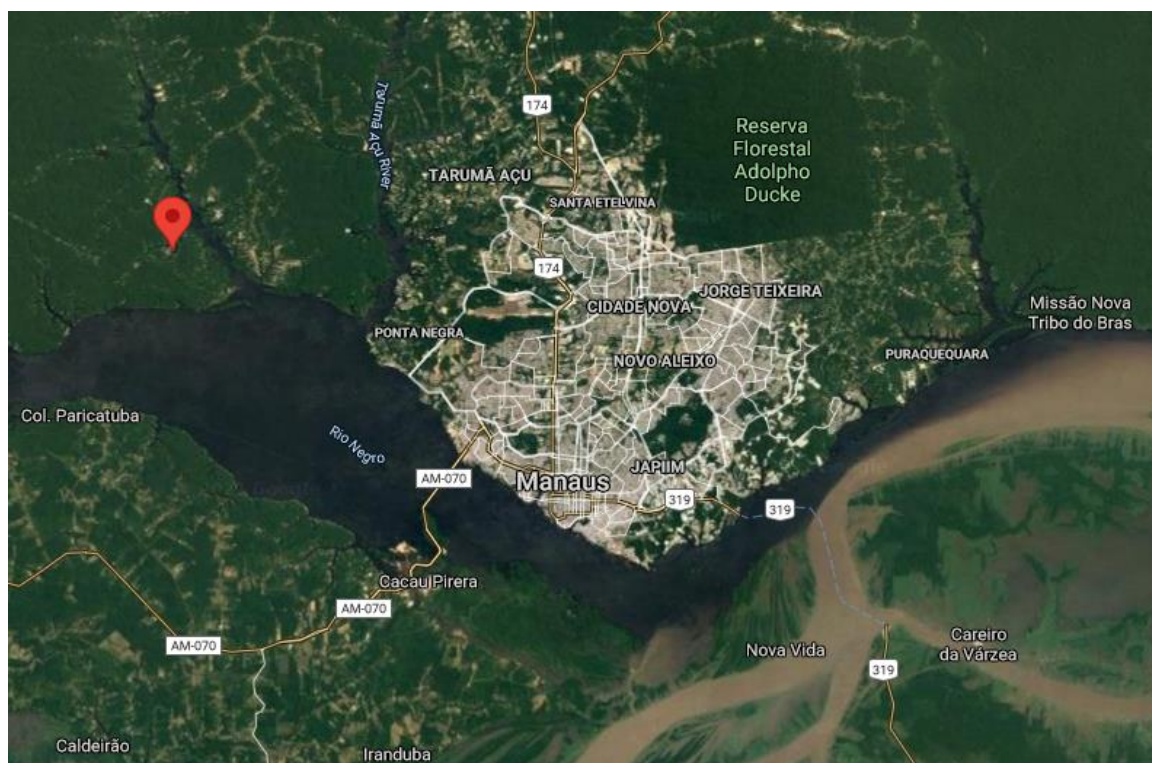
Fonte: Google Earth (<https://earth.google.com/consulta> em 2022).

A palavra Tupé significa esteira grande, feita de talos de embaúba-puruma, é usada para secar produtos da lavoura ao sol. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Tupé - REDE Tupé é administrada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade – SEMMAS, e é a maior reserva sustentável de Manaus.

De 2016 para 2022 não houve mudanças em relação ao transporte de pessoas da zona urbana para as comunidades ribeirinhas do Tupé. É feito somente via fluvial. A empresa responsável continua sendo a Acamdaf, formada por lanchas que saem da marina do Davi, no bairro Ponta Negra e fazem um trajeto, (muito parecido com o de linhas de ônibus que têm caminhos certos para passar e por ser coletivo), passando

por todas as comunidades das redondezas de hora em hora; ou por lanchas particulares.

Mapa 4. Localização da Comunidade do Julião em relação à zona urbana



Fonte: Google Earth (<https://earth.google.com/consulta> em 2022).

A comunidade é bem organizada, possui uma associação dos moradores, onde tratam sobre o comportamento dos mais novos, sobre assuntos que atingem o coletivo positiva ou negativamente. Alguns problemas relacionados à comunicação por meio de telefonia celular ou internet ainda permanecem os mesmos, sendo utilizado para esse fim o telefone rural.

Algumas festas e comemorações religiosas ganharam força, e o número de igrejas aumentou. Quanto à saúde, até o presente momento não foi reformado o posto de saúde da comunidade, conforme o solicitado. Quanto à educação, a Escola Municipal Canaã II, da Secretaria Municipal de Educação – Semed, continua atendendo alunos desde a Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental séries finais.

Em toda a região amazônica, a organização social nas comunidades rurais dá-se de forma tradicional. Concretiza-se por meio de instituições como a igreja e a escola e se expressa por meio de sociabilidade que podem ser

exemplificadas pelas festas religiosas e ainda pela formação de associações de moradores (SANTIAGO, 2014, p. 227).

Ademais, suas características físicas não sofreram mudanças significativas.

## 2. POESIA ORAL: Terminologias para uma escolha de tema

De forma inacabada, trazendo geopoesia, um relato de experiência pode nos auxiliar na compreensão desse narrador amazônico: em uma conversa com um amigo de turma, contava para ele acerca de uma lenda que havia coletado – umas das histórias que serão contadas aqui do personagem Boto, muito conhecido na região Norte. E após ter ouvido tudo atentamente ele retrucou afirmando que não era uma lenda, era verdade que acontecia muito no lugar de origem dele.

Então, voltei para casa com algumas interrogações: O que seria uma lenda? Lenda para quem? Lenda não existiria? A confusão estava instaurada. Mas não há confusão que não possa ser desfeita pela leitura, pois esta desfaz, faz, ou refaz nós, vai depender de seu uso. Naquele momento desfez, e, mais para frente, fez outros nós, dessa vez, que fortaleciam conceitos mais subjetivos, que nos permitiram olhar para nossos semelhantes, perceber suas diferenças, e mais do que isso: nos colocarmos no lugar deles. É que precisamos conhecer para, depois, saber.

Respondendo à primeira pergunta: “O que era uma lenda?” Nelly Novaes Coelho, em *Literatura Infantil: teoria, análise, didática* (2000) afirmou que:

A lenda (lat. *legenda*, *legere* = ler) é uma forma narrativa antiquíssima, geralmente breve (em verso ou em prosa), cujo argumento é tirado da Tradição. Consiste no relato de acontecimento em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. É transmitida e conservada pela tradição oral. É também ligada a certo espaço geográfico e a determinado tempo (COELHO, 2000, p. 17).

Sim, a lenda é tudo isso, mas é preciso refletir sobre alguns questionamentos. A respeito da segunda questão, “Lenda para quem?” Precisamos partir de um ponto referencial, portanto o lugar onde ela é contada será nosso ponto referencial (geralmente, na narrativa oral o lugar onde é contada é o mesmo do enredo). A partir disso, ampliaremos as reflexões a partir desses questionamentos: é lenda para quem está fora desse lugar ou dentro dele?

Respondendo a segunda pergunta, já sabemos que a lenda é uma narrativa breve, em verso ou em prosa, transmitida e conservada pela tradição oral, e que está ligada a determinados tempo e espaço geográfico. Consiste neste último elemento a variação entre o ser e o não ser, pois por ser de tradição oral, depende de quem narra a história dizer se é verdadeira ou não, acreditar ou não.

Para explicar isso, consideramos esse diálogo factível entre duas pessoas nascidas em um município do Amazonas – Manaus – como nosso ponto de referência. O certo é que para a geopoesia cada narrativa abarca ciclos, migrações, vozes e letras. Na condição de bem-dizer e o ato de contar/narrar o geopoeta define a versão, a sua condição de portador criativo da tradição e se coloca como aquele que movimenta raízes e rizomas nas raizamas.

Primeiro, imaginemos que a primeira pessoa que saiu de seu lugar de origem e morou em Manaus ou em outra capital, e que para essa pessoa essa narrativa tenha deixado de ser verdade, e que seja só mais uma história contada pelos mais velhos para fazer medo ou alcançar outro intento. Posteriormente, imaginemos que a segunda pessoa, tendo realizado o mesmo percurso, mas para ela a história não tenha perdido força de verdade, antes, afirma com veemência que além de ser verdadeira, aconteceu com um membro de sua família, senão, consigo mesma.

Para a primeira pessoa esse texto será lenda, pois ela já emite um julgamento diferente do dos membros de sua comunidade a respeito do texto, e apresenta uma explicação para um episódio que para ela todos sabem o que acontece por detrás da tessitura narrada em sua comunidade. E deixa de acreditar nas histórias contadas pelos mais velhos tanto quanto um dia deixamos de acreditar em Papai Noel, ou melhor, nas histórias dele contadas por nossos pais. É a natureza do ser humano que apresenta dificuldade de acreditar outra vez depois de uma descoberta acerca de determinado objeto, e isso ocorre por vários fatores. Para esses casos sim, o primeiro indivíduo percebe o segundo, como alguém que acredita que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro, pois há como ponto de referência alguém que não acredita em determinada narrativa, por isso esse alguém a chama de lenda.

Para a segunda pessoa, não podemos chamar a narrativa do Boto de lenda, pois isso seria suprimir, silenciá-la de seu direito de dizer o que é ou não verdade para ela; é desrespeitar um ser humano dentro de seu lugar de cultura. Nesse caso, podemos afirmar que o histórico e o verdadeiro não sobrepõem o maravilhoso e o

imaginário, e sim que caminham juntos, por isso não chamaremos as histórias aqui contadas de lendas, mas de narrativas, pois é vista como verdade.

Há um lugar de encontro na narrativa. Todas as pessoas têm uma história para contar, independentemente de sua condição social, familiar e idade. Ao contar uma história, o homem do campo se esquece de seus problemas, suas dores, e volta a sorrir como quem viu a porta da infância aberta outra vez, e rememora e volta a caminhar pelos caminhos cerrados pelos apagamentos do tempo. Narrar permite estabelecer relações novas. Permite se tornar mais humano e humanizar o outro também. O narrador do Julião vê a vida em círculos, entre pontos altos e baixos. Os pontos de equilíbrio não estão nesses polos, mas são eles que geram a aprendizagem e a excitação da vida.

Mas não é Lenda do Boto o título da história contada nos livros dos contos? Eis uma questão muito simples de ser respondida: sim, pois nos livros, a narrativa proveniente da oralidade está fixada por um autor que ouviu a história e a escreveu, mas não faz parte do meio em que ela é contada, e se faz, é preciso levar em consideração suas andanças, o que falamos nos parágrafos anteriores. Eis a diferença de uma obra escrita, cujo suporte é o livro, seja impresso ou digital para uma obra essencialmente oral, cujo narrador é vivo, e se a história não aconteceu com ele, aconteceu com alguém de seu círculo de convivência ou do de alguém conhecido, ainda mais se for morador da beira do rio, uma forma de inserir a história de outro a sua. Portanto, podemos afirmar que a lenda existe sim, mas sua existência depende do olhar de quem conta, ou seja: será sempre necessário que o ouvinte/leitor tenha isso em mente.

Depende também de uma relação profunda com a água. Note-se que para a geopoética centroestina o Boto também é uma figura sempre presente nas narrativas orais e na literatura de campo de tantos autores do altiplano cerratense, como coloca Bariani Ortencio em seu Dicionário do Brasil Central:

**Boto 1** Cetáceo da Bacia Amazônica, muito comum na região do Araguaia: até os botos indolentes e inofensivos, em seus mergulhos vadios.” F. Brasileiro, NSR, 42 “...num ponto do Araguaia onde estou canso de pegar peixe, e um casal de botos arfou e uma Piratinga saltou abrindo um rombo no espelho d’água...” C. Bernardes, OP, 19.4.1970. “Os botos surgiam, repentinamente, rodopiando na superfície das águas...” J. Faria, p. 206. **2** Diz-se daquele que se transforma em rapaz bonito em noite enluarada e possui as donzelas, engravidando-as. Qualquer gravidez duvidosa põe-se a culpa no boto: “Homem viajando só quer aproveitar das ingênuas, depois desaparece deixando as bobas com visita de boto! B. Ortencio, SSF, 41. ... a

barriga grande, as dádivas, / as lagoas, o boto mulherengo, / a multidão das ilhas.” J. Garcia, AM, 90. “No Araguaia o boto faz suas aventuras até chegar ao Amazonas, via Tocantins...” R. Lacerda, PC, 15. (ORTENCIO, 2009, p. 119).

Muito interessante notar essa compilação em que o boto é personagem ribeirinho. Do cotidiano, como na parte 1 do verbete e da narrativa do boto sedutor como na parte 2 do verbete. Cada elaboração ganha seus próprios contornos, e mesmo dentro das *formas simples*, respondem, nesses livros de geopoésia, diálogo com a oralidade, com a criação espontânea da voz coletiva e certa do povo.

Para muitos estudiosos, tratar esse tipo de texto como folclore é a atitude mais acertada, pois o termo literatura causa certo estranhamento, por ser proveniente da palavra latina *littera* que significa letra, apontando para a escrita e sua arte. O termo folclore, *folk - lore*, por sua vez, significa, respectivamente, povo e saber, e foi criado pelo arqueólogo inglês William John Thomas (1803-1885).

Paul Zumthor (1915-1995) em *Introdução à poesia oral* (2010, p.19) assegura que esse termo permitia a passagem para o inglês (e para o francês logo após) das ideias de *Volksgeist*, daí *Volkspoesie*, *Volkslied* (espírito, poesia, canção do povo, respectivamente), que foram lançadas por Herder e os irmãos Grimm entre 1775 e 1815. Depois, foram utilizadas na Alemanha até 1870, ainda que modificadas ou adulteradas pela ideia de *Naturpoesie*, (poesia da natureza, anônima, tradicional, simples, autêntica) dos Grimm, enaltecida por uns. Assim, opõe-se à cultura erudita, ocupando uma posição subalterna. Ainda nessa obra, o referido autor informa que, no final do século passado, a palavra folclore ganhou bastante espaço em estudos, no entanto, apresentava um conceito muito vago, não recebendo nenhum valor científico por parte de muitos etnólogos; e também com diversas práticas de animação turística e de recuperação de regionalismos. E se não bastasse, Jakobson em *Essais de linguistique générale*<sup>5</sup> (1963) afirmou que os estudiosos que utilizavam o termo compreendiam-no de modos diferentes, tais como: fatos da língua ou que abranjam todo tipo de atividades e comportamentos como em *Dictionary of Folklore Mythology and Legend* (1949), de Maria Leach.

---

<sup>5</sup> Os Fundamentos da Linguagem: Ensaio em Linguística Geral I (Publicado pela primeira vez em 1963 por Editions de Minuit em 1963) são anotações de aulas expositivas de Saussure. Embora apresente limitações no campo da compreensão do discurso, da voz, da vocalidade, também marca uma fundamentação no pensamento linguístico.

Num grande número de publicações, em diversas línguas, Jakobson deu um impulso decisivo ao estudo dos vários campos da linguística – teoria geral, fonologia, morfologia, semântica, poética, métrica. Ajudou a fundar a fonologia histórica, o estudo das áreas individualizadas, a tipologia das línguas; desenvolveu a noção de *estrutura* que possibilitou uma formalização progressiva da linguística, refinou a teoria das *funções* da linguagem e elaborou a tese saussuriana do vínculo indissolúvel do *significante* e do *significado*. Deixou sua marca nas demais ciências humanas – etnologia, mitologia, psicanálise, teoria da comunicação – e seus escritos movem-se numa semiologia geral que a Saussure previu. Embora hoje seu pensamento apresente muitas limitações e nossa Tese aborde justamente autores que mudaram isso, tais como Bakhtin e Zumthor, vale recordar que os livros didáticos, muitos deles ainda, alimentam-se das “funções da linguagem” preconizadas por Jakobson.

Além disso, essas tendências continuaram sendo ampliadas, e, por conseguinte, abrigaram uma perspectiva sociológica, “um folclore-em-situação”, essencialmente um processo de comunicação. Esse caráter é visto por Zumthor (2010, p. 19) como incerto, pois, sendo ou não objeto de tradição, seus componentes poderiam se manter estáveis por muito tempo. Essas linhas definidoras servem para toda a poesia oral.

Naquela época, essa narrativa que vinha do povo recebia diferentes terminologias como: estudos folclóricos, literatura popular e literatura oral – o termo geopoesia surge, justamente, para agregar todos esses termos e evitar, ainda o uso pejorativo dos mesmos. Cada época escolhe e cria suas palavras – na raizama, a diferença é que a própria ciência também tem liberdade para realizar esse processo de criação de palavras. Isso acentuava a desqualificação dela por não haver uma terminologia única, uma identidade. É importante evidenciar que há diferenças entre os termos: folclore, popular e oral; e mostrá-las faz-se necessário, pois apontam para a nomenclatura a ser utilizada no *corpus* deste trabalho. Como coloca Jerusa Pires Ferreira, sobre Paul Zumthor, “Hoje é fundamental para a área de estudos que delineou e à qual conferiu dignidade, para além do pitoresco ou folclorizante, o exercício de conceitos como performance, movência, nomadismo (FERREIRA, prefácio, 2018, p. 07). Veja que no próprio discurso da pesquisadora temos essa concorrência entre os termos, onde há uma preponderância da “performance” sobre o elemento “folclorizante”. Mas, ainda, no campo escolar e entre estudiosos da cultura popular o termo folclore ainda é muito utilizado. Não com a carga pitoresca que ele

recebe na Academia, mas com a visão de que o folclore são as manifestações vivas desses grupos e, por conseguinte, de seus ancestrais “que de tão longe vem vindo”, como disse Carlos Rodrigues Brandão (2004).

O próprio Zumthor nos diz que “A noção de literatura é historicamente demarcada, de pertinência limitada no espaço e no tempo: ela se refere à civilização europeia, entre os séculos XVII ou XVIII e hoje” (ZUMTHOR, 2014, p.16”). Para ele a poesia é um meio de arte da linguagem humana não importando seus meios de materialização, e está baseada nas estruturas antropológicas mais profundas. Sua abordagem a respeito do preconceito literário em relação à poesia assegurada pela voz, não o deixa unir ao termo literatura, e evidencia isso quando diz: “Foi dessa perspectiva que me coloquei o problema da poesia vocal (insisto no adjetivo) e afastei os pressupostos ligados à expressão, infelizmente frequente, ‘literatura oral.’” (ZUMTHOR, 2014, p.16).

Nos Estados Unidos, por exemplo, a palavra folclore compreenderá tudo o que é da tradição oral; e popular é tudo o que for de difusão mecânica assim como a música popular afirma Zumthor (2010, p.22). Já na Inglaterra, até por volta de 1900, toda literatura que não era europeia, os eruditos consideravam folclore, mas sabemos que muitos textos eruditos têm origem comprovada no povo. Não podemos nos esquecer de que a poesia deixou de ser oral quando se despreendeu da voz e passou a ser escrita, mas ao fazermos a leitura em voz alta, percebemos a presença da musicalidade nela. Ainda, nessa utilização o escritor e pesquisador do Brasil Central, Bariani Ortencio, utiliza a palavra folclore de forma positiva – agregando todos os elementos de movência e nomadismo que o seu dicionário cerratense tem.

Tanto a escrita quanto a oralidade fazem parte de uma cultura que inclui a palavra, a diferença consiste na forma de apreensão; uma, através dos ouvidos, outra através dos olhos. E, claro, no status, habitus, como coloca Marcel Mauss (1934) acessos que cada modalidade movimenta. Em relação a isso, Frederico Fernandes, em sua obra *Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira* (2002) afirma que “As questões de ordem estética não podem ser apreendidas unicamente pelo aspecto formal, como muitas vezes se faz na literatura escrita. A forma de narrar é, por excelência, artesanal” (FERNANDES, 2002, p. 15).

No Brasil, os estudos literários sobre a literatura produzida pelos povos tradicionais vêm crescendo, ainda timidamente em comparação aos de outras obras literárias. E, mesmo muitos estudiosos não aceitando a existência dela, e os



professores não a abordarem numa sala de aula do Ensino Médio onde há uma disciplina voltada para literatura esse processo vem mudando. Mesmo não estando ligado a nenhuma escola literária essa vocalidade narradora existe, e este país é um celeiro delas. Como sementes oriundas de vários lugares, esperando para serem lançadas em solo fértil a geopoésia arvorecer-se de vozes, corpos, letras.

Estes, são indivíduos que sabem ler e escrever, mas não alcançam as etapas: compreender, interpretar, conhecer e pensar conforme a Pirâmide representativa das etapas da leitura literária, segundo Zemaria Pinto (2009, p.10) na leitura de textos literários e também na escrita. Apesar de muitos estudiosos não verem esse tipo de estudo com bons olhos, é o que vem dos povos originários que habitam nos primeiros textos de nosso país; *reexistindo* (SILVA JUNIOR, 2018, p. 71), mesmo diante de todas as situações adversas; e aos poucos, é aceita e conhecida.

Não podemos nos esquecer de que foi do campo que saíram textos para compor uma das obras literárias do Modernismo mais conhecida neste país, e traduzida para outras línguas também. Trata-se do romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade, publicado em 1928, que representa o imaginário amazônico. E é importante saber que:

A Amazônia vem oferecendo à cultura em geral e aos grandes movimentos artísticos brasileiros, em maior quantidade, temas resultantes do seu imaginário social. Serve de exemplo o mito dos índios macuxi, *Macunaíma*, recriado no romance do paulista Mário de Andrade, um dos principais nomes da moderna literatura brasileira (LOUREIRO, 1995, p. 65).

Mas bem antes disso, ainda em 1500, quando os primeiros viajantes chegaram aqui no Brasil, dedicaram-se a tomar notas de tudo o que viam. Tudo era novo para eles e foi em relação ao que pertencia a terra e a quem pertencia que se dispuseram a escrever, e com espanto fizeram suas observações:

As pessoas desta ilha e de todas as outras que falei e não ouvi falar, estão todas nuas, homens e mulheres, assim como suas mães, embora algumas mulheres cobrissem por um único lugar com um lençol de yerua ou algo de algodão que eles fazem para isso. [...] são todas pessoas de muito bom respeito, nem são negros como na Guiné, saúdo-os com os seus cabelos soltos, e eles não crescem onde há muito ímpeto dos raios do sol. (CRISTÓBAL COLÓN, p. 4)<sup>6</sup>

Nessa carta escreveu sobre a fauna, a flora e os nativos, mas é importante observar como foi o primeiro olhar do europeu para aquele que por ele seria chamado de índio, no tempo em que ocorreu o tão conhecido “descobrimento do Brasil”. Passados séculos após essas primeiras observações, muitos estudiosos passaram a conviver em meio a alguns povos. Isso possibilitou o registro da língua e da cultura em geral, e também de narrativas orais, na maioria mitos, mas já havia as lendas deles. Iniciava desse modo a etnoliteratura no Brasil e a literatura de campo, pois essa vocalidade já existia muito antes da tal “descoberta” do Brasil.

Segundo Freire (2004, p. 140), a região norte teve muitos desses estudiosos. Há um conjunto muito maior de viajantes e colonizadores, mas trazemos alguns deles, listados no quadro abaixo:

Quadro 1. Um breve histórico das coletas de histórias dos povos tradicionais no Amazonas

José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) nasceu na Diamantina, Minas Gerais.	Aprendeu a Língua Geral, coletou narrativas e as publicou em francês, italiano, alemão e inglês.
Charles Frederick Hartt (1840-1878) era geógrafo e geólogo, de nacionalidade canadense.	Fez estudos acerca da fauna da Bacia Amazônica, aprendeu nheengatu e coletou mitos amazônicos sobre a tartaruga.
João Barbosa Rodrigues (1842-1909) veio para Manaus em 1872.	Explorou a região dos Waimiri-Atroari, na época, Jauaperis. Coletou contos e cantigas nessa língua, publicados na <i>Poranduba Amazonense</i> .

<sup>6</sup> La gente desta ysla y de todas las otras que he fallado y hauido ni aya hauido noticia, andan todos desnudos, hombres y mugeres, así como sus madres los paren, haunque algunas mugeres se cobrían un solo lugar con una foia de yerua o una cosa de algodón que pa ello fazen. [...] es toda gente de muy lindo acatamiento, ni son negros como en Guinea, saluo con sus cabellos correndíos, y no se crían adonde ay ímpeto demasiado de los rayos solares. Fonte: Carta de Colón anunciando el descubrimiento Cristóbal Colón Edición: eBooket [www.eBooket.net](http://www.eBooket.net)  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000067.pdf>

Conde Ermanno Stradelli (1852-1926), italiano, naturalizado brasileiro em 1893. Viveu em Manaus e em Lábrea.	Estudou o nheengatu e coletou muitas narrativas, publicou a respeito dos povos do Uaupés – rio Ucaiari. Três anos após sua morte, foi publicado o vocabulário <i>Português-Nheengatu e Nheengatu-Português</i> .
Antônio Brandão de Amorim (1965-1926), nasceu em Manaus.	Coletou narrativas indígenas, com a ajuda de um indígena, que foram publicadas por sua família após sua morte – em edição bilíngue intitulada <i>Lendas em Nheengatu e Português</i>

Freire (2004).

Embora tenha ocorrido muitas coletas no processo colonial, no Amazonas, muitas dessas histórias foram perdidas ou fragmentadas com a dizimação dos povos. Essas narrativas eram muito importantes, pois por meio delas e dos rituais de passagem, a história, o conhecimento, as palavras, comportamento e normas eram repassadas aos mais novos.

Os estudiosos mencionados no quadro 1 foram os responsáveis pelos primeiros estudos de Poesia Oral, cuja subdivisão seria a *Etnoliteratura*. É importante deixar claro que as histórias trabalhadas aqui foram coletadas como um coletor faz em determinado terreno. Buscamos as raízes e os rizomas para chegar na raizama. Raizama implica as ramificações rizomáticas, a história (como intérprete do Brasil, mas implica também o feixe de vozes – trabalho, como colocam Silva Junior; Sara Rabelo & Paula neto, 2021 – de traduzir e “ajuntar” histórias e vozes do “bemdizer”.

Por esse motivo, faz-se necessário semear essas palavras para que futuramente germinem e cresçam enchendo o terreno e a esperança dessa Tese: reflorestar o pensamento, como coloca Sonia Guajajara (2021; [https://www.youtube.com/watch?v=zYa\\_RP5BuZc](https://www.youtube.com/watch?v=zYa_RP5BuZc))

Outros trabalhos com a temática das narrativas orais têm sido feitos mais recentemente, resultantes de dissertações de mestrado de programas das universidades públicas do Amazonas. E há algumas décadas, essas narrativas vêm sendo publicadas em livros infanto-juvenis por autores desta região, sempre adaptadas, transformadas em traduções coletivas (com vozes e ilustrações; trabalhos cinêmicos). O importante para a geopoésia, sempre, é o registro delas. Também,

filmes como “Ele, o boto” (1986), dirigido por Walter Lima Junior, muito contribuíram para a divulgação e conhecimento dessas narrativas por pessoas de outras regiões do Brasil. A geopoesia tem muito a ser estudada, em especial na Região Norte. E nela há tantos “mitos, cantigas, lendas, causos” a se darem por conhecer quanto sua extensão territorial. As narrativas existentes dependem das vozes associadas à forma de ver o mundo. Visão de mulheres e de homens que se criaram rodeados por água e floresta, e que precisaram aprender a viver em meio aos perigos que elas oferecem, e também à vida e raízas que ambas proporcionam.

Em relação à narrativa, Coelho (2000, p. 92) afirma que é um *corpus* gerado a partir de uma voz que narra a partir de um ponto de vista; está localizado dentro de um espaço e tempo. Utiliza um discurso que alcança seu ouvinte leitor/ouvinte, e há a presença de personagens que vivem as ações, e está presente em diversos gêneros: novela, conto, lenda, mito, aparições, novelas, poesias. Eis a palavra que consegue reunir todos os gêneros a serem apresentados aqui neste trabalho, pois é que embora nem sempre sejam escritas, as narrativas estão presentes em todas as comunidades, e não há um indivíduo que não tenha uma para contar: “Ela pode ser assegurada pelo gesto, pelo gosto, por uma imagem fixa ou em movimento registrada pela mente, e pode ser transmitida pela linguagem escrita ou oral”, (SABOIA, 2016, p. 15).

A *Geopoesia* é uma teoria que vem sendo pensada na última década, mais especificamente, foi gestada desde as experiências etnográficas de Augusto Silva Junior: 1995 (visitas guiadas, sob orientação da Escola Técnica Federal de Goiás, a empresas de Mineração); 1997/1998 (participação no processo de “salvamento” da Língua Kanoê, de Rondônia); 1999 visita à Comunidade Quilombola Kalunga, em participação no projeto Universidade Solidária.

Mas, um dos pilares é o próprio etnógrafo que passou a ser crítico literário, Antonio Candido:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1995, p. 174).

Assim, nesse painel instigante que *Os parceiros do Rio Bonito*<sup>7</sup> encetou na década de 50, até os processos de cultura popular que o próprio crítico modernista movimentou, importantes conquistas se deram nas últimas décadas. Se Antonio Candido promulgou a Direito a literatura em 1988; a geopoesia, na última década vem conclamando o direito ao literário – exercício dessa Tese. É nesta senda que brota o resultado do esforço do trabalho do indivíduo que desloca para etnografar, anotar, traduzir em tese ou livro. E é desse brotar que vem parte de seu sustento e de sua palavra. É dela, ainda, que Antonio Candido extraiu matéria necessária para construir esse perfil engajado e atuante no universo literário.

Sabemos que o prefixo, pensando na raizama da palavra geopoesia, *Geo-* vem do grego *Gaia* e significa terra, que é sinônimo de vida, pois é um dos elementos essenciais à vida, juntamente com a água e o ar. Ao mesmo tempo, *geo-* advém de *Gwaya*, palavra que significa contadores de história e que dá origem à palavra *Gwayazes*, *Goyazes*, *Goiás* (Toponímia, do tupi: *gway* = gente; *yá* = igual). Essa grande nação do Brasil Central, com suas narrativas incertas e ampliadas pelos portugueses, retorna na própria teoria do literário – que é a geopoesia (SILVA JUNIOR, GONÇALVES RABELO e MARCOS NETO, 2021).

É no significado desse prefixo – *Geo*, que encontramos a perfeita junção para a palavra poesia, pois também é seu ambiente, seu lugar de origem. A terra exala poesia por meio da flor que existe no campo; do ser, que encontra nela repouso derradeiro; do animal que se esconde por entre as árvores; das chuvas que caem nela. Mas é com o ser humano, que palavra, que está o poder de transmitir a poesia. Seja essa geo-poesia feita pelas mãos ou pela voz, como num ciclo da existência, seja a geopoesia da imaginação e do devaneio – porque tudo que está no mundo, na palavra mundo, precisa da voz e dos olhos para ser traduzida.

Assim como o homem está para a terra, a poesia está para o homem, enquanto moradia. Em *Os parceiros de Águas Lindas: Ensino de Literatura pelas Letras de Goiás (2018)* é apresentada para nós a *Geopoesia* por meio de um poema cujo título é: “Música de morar”. Esse poema é um dos que compõem a obra *Araguaia Mansidão*

---

<sup>7</sup> A Tese de Antonio Candido foi defendida em 1954 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Foi publicada em livro, somente em 1964, na coleção Documentos Brasileiros, da editora José Olympio. É considerada um dos pilares da geopoesia e um grande exemplo do fazer *etnoflânerie* da literatura de campo.

(1972), de José Godoy Garcia. Nele, ela é apresentada como sinônimo de abrigo, casa de morar. É nesse poema que encontramos a definição para a teoria a ser utilizada neste trabalho:

Uma casa de morar rio é casa de morar peixe,  
É casa de morar noite é casa de morar estrela.  
Uma casa de morar gente é casa de morar corpo.  
Corpo é casa de morar mundo, mundo é casa de estrada e mar.  
Uma casa de morar laranja é de morar pássaro,  
e o voo é a casa de morar pássaro e noite é casa de dormir.

Manhã é casa de sol.  
Uma casa de morar vida é a mulher com seu corpo.  
Uma estrada é uma casa de morar sonho, e uma casa de guardar sonho é o corpo da mulher,  
e uma casa de reviver e recriar sonho é livro,  
e uma casa de amor é um livro e o corpo da mulher.

A casa de Chaplin é uma rua  
e a casa de Chaplin é um chapéu,  
a casa da liberdade é a Terra,  
e a casa do tirano é a floresta.  
A casa do corpo é também a roupa  
E a casa do palhaço é o circo  
E a casa do fardado é a caserna  
E a casa do povo é a rua.

E a casa do homem? Ah, é a Terra. (GARCIA, 1972, p. 61).

Godoy Garcia nasceu em Jataí, Goiás, e andou por várias cidades de seu Estado, considerando, ainda, a parte que passou a se chamar Tocantins e a pertencer à Região Norte. Passou seus últimos anos de vida em Brasília:

Compôs, assim, memórias de diversos “goyazes” e cerrados, não só com a pena, mas com uma enxada que escrevia – posto que, no esteio de Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, seus conterrâneos, sempre compreendeu o fazer poético como ação social de inserção histórica, política e intelectual. Fazeres com palavras que facultaram movimentos do Centro-Oeste numa extensão, mesmo que limitada, na cena cultural brasileira. (SILVA JUNIOR, 2018, p. 94)

Essa casa de morar consiste no fazer poético do escritor goiano. E o que seria essa moradia? “Casa de morar geopoeta é a floresta, a liberdade, e a verdade” (SILVA JUNIOR, 2018, p. 71). A casa enquanto lugar de domicílio, habitação, lar, abrigo, aconchego, conforto, onde se guarda segredos e moram afetos, memórias de quem nela reside. Acaba ganhando vida própria, tornando-se parte da identidade de seu morador. Conquanto esteja estreitamente vinculada ao poeta citado, a *geopoesia* se estende a todo o Brasil, pois há muitos Josés, *geopoetas* espalhados pelas

cidadezinhas deste país. A poesia, então, encontra guarida nesse homem do campo em tempos de *reexistência*.

No Amazonas, na Amazônia, as atividades do campo *reexistem* a muitas dificuldades impostas pela natureza. Enquanto resistir nos aponta força e determinação diante das dificuldades, *reexistir* (re-existência) nos mostra novos ressurgimentos de pessoas, animais e coisas. As pessoas que vivem no campo têm um tempo diferente, inclusive a medição dele. Elas sabem o tempo de plantar e o tempo de colher, o tempo de construir e o tempo de se abrigar, o tempo de falar e o tempo de calar. Elas sabem quando é bom navegar e quando não é. Não possuem bússola, mas sabem a direção de suas casas conforme a direção do sol. Sabem ressurgir diante das dificuldades, e mais fortes e seguem entre remansos e banzeiros.

### **3. O narrador da *geopoesia* nas narrativas amazônicas**

A respeito do narrador, Walter Benjamin (1892-1940) escreveu um ensaio intitulado *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* – publicado em 1936. Apesar de terem se passado 84 anos, observamos que esse texto é utilizado como base para muitos estudos no que se refere ao tema mencionado, tanto em relação a conceito quanto a características fundamentais, incluindo este, em que pretendemos afirmar a existência de narradores profícuos na comunidade estudada.

Naquela sociedade, o presente autor afirma que embora o termo narrador parecesse familiar, não era mais presente em eficácia viva. Além disso, descrever Nikolai Leskov<sup>8</sup> como narrador significava distanciar ainda mais as pessoas dessa palavra, pois para ver essa característica nele era preciso estar a uma distância adequada e em um ângulo favorável. Tanto ângulo quanto distância são impostos por uma experiência aproximadamente cotidiana. Era justamente essa experiência que apontava que, segundo o pensador judeu, a arte de narrar caminhava para o fim. Em tempos de mal-estar na Europa, ascensão de regimes totalitários e prenúncios de uma guerra que voltava, Benjamin fala de um silenciamento e, ironicamente, busca um autor russo do século XIX como seu referencial de um narrador oral – que podia ser

---

<sup>8</sup> Nikolai Leskov nasceu no povoado de Gorókhovo, na Província de Orjol em 1831, e morreu em 1895 em S. Petersburgo, às margens do Volga, na Rússia. Devido a um emprego teve a oportunidade de viajar por toda a Rússia, quando conheceu muitas histórias, fazendo literatura de campo e transformando suas narrativas em geopoesia.

localizado em livro. Em diálogo com a geopoesia, nossos narradores, mesmo diante de um momento de mal-estar pandêmico no mundo e de movimentos totalitários no Brasil, ainda acreditamos e encontramos narradores orais capazes de intercambiar experiências. Enquanto Tese que pratica a literatura e campo – vamos traduzindo essas narrações em degravações e análises.

Essa experiência, que passa de boca em boca, é a fonte recorrida de todos os narradores, e das narrativas escritas, as melhores são as que menos se diferenciam das narrativas orais contadas por anônimos. Segundo Benjamin existem dois grupos, cujos representantes arcaicos são: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Este é o que sai de seu lugar de origem e aprende muitas histórias, tendo muito a contar quando retorna; já aquele permanece em sua cidade e também sabe muitas histórias (crendices e tradições) sobre o lugar em que vive. De certo que cada grupo gerou linhagens de narradores com características próprias, Benjamin (2012, p. 214) e a faculdade de intercambiar experiências Benjamin (2012, p. 213).

Em nosso trabalho temos navegadores do Rio Negro. Pessoas que migraram de vários lugares e que escolheram a Comunidade do Julião como lugar para ficar entre uma condição camponesa sedentária, mas, também criando uma variante amazônica: que são esses “moradores de orlas, de penínsulas, de ilhas” que vivenciam navegações e localizações. São eles a base de nossas narrativas orais.

A saída com retorno certo para o lugar de origem é feita sempre quando se tem a finalidade de comprar, vender e trocar mercadorias na área urbana da capital e voltar para vendê-las, consumi-las. Dependendo do lugar e das condições dos rios, épocas de cheia e/ou de estiagem, esse percurso pode durar muitos dias. O trajeto é objetivo, não é uma viagem para conhecer, embora haja sempre sabedoria. São seres itinerantes que, também, se enraízam, se enraizamam.

Porém, longe dos mares não caberia exatamente a palavra marinheiro, no entanto, esse narrador traz suas poesias, suas cantigas de seu lugar de origem e a deixa na grande cidade de Manaus com suas áreas urbana e rural. Cada morador leva consigo algumas das paragens misturadas às suas experiências de viagem, por isso, adotaremos o termo *geopoeta*, logo, o chamaremos de *geopoeta* itinerante.

Outra variante que podemos apontar são aqueles que vêm visitar a parte urbana da cidade uma ou duas vezes por ano. Esses, geralmente, ficam na casa de algum parente e que se deslocam para tratamentos hospitalares e/ou fazer exames na área da saúde. Seu itinerário é certo, mas o tempo de estada é relativamente



incerto – a depender dos tratamentos, das condições de sobrevivência. É um deslocamento, nem sempre documentado, mas que o observador do cotidiano está sempre ligado.

No caso específico de nossa tese, quando pensamos nas áreas-narrativas ribeirinhas temos aqueles que viajaram por dias num barco, trazendo consigo sonhos e famílias e pararam nessas zonas periféricas da cidade de Manaus. Nessas paragens, entre vilarejos e bairros longe do Centro, ou comunidades muito distantes da zona urbana, também estão as crianças que se movimentam em barcos e canoas para estudar. A esses movimentos dentro do estado chamamos de transmigração<sup>9</sup> e as narrativas estão fortemente ligadas a essa relação com as águas, com a floresta, com seres de orla, por isso o título “Geopoesia Amazônica: Vozes ribeirinhas entre saberes e ensino”.

Se naquele tempo, “o sistema corporativo medieval contribuiu especialmente para essa interpenetração” (BENJAMIN, 2012, p. 215) de modos de narrar na Europa, pois o mestre sedentário trabalhava junto com o artífice viajante; na comunidade estudada, muitos narradores receberam as histórias enquanto trabalhavam, enquanto navegavam a trabalho ou a partir de alguma necessidade prática de traslado.

Um momento que julgamos ser muito importante nesse rito de passagem é também, a hora antes de dormir, pois nesse momento de não-trabalho, a hora de espera do sono, o encontro entre familiares e vizinhos sempre facultava histórias, cantigas, diálogos. Isso estabelece vínculos, estreita relacionamentos entre pais e filhos, tios e sobrinhos, avós e netos; além de ampliar o conhecimento acerca de como funcionam as coisas e a vida:

Na época, eu era criança, na infância mesmo. A gente morava no interior. Então, na época, a minha mãe tinha bastante tempo de contar essas histórias pros filhos. Sempre era a noite, antes de dormir. A gente vivia... Naquela época era lamparina, a gente colocava a lamparinazinha e contava história pros filhos (Relato oral de Raimunda N. P. da Silva, coletado em fevereiro de 2015).

São pessoas como essas que trazem essas histórias para a existência, em várias partes desses brasis liminares chantados na (vida da) floresta. Narrativas como

---

<sup>9</sup> A transmigração seria a mudança de casa, de bairro, de cidade dentro de um mesmo estado. Morador de orla é termo criado pelos professores Augusto Silva Junior e Itamar Paulino – em estudos voltados para a orla de Santarém – Rio Tapajós.

essas foram definidas por Walter Benjamin como verdadeiras, por que tinham uma utilidade: “Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte.” (BENJAMIN. 2012, p. 216). A visada dialética aproxima palavra e trabalho – isso também reverbera na teoria da geopoesia e na ideia de raizama.

Evidentemente, nas narrativas coletadas, há muita utilidade, isso porque são manejadas pelos mais velhos para advertir e/ou ensinar os mais novos ou pessoas de fora do Estado sobre os perigos oferecidos pelos rios: Negro e Amazonas, pelos seus afluentes e igarapés. Tanto as águas escuras do primeiro, quanto às águas barrentas do segundo escondem muitos animais carnívoros, bancos de areia, pedras imensas, profundidades e correntes profundas. Os veios menores também movimentam uma imensidão natural, sempre prestes a levar um humano às profundezas. São muitos os obstáculos oferecidos pela geografia do lugar, que é bastante complexa e diversa para navegantes principiantes. E, ainda, os perigos presentes na floresta que se constitui de fauna e flora numa fusão profunda do ambiente. Essa profusão certamente alimenta, também, tudo aquilo que é chamado de lenda e folclore, narrativa oral e mito (como já apontamos em outros momentos da tese).

Para os indivíduos que vivem nessas comunidades, atravessar os rios é questão de sobrevivência. E dar conselhos aos mais novos é muito mais do que dar respostas, é ensinar a domar as águas, pois para percorrer os rios desta região é preciso conhecê-los. Sendo assim, aprender a atravessar um rio é aprender a atravessar a própria vida de modo seguro, uma vez que a água está presente em toda essa geo-graphia (SILVA JUNIOR; MARQUES, 2015).

Naquele tempo, Walter Benjamin afirmava que dar conselhos era dar direcionamento para o prosseguimento de determinada história, isso era bem mais do que simplesmente responder a uma pergunta. Também, que essa atitude soava como antiquada, pelo fato de as experiências estarem perdendo sua comunicabilidade, motivo que uma pessoa não poderia buscar sabedoria, quanto mais partilhar. E, para receber essa orientação era preciso primeiro saber narrar a história, pois uma pessoa se torna receptiva para outra quando verbaliza sua necessidade. Portanto: “O conselho tecido na substância da vida vivida tem um nome: sabedoria. A arte de narrar aproxima-se de seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.” (BENJAMIN 2012, p. 216)”. Mas adverte que tudo é um processo que vem

de longe e é um sintoma das forças produtivas seculares, que aos poucos fazem essas narrativas da esfera do discurso vivo saírem de cena forçadamente.

A geopoesia é justamente uma tentativa de pensar sempre onde buscar sabedoria dessas vozes e experiências que de “tão longe vem vindo”.

Naquela ocasião, ele escrevia no pós-Primeira Guerra, e aumentava a força da imprensa, o número de leitores e a consolidação do romance. Gênero digno de sua crítica, pois ele estava essencialmente ligado ao livro, afinal foi um colecionador de “Passagens” a vida toda.

Ao mesmo tempo, ele estava ligado à tradição oral do judaísmo e caminhava para ela nos seus exercícios corporais e vocais de *flânerie*. Para a geopoesia, do movimento entre essa vocalidade, de ambulância e o material coletado (literatura de campo) transformado em livro/tese é que reside a marca da arte pela palavra numa possível modernidade brasileira ou, mais especificamente, norte-centroestina.

Informação não é sabedoria: “A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. [...] Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações.” (BENJAMIN, 2012, p. 219). Nesse quesito, evidencia sua satisfação em relação a dois textos de Leskov, por não serem impregnados de explicações, ao contrário, por serem narrados com exatidão e por deixarem o leitor livre para interpretá-los, o que a exatidão da informação não permite.

Com a chegada da energia elétrica, um efeito de uma política de melhoria das classes populares, em 2009 com o Projeto Luz para todos, criado pelo Decreto 4.873 de 11/11/2003<sup>10</sup>, chegou também a televisão, o que os levou a uma outra forma de conhecimento, mas com ele a questão da informação. A depender do alcance, uma televisão promove a ruptura no que diz respeito às tradições, pois as histórias do Norte deixam, aos poucos de serem contadas, tornando-se até desconhecidas pelos mais novos, posto que o movimento de massa e mídia no Brasil concentra-se no Sudeste.

As mídias têm exercido um poder muito grande sobre a vida dos moradores dessa comunidade. Eles mesmos apontam para esse perigo de não intercambiar experiências com as novas gerações:

...é assim de noite, assim. Que agora sempre a gente fica assistindo televisão né?! (Relato de Albenaiç B. Veloso, coletado em fevereiro de 2015).

---

<sup>10</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4873.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4873.htm).

Papai contava em casa mermo. Não tinha televisão né? Ele ficava contando história pra gente (Relato contado por Antônia R. Barreiros, coletado em fevereiro de 2022).

Eu acho, porque no tempo que eu era criança, é como o pessoal fala: não tinha esse negócio de televisão né?! (Relato contado por Maria B. H. dos Santos, coletado em fevereiro de 2015).

Geralmente, eram contadas em casa, de preferência quando não tinha energia (Relato contado por Lucimar Moraes Rabelo, coletado em fevereiro de 2015).

Pra lá nesse tempo nem energia tinha né, nesse interior, que eu sempre morei em interior pra lá (Relato contado por Josimar Pereira Pena, coletado em fevereiro de 2015).

Se pensarmos esse processo a partir da “Era da reprodutibilidade digital” (SILVA JUNIOR, 2014, p.102), certamente essas novas gerações têm um olhar diferenciado. Nesse sentido, o estudo da geopoesia e essa aproximação de narradores do ambiente escolar pode facultar novas formas de intercambiar experiências. Mesmo que sem a “aura” de um narrador “perfeito” como Leskov, mas um geopoeta próximo – igual aos ancestrais, parentes, vizinhos e pais.

Milton Santos em sua obra *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (2009), afirma que “Para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade.” (SANTOS, 2009, p. 142)”. Por isso, percebemos a possibilidade de obstáculos para a permanência dessas narrativas em nosso meio e, talvez, uma variante de silenciamento. Nesse sentido, a necessidade de criação de meios que viabilizem um espaço de contar essas histórias, mesmo que seja na escola, com a presença desses narradores – certamente será um desdobramento desta Tese.

Paul Zumthor (2014) faz apontamentos de características que possibilitam a esse narrador a se manter diante do crescimento das mídias. Diferentemente do narrador de obras literárias, o geopoeta pode fazer uso de vários tons de voz, das expressões faciais, de seus movimentos, da oralidade e da vocalidade, e de toda uma sabedoria da *performance* a seu alcance. Além disso, muitas narrativas orais amazônicas também foram escritas por autores que pouco as diferenciavam das contadas por narradores anônimos e são desprovidas de explicações. O narrador da *geopoesia*, de origem ameríndia, de origem afro-brasileira e, também, de origem

ibero-colonizadora (com memória homérica), tem a função indispensável de transmiti-las a seus sucessores, e:

Nada facilita mais a memorização das narrativas do que aquela sóbria concisão que as subtrai à análise psicológica. E quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, tanto mais facilmente a história será gravada na memória do ouvinte, tanto mais completamente ela irá assimilar-se à sua própria experiência, tanto mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 2012, p. 220)

Na Comunidade do Julião, outro elemento merecedor de apontamento é que a arte de narrar não caminha para o fim. Contam história na noite, contam história fazendo atividades manuais. Essa relação com o trabalho manual foi apontada por alguns entrevistados que afirmaram ter recebido tais narrativas enquanto trabalhavam.

No Seringal, no castanhal:

Entrevistador: Quem lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Era os vizinhos, meu pai contava assim de noite, quando ele estava no seringal né, no castanhal né. E de noite se juntava aquelas pessoa pra conversar, contar história né, e aí cada qual ia contando sua história. E cada vez mais eu ia ficando com medo né, das história que contavo (Relato contado por Albenaice B. Veloso, coletado em fevereiro de 2015).

A história e economia do século XX manauara (seringal; castanhal) confirma-se e se recorda nesses relatos. Outro detalhe, um reforço da ideia de intercambiar experiências, são os mais velhos e o tempo de não-trabalho para estar com os ancestrais. O mesmo, por exemplo, quando debulhavam feijão ou cuidavam da produção de farinha:

Entrevistador: Quando é que ele lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Na boca da noite, quando nós ia dibulhar feijão e ele contava. (Relato contado por Maria de Fátima S. Galvão, coletado em fevereiro de 2015)

Enquanto cuidavam da maniva<sup>11</sup> ou faziam farinha:

Entrevistador: Onde e quando?

Entrevistado: Em casa. Às vezes no roçado, na casa de farinha. (Relato contado por Sebastião Bonifácio dos Santos, coletado em fevereiro de 2015).

---

<sup>11</sup> A maniva (que vem de Mani – oca; casa de Mani, em tupi-guarani) é a folha moída da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz). Planta que dá origem à farinha e a tantas outras variantes culinárias. Em: <https://www.embrapa.br/embrapa-no-cirio/maniva>

Essa ambiência rural aponta para o plantio, cuidados com a terra, produção de adubo, carpir da terra, acompanhar o crescimento das plantações. Fazer farinha, criar animais para o abate, construir canoas, tecer redes de pesca e variantes de trabalhos antigos que passam de geração em geração e que exigem dedicação, disciplina e concentração confirmam esse cultivo da terra e cultivo do indivíduo:

As palavras cultura, culto e colonização derivam do mesmo verbo latino colo, cujo particípio passado é cultus e o particípio futuro é culturus. Colo significou na língua de Roma eu moro, eu ocupo a terra, e por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo (BOSI, 1996, p.11).

Esse tipo de narrativa é tão artesanal quanto às antigas formas de trabalho manual e, geralmente, são iniciadas por partes descritivas. Isso porque o narrador tenta localizar seu ouvinte dentro da história, uma espécie de preocupação em se fazer entendido:

Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje em todas as pontas, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN 2012, p. 221)

Essa é a diferença entre os narradores do Julião, uns narram as histórias detalhadamente, na maioria das vezes são narradores personagens, ou um de seus familiares ou conhecidos passaram pela situação. Evidentemente, dão mais força de verdade ao que narram quando existe essa aproximação. Eis a diferença do narrador oral para o narrador das obras literárias, pois sendo um narrador vivo emprega todos os recursos físicos para preencher lacunas que possam deixar alguma margem de dúvidas em seu ouvinte. Desse modo, emprega sua voz, seu corpo, seu olhar. A performance explora o corpo ao máximo para convencer o outro de que sua narrativa é verdadeira. Há uma negociação e um desejo de conquistar o ouvinte. Esses narradores estimulam em seus ouvintes uma reação emocional, que gera sabedoria, mudança de comportamento, gerando benefícios para o estado de espírito. Com as devidas proporções no que diz respeito à cultura popular, há um efeito catártico e um conjunto de elementos corporais (que lembram, com as devidas proporções, os aedos e atores antigos estudados por Aristóteles).

Os narradores do Julião trazem uma poesia impregnada com as marcas de sua cultura. Isso por que moldam essas narrativas com suas palavras, experiências e percepções. O narrador pode modificá-las, por terem uma forma distinta de contar, assim como o “oleiro deixa suas impressões num vaso enquanto o forma” (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Pontualmente, tivemos acesso a 15 narradores: a mais nova nasceu em 25 de março de 1976 e o mais velho em 24 de outubro de 1940. As passagens citadas e mais analisadas foram selecionadas por apresentarem detalhadamente cada componente da narrativa, e principalmente, por serem os guardiões dessas histórias naquele lugar.

São narradores que retiram e selecionam de sua “geo-grafia” características que vão sendo inseridas em suas narrativas. Conforme vão contando, essas características vão sendo impregnadas de estilo e modulações e vão ganhando força. Até que se estabelecem como elementos do texto, fazendo surgir uma nova versão aceita como verdadeira pelo coletivo e voltando para o individual outra vez, como num ciclo de vida. Ao mesmo tempo, esse jogo narrante agrega uma nova perspectiva na contação diante do pesquisador – há uma espécie de orgulho de estar contando para alguém de fora da Comunidade e que se interessa e estuda o que para eles é culturalmente enraizado.

A geografia do lugar é perfeita para despertar o imaginário do homem amazônico, em especial o ribeirinho. A água que derruba árvores, vira embarcações, arrasta porções significativas de terra tem nome certo: Cobra grande. Não é uma força qualquer e nem pequena, é a força que rege comportamentos de inúmeros povos. São pessoas assim que aprendem o belo com o emprego de todos os sentidos, o que possibilita ver o mundo de uma forma tal que os olhos físicos não conseguem ver. Somente com as “janelas da alma” a palavra – que não é lida em livro – é sentida pelos sentidos. Desse modo, esse narrador só precisa de uma oportunidade para semear a palavra, só precisa de um solo fértil para que ela renasça outra vez. A voz é a responsável por isso, é quem faz o transporte dessa semente, e sem ela não há como existir uma poesia oral. Isso ocorre porque a palavra, quando dita, ecoa além do que os ouvidos podem perceber, ecoa na alma, é impressa na memória e vibra no corpo. E este exprime através da voz o mais profundo sentimento, seja de amor, de dor, de ódio (SABOIA, 2016, p. 23).”.

O homem faz uso da palavra desde os primórdios. Foi a capacidade de fala que o possibilitou. É com as palavras que registra suas histórias de vida na memória de seus filhos e netos. Essa voz tem um objetivo e um caminho a ser percorrido, o primeiro é o outro; o segundo é um ciclo que por meio da boca, sai do corpo de origem através do som e entra no outro por meio dos ouvidos, fazendo morada neste. Quando chega a seu novo lugar, mistura-se às experiências dele e forma outro texto a ser repassado novamente. É a voz da sabedoria tecida na experiência.

O suporte da palavra é o corpo e depende dele para sair, mas ao sair, não retorna mais para ele, não da mesma forma. Após sua saída, o emissor não tem poder de manter uma única interpretação para ela em quem a está recebendo. Às vezes, acaba por ser mal interpretado, tendo de consertar situações ocasionadas por uma palavra mal dita, o que nem sempre ocorre, culpa do peso que caminha com cada uma, onde, muitas vezes, várias não conseguem desfazer a mensagem de uma. “No percurso entre o corpo impulsionador e o corpo receptor pode receber outros significados. Dependendo de seu tom, pode ser ou não bem recebida. Está aí o poder a mais que a palavra dita tem em relação à palavra escrita” (SABOIA, 2016, p. 23).

Nesse processo, o corpo é importantíssimo, pois é ele que dá vida à voz, impulsionando-a a sair. Ele é:

o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida é que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: é ele, que eu vivo, possuo e sou, para o melhor e para o pior. Conjunto de tecido e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida, pertencem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos: tensões e relaxamento internos, sensações de vazio, de pleno, de turgescências, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura, ou dobra afetiva, opacidade ou transparência, alegria ou pena provindas de uma difusa representação de si próprio (ZUMTHOR, 2014, p. 27).

Esse é o corpo em que a voz se desfaz ao chegar nele e também onde ela se reconstrói para continuar seu caminho. Para o povo Judaico, na narrativa deles de criação, ela saiu no modo imperativo, e por uma ordem foram criados céus, terra, águas, animais, homens, astros, tudo o que existe na Terra e fora dela. Foi a voz de um Deus fônico que criou tudo o que existe. Por isso, podemos afirmar que as narrativas simples se misturam a própria história do surgimento da espécie humana.



Não por acaso existe a expressão “boca da noite” que se espalha pela Amazônia e é utilizada por ribeirinhos, camponeses, grupos indígenas. O termo, raizamático, indica o momento do fantástico, do incerto, da noite que provoca histórias:

O indivíduo amazônico, em especial o do campo, ribeirinho, carrega consigo essa poesia, e preenche um espaço antes vazio nessa área de estudo, longe dos mares. É que a “*geopoesia* nasce do encontro de topografias. Tropos e grafias que podem ser reconhecidas em vozes e corpos, mapas e viagens. Sua fonte trata também, das palavras colhidas entre mapas e niemares – paragens sem mar” (SILVA JUNIOR, 2018, p. 56).

E esse homem vem de encontro à *geopoesia* amazônica: envolvendo sabedoria, experiências, vivências. Tropos e vozes – que ganham grafias nesta Tese. Semelhantemente, ambos conhecem e contam muitas histórias, algumas esquecidas, outras menosprezadas:

Quem viaja, quando volta, volta para contar e rememora a narrativa da peregrinação. O deslocamento, no viramundo, altera, gauche, modos de percepção da vida, de construção da história, de ruptura com o cotidiano e alia-se aos movimentos das artes vitais e da valorização das experiências dos indivíduos e de coletividades (SILVA JUNIOR, 2013, p. 7).

Augusto Silva Junior reinventa essa arte ao utilizar a expressão “encontrador de histórias” – que nada mais é o ato de o pesquisador/escritor deslocar-se para estar e ouvir o outro e coletar, valorizando, essas experiências coletivas e individuais. Assim como o narrador de Walter Benjamin, o narrador da *geopoesia* existe porque outros que existiram antes dele e precisaram repassar suas vozes – modo de continuar vivo no corpo coletivo da multidão (como coloca Mikhail Bakhtin em seu estudo sobre Rabelais).

A voz é o instrumento que se encarrega de levar as narrativas de um corpo para outro. Evidentemente, não é única, pois é formada por tantas outras. Há vozes conselheiras, há vozes impulsionadoras, há vozes conflitantes, há vozes de paz e há tantas guardadas num único ser humano, e basta passar por situações inesperadas que prontamente uma emergirá.

Dando vida aos pensamentos, elas conseguem alcançar o mais íntimo de seu ouvinte. Quem em algum momento da vida não recordou da voz de um antepassado seu? E geralmente carregando um conselho ou um ditado popular? É a voz de *reexistência* do caboclo, que “silenciosamente” é repassada. A palavra está entre aspas

porque são séculos de silenciamentos de vozes carregadas de saberes tradicionais que teimam em continuar existindo.

Essa voz transpõe a função informativa e desperta por meio dos sentidos e das sensações o prazer. Leva consigo muitos significados e interpretações; sai do corpo carregando o som e demonstrando seu estado de espírito. Quando sai fraca, é por que resulta de um corpo fraco, doente, desanimado; se sai entusiasmada, é porque carrega o peso leve das coisas boas de serem carregadas; e quando sai poetizada, é porque traz seus encantos, seu ânimo estabelecido pela vida, pela existência; é que ganhou o valor de linguagem.

Veremos então que Paul Zumthor buscou em teses psicanalíticas, acústicas e médicas estudos a respeito desse objeto, a partir de então tira seis teses sobre a voz. São elas:

Primeira tese: a voz é o lugar simbólico por excelência; mas um lugar que não pode ser definido de outra forma que por uma relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto e o outro. A voz é, pois, inobjetable. Segunda tese: a voz, quando a percebemos, estabelece ou restabelece uma relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito. Terceira tese: todo objeto adquire uma dimensão simbólica quando é vocalizado. Concebem-se as implicações dessa tese para a poesia; tanto mais ela permanece plenamente verdadeira quanto mais a voz é interiorizada, e não se produz percepção auditiva registrável por aparelhos. Quarta tese (também se referindo diretamente ao poético): a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo, sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido a voz desaloja o homem do seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem. Ao mesmo tempo me revela um limite que me libera dele. Quinta tese: a voz não é especular; a voz não tem espelho. Narciso se vê na fonte. Se ele ouve sua voz, isso não é absolutamente um reflexo, mas a própria realidade. Sexta tese: escutar um outro é ouvir, no silêncio de si mesmo, sua voz que vem de outra parte. Essa voz, dirigindo-se a mim, exige de mim uma atenção que se torna meu lugar, pelo tempo dessa escuta (ZUMTHOR, 2014, p. 80-81).

As palavras necessitam ser atualizadas em pela ação da voz, pois somente assim se tornam expressivas em força verdadeiramente, o que é muito necessário para alcançar seu objetivo de alcançar o outro. Possui materialidade, é interpretável, é descritível, mesmo fora do corpo, reproduzida por meio tecnológico consegue amenizar a solidão humana, entretendo, informando, tornando-se uma companhia, segundo Zumthor (2014, p. 81-82). Por meio dela, uma única frase recebe múltiplas interpretações, ainda que sua intencionalidade seja única. Por isso que a voz presente por meio do som tira dúvidas, desfaz embaraços, ainda que cruzada com outras.

São essas relações entre o corpo e a voz que transmitem uma linguagem que provocam a recepção. Essa linguagem não alcança seu intento de uma forma definida. É concreta, mas não existe uma receita pronta para seu surgimento. Ela aparece de onde menos se espera: num comerciante batendo palmas para atrair compradores; num vendedor que anuncia seu produto na calçada; num malabarista que trabalha enquanto o semáforo acende o sinal vermelho para os carros; num professor em sala de aula; num recital de poesia. Assim nasce a *performance*:

Muitas culturas do mundo codificaram os aspectos não verbais da *performance* e a promoveram abertamente como fonte de eficácia textual. Em outros termos, *performance* implica competência. Mas o que é aqui a competência? À primeira vista, aparece como *Savoir-faire*. Na *performance*, eu diria que ela é o saber-ser. É um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo. (ZUMTHOR, 2014, p.34)

A *performance* é a linguagem que o ser humano usa para conquistar, para provar algo, para assegurar, para ser aprovado, é a aparência utilizada para envolver, é a voz na medida certa para persuadir, ela é o comportamento responsável de quem sabe onde quer chegar, é através dela que o conselho se formoseia e se torna eficaz, é ela que diferencia o que é repetido por gerações, tornando assim o velho em novo outra vez. Ela “não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca” (ZUMTHOR 2014, p.34). E imprime no ouvinte a história, quando este ouve e vê atentamente cada gesto do narrador.

É a impressão que gera no ouvinte e espectador a sensação de certeza. Também, o teatro, a música, a dança e até o cotidiano sem uma boa *performance*, o que seria? Textos sem a poesia oral.

São cinco as fases da *performance* no poema oral a saber:

produção  
transmissão,  
recepção  
conservação  
(em geral) repetição  
(ZUMTHOR, 2010, p.32)

A *performance* que estudamos aqui abrange todos os elementos. Enquanto literatura de campo o ponto 4, da conservação – tem seu lugar na Tese. O arquivo que foi feito anteriormente por mídia, no trabalho de campo, agora imprime-se por

meio dessa Tese-memória. Embora não seja um rito de passagem, mas esteja integrada a vários rituais, tudo é guardado nesta teoria da geopoiesia que entende que produção-transmissão-recepção-conservação-repetição acontecem todas ao mesmo tempo.

A memória humana é a responsável por assimilar, manter e buscar as informações necessárias em horas de precisão, além de manter a interação. E quanto mais se associa o que é do conhecimento da comunidade à narrativa, maior é a capacidade do indivíduo memorizar a narrativa. É a mnemônica a responsável por estabelecer esses conhecimentos por meio de associações na cabeça das pessoas.

A memória é o suporte necessário para tornar eterna uma recordação. A memória longa traz a informação de um cheiro guardado desde a infância, basta que seja sentido em um momento presente; é ela que traz a existência lugares que já não existem mais nesse tempo presente; guarda a imagem por anos de uma pessoa, de tal modo que permite o cérebro contestar a aparência que não existe mais com a atual. Por isso, “o texto oral simultaneamente é um texto artístico e um texto etnográfico, mantido virtualmente na memória do seu transmissor, que o ajusta ao universo cultural do seu grupo” (ALCOFORADO, 2007, p. 4).

Essa memória é indispensável ao narrador oral de quem é exigido uma boa performance, uma vez que busca movimentar o pensamento e a imaginação de seu espectador. E para tanto, não pode transparecer falhas no discurso, o que ocorre quando a memória falha, é o esquecimento o grande vilão responsável pela destruição de uma boa performance. Evidentemente, que isso também depende de uma voz sem problemas de dicção, uma boa altura, ritmo e harmonia. São os recursos da voz empregados em prol de um mesmo objetivo:

Entendido como tudo o que se dispõe para falar, compreendem: os recursos primários da voz – respiração, intensidade, frequência, ressonância, articulação; os recursos resultantes, que são dinâmicas da voz – projeção, volume, ritmo, velocidade, cadência, entonação, fluência, duração, pausa e ênfase. Esses recursos combinados expressam as intenções e/ou os sentidos vocais na emissão (GAYOTTO, 2002, p. 20).

É a fascinação pelo dito que promove no ouvinte a vontade de ouvir mais. E o narrador para continuar contando precisa ver esse interesse da parte do ouvinte, isso mantém a chama da narração acesa, bem como a vida da narrativa. A voz, nesse momento, precisa ser na medida certa ou será silenciada pelo ouvinte. Não podemos

nos esquecer dos ecos da Antiguidade – que, inclusive, nomearam o estado em que vivemos: Amazonas.

Ecos dessa chamada “mitologia grega” são bem-vindos para balizar nosso pensamento. Na devida proporção trazemos alguns elementos tal qual Claude Lévy-Strauss fez em sua “Antropologia Estrutural”. O mesmo, numa outra proporção e perspectiva, o fez Zumthor ao deslocar-se ao Brasil, ao Nordeste, principalmente Pernambuco, para conhecer essa vocalidade que atravessou o Oceano Atlântico e que tanto se transformou.

Por exemplo, temos a bela e jovem ninfa Oréade, muito bem quista pela deusa Ártemis, ligada à caça. Ela costumava se distrair nos bosques, nos montes, e acompanhar a deusa Ártemis nas caçadas. Mas tinha um defeito, queria sempre falar a última palavra em qualquer discussão, era prolixa. Certa vez, Hera, mulher de Zeus, desconfiou que ele se divertisse com as ninfas, o que teve certeza. Isso fez com que Eco tentasse distrair Hera com suas conversas, enquanto as ninfas se escondiam. Por esse motivo foi castigada, deixando de falar e passando a tão-somente repetir o que os outros falassem:

Ora, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria... Como o atestam tantas lendas sobre plantas e pedras enfeitiçadas que, um dia, foram dóceis (ZUMTHOR, 2010, p. 9).

Então, contar a mesma parte duas vezes pode retirar a atenção de quem escuta, porque, certamente, vai se distrair pensando que tal trecho já foi contado. É a capacidade da voz de afetar, transportar, transformar que precisa ser na medida certa. Por isso, o narrador precisa ser alguém atento quanto aos recursos primários da voz. Pois ela é capaz de fazer rir, chorar, remexer no mais profundo das emoções, resgatar outras vozes que nem sabíamos mais da existência em nosso ser.

Tudo o que se dispõe para falar, [os recursos vocais] compreendem: os recursos primários da voz – respiração, intensidade, frequência, ressonância, articulação; os recursos resultantes, que são dinâmicas da voz – projeção, volume, ritmo, velocidade, cadência, entonação, fluência, duração, pausa e ênfase (GAYOTTO, 2002, p. 20).

Os narradores têm esse conhecimento. Não estudaram a respeito, mas os saberes (no título dessa Tese) caminham com eles, estão corporificados. Conhecer

bem o conteúdo e acreditar nele são suas maiores estratégias para alcançar o outro, para “bem dizer”.

Essa busca de objetivos tem nome, Gayotto (2002) chama de objetivo e/ou superobjetivo e compara a uma escada com vários degraus. Onde o primeiro degrau consiste em buscar um ouvinte, esse é o objetivo maior, pois sem ouvinte, nenhuma dessas teorias funcionaria; é o degrau base de tudo. Depois, os demais degraus seriam as partes da narrativa em funcionamento. Já o último, esse sim consiste em fazer rir, ensinar um caminho, ou gerar medo, temos aí o superobjetivo. Acerca da voz nessa busca, “Ela deve resultar na criação ou modificação da realidade como gerador de impacto sobre alguém ou alguma coisa, que toma atitude, faz acontecer” (GAYOTTO, 2002, p. 26).

E é o que ocorre quando os narradores trocam elementos da exegese, ou simplesmente, utilizam-se de marcadores de tempo e de lugar para aproximar o ouvinte da narrativa. É essa aproximação que gera laços. Nessa comunidade cada contador de história marca seu “texto” com sua identidade, com suas características, com os “que de tão longe vem vindo”. Intencionalmente, são vozes individuais e coletivas que buscam construir suas narrativas com seus traços culturais. Sobre essa construção, Paulino afirma:

A formação de uma identidade cultural é algo que depende de diversos fatores, e seu reconhecimento é tanto mais plausível quanto mais forem realizadas práticas singulares de cultura daí resultantes. Embora seja fundamental a identidade de um grupo cultural para sua existência porque revela a qualidade do idêntico entre entes participantes, não se pode negar que processos identitários são relativos devido ao caráter dinâmico da formação cultural de um povo (PAULINO, 2018, p.156).

Podemos perceber o imaginário desses moradores em relação ao “natural” e o sobrenatural a partir dessas histórias.

Esses são os narradores escolhidos para as análises das narrativas:

Figura 3. Sebastião Bonifácio dos Santos<sup>12</sup>

Fonte: Saboia, 2016.

Esse é o primeiro narrador a ter sua narrativa analisada. Narrou quatro histórias. Era um senhor tranquilo e risonho, nasceu no seringal Jacurapá, localizado no Município São Paulo de Olivença – Amazonas, em 24 de outubro de 1940. Suas narrativas versam a respeito da imagem da Cobra Grande, o Boto e o Matim. Duas sobre a Cobra Grande foram vivenciadas por ele e outra por seu pai; a do Boto e a do Matim, que não informou com quem se passou e nem que lhe contou.

Figura 4. Álvaro Oliveira Bastos



Fonte: Saboia (2016)

Seu Álvaro Oliveira Bastos nasceu em 26 de outubro de 1954, em casa, no Alto Rio Negro. Estudou até a 1ª série do Ensino Primário (2º ano do Ensino Fundamental). Chegou a Manaus aos 9 anos e foi morar na Comunidade do Julião, onde nasceu a maior parte de seus irmãos. Narra a história do Boto, do Batedor de Igarapé, do Pássaro, da Cobra Grande e da Sucuri, além da história do lugar. É o morador mais

---

<sup>12</sup> Seu Sebastião Bonifácio faleceu em 2020, acometido por Covid. A comunidade perdeu uma pessoa importante, a Tese perdeu um narrador contumaz. Essa coleta ganha um significado novo em tempos de pandemia.

antigo e de mais idade, que reside na comunidade. Hoje com 68 anos de idade e 59 anos de comunidade.

Abaixo está a terceira narradora:

Figura 5. Maria Brenda Henrique dos Santos



Fonte: imagem de whatsapp (2022).

Maria Brenda Henrique dos Santos nasceu em 05 de julho de 1969, em Santarém – Pará. cursou o Ensino Médio e é mãe de cinco filhos. Narrou a história do Boto contada por sua tia, ainda em sua infância. Foram momentos de muitas lutas e vitórias relatados por ela enquanto contava suas histórias.

#### **4. A Geopoesia nas narrativas da Cobra Grande na Comunidade do Julião**

Começaremos pelas narrativas contadas por seu Sebastião. São histórias reconstruídas a partir de fragmentos de lembranças.

Vejamos a narrativa da Cobra Grande contada por seu Sebastião:

Entrevistado: Esse negócio de cobra grande existe, e grande, não é pequena não. Ali onde nós morava, tinha um lago grande, chamavam Panelão né?! Um lago grande... Tinha umas casa de morador antigo, era um lago muito fundo. Aí tinha o jacaré que esturrava de noite né, aí a cobra respondia assim tipo com um tiro né: pou, bou. Aí quando foi um dia, o meu primo disse:  
 – Rapaz, o lago tá bem pertinho, vamo furá?  
 – Vamo!  
 Aí fomo pra lá, atravessamo o rio, aí cavamo um pedaço como daqui aí [apontando a distância com a mão com extensão aproximada de um metro].



Aí aquela cachoeira enorme desceu. Quando foi a noite todinha, quando foi de manhã o bicho tava quase seco né?! Aí ela ficou lá, ela num saiu não. Saiu outros bicho: tracajá, essas coisas... jacaré, mas a cobra num saiu não. Ela saiu por outro lago uma saída assim da largura dessa casa, no meio da rastina né, um buracão. Aquele enorme buraco assim, no meio da rastina.

Entrevistador: Quanto tem essa sua casa de largura?

Entrevistado: Tem 4 metros, 4,5 de largura.

Entrevistado: Agora aqui no Rio Negro tem, abaixo da entrada do Rio Branco. Ali tem uma que a gente vê ela de dia mermo. Ela é... é muito grande a cobra. O motor não passa por lá, passa pelo Paraná. Mas ela, quando dá seis horas, ainda tá assim, no meio do rio, atravessada [e faz a largura da cobra com os braços]. Isso daí eu vi! (Relato contado por Sebastião Bonifácio dos Santos, coletado em fevereiro de 2015)

Nessa primeira parte, ele conta duas histórias, que foi difícil perceber, pois é muito sutil a divisão feita por ele. Essa divisão foi feita pelo uso do advérbio “Agora”, que se o ouvinte não for bem atento passa despercebido. A primeira parte vai até o tamanho da casa; e a segunda começa em sequência na parte do Rio Negro, rio afluente dos igarapés onde se localiza a comunidade em que habita.

Ele usou termos que buscavam aproximar seu ouvinte de si e de sua narrativa em: “Esse negócio de Cobra Grande existe...”. Emprega os termos “Esse negócio...” com o objetivo de trazer de um tempo distante uma personagem que julga não ser conhecida ou acreditada por seu ouvinte. Também podemos apreender que o texto não pertencia a ele, pois, na região esses termos são usados para dizer que: “essas histórias contadas por aí...” Ou, “isso que dizem...” sem determinar quem disse, distância o texto de sua autoria. Somente depois, deu a certeza da existência do animal quando disse: “... e grande, não é pequena não”. E nesse momento, empregou toda sua *performance* para que não restasse nenhuma dúvida no ouvinte, utilizando uma entonação que pusesse causar surpresa e medo, desde então.

A performance do narrador só é possível porque ele conhece bem a história. E quando tem a certeza disso, emprega melhor o corpo e a voz. Esse conhecimento permite colocar suspense, drama e até diversão em seu narrar e descrever. E fazendo tudo isso se anima, anima a narrativa e entretém seu público.

Depois, tentou aproximar seu ouvinte de um tempo e um lugar de memória distantes, quando utilizou o advérbio “ali”: “Ali onde nós morava, tinha um lago grande chamavam...”. Então, demora uns segundos tentando lembrar o nome do lago, e olha para cima e procura na mente, e enquanto não se lembra do nome, deixa a entender que já está perto de encontrar, e ainda deixa escapar algumas palavras para que o ouvinte não perca o interesse.

Esse apagamento é um lapso de memória explicado por Eclea Bosi (2003, p. 31): “a memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns”. Mais do que a distância percorrida no tempo, esse lapso de memória pode está ligado à câmera, ao estranhamento do ouvinte, uma vez que falava para um desconhecido; e até mesmo ao hábito de não contar essas histórias há muito tempo.

Embora tenha percorrido por um longo caminho até encontrar a informação que queria, seu Sebastião não se deixou abater por esse esquecimento. Sem perder a atenção do ouvinte, retomou exatamente de onde parou, porém com uma indagação meio encoberta para que não fosse tirado o foco da narrativa e colocado no esquecimento: “*Panelão né?! Um lago grande. Tinha umas casa de morador antigo, era um lago muito fundo*”. Essa reconstrução foi feita com muito esmero, demorada, conseguiu passar a tranquilidade das águas encontradas nos lagos. Água que transmitem paz.

Esse lago, não foi localizado geograficamente pelo narrador para seu ouvinte, mas fica localizado no Rio Amazonas que banha o outro lado da cidade de Manaus, onde há o encontro das águas, um ponto turístico muito conhecido, mais perto do município Autazes do que da capital. E com essa riqueza de detalhes cria no ouvinte imagens do lugar, ativando seu imaginário. Até então toda a tranquilidade geralmente utilizada nas introduções de grandes textos literários, onde a introdução localiza o leitor/ouvinte no enredo para somente depois tirá-lo da zona de tranquilidade.

Seu Sebastião primeiro localizou o ouvinte quanto ao tempo e ao lugar da narrativa, depois, começou a apresentar as personagens, a cobra real e o jacaré inicialmente: “Aí tinha o jacaré que esturrava de noite né, aí a cobra respondia assim tipo com um tiro né: pou, bou”. Utilizou-se da figura de linguagem prosopopeia quando afirmou que os dois animais conversavam; apesar de não usar claramente o verbo conversar, podemos compreender que houve uma comunicação, pois só existe resposta se houver indagações. Também, se utilizou da figura de linguagem onomatopeia quando reproduziu o som da conversa. E empregou a voz, o gesto e o olhar para gerar medo no ouvinte.

Mal terminou de contar essa história, já começou outra. Não deu tempo ao ouvinte de pensar se gostaria de ouvir mais uma peripécia da Cobra ou não, e já inicia: “Agora aqui no Rio Negro tem, abaixo da entrada do Rio Branco”. Ele utiliza a palavra “Agora” para aproximar o ouvinte da narrativa e com isso consegue envolvê-lo melhor,

uma vez que esse termo chama a atenção para uma ação imediata; outra aproximação ocorre quando usa o advérbio “aqui”, pois passa a impressão de que o lugar é bem próximo, geograficamente, do interlocutor.

Geralmente, os mistérios do noturno ganham força junto aos narradores do Julião durante a noite. Sabemos que muitas coisas são encobertas pela escuridão, principalmente nos rios onde não existe iluminação a não ser a da própria embarcação e a celeste, que muitas vezes não é o suficiente para atender às necessidades do olho humano. Contudo, segundo o narrador, a Cobra dessa narrativa já não necessita esperar pela noite, pois não teme a luz do dia, o que é contrário às histórias onde costumamos perceber essas ações somente à noite: “Ali tem uma que a gente vê ela de dia mermo”.

Essa narrativa é curta, a personagem já é outra. É importante saber que, para o homem que vive em comunidades ribeirinhas não há somente um ofídio desses. Evidentemente, a imagem, o tamanho, a força e até a crueldade mudam de acordo com o narrador, que afirma a existência do animal visto por ele ou por terceiros. Por essa razão há tantas imagens.

Seu Sebastião continuou: “Ela é... é muito grande a cobra. O motor não passa por lá, passa pelo paraná”. Observamos aí um limite estipulado pela natureza representada pelo ofídio. E novamente ele emprega o corpo para se fazer entendido a respeito da descrição do personagem: Mas ela, quando dá seis horas, ainda tá assim, no meio do rio, atravessada [e faz a largura da cobra com os braços]. Isso daí eu vi!

Nesta história temos um narrador-personagem. Seu Sebastião conta que juntamente com os demais personagens (pessoas próximas, os primos) buscaram ver a Cobra Grande. Esse objetivo não era somente deles. Na região, os mais antigos tinham medo desse animal, mas tinham também a curiosidade de conhecê-lo. Por vezes, ver o animal era uma forma de reafirmação em conhecimento, sabedoria e coragem, e também estreitava e refazia laços, uma vez que só poderiam vencê-la em união, afinal, as pescarias não são feitas por uma só pessoa numa embarcação, pois nem todas têm esse meio de transporte, além disso, torna-se perigoso, as águas mudam de comportamento de acordo com o vento e com o tempo.

Então, coloca o corpo em movimento: “[...] Aí fomo pra lá, atravessamo o rio, aí cavamo um pedaço como daqui aí [apontando a distância com a mão com extensão aproximada de um metro]”. Observamos aí que a vontade de ver o animal era maior

do que o medo de um possível encontro, o que poderia ser fatal na visão deles. Uma das características dos jovens é a intrepidez, o não contentamento, a aventura, porém, o objetivo não foi alcançado, não dessa vez: “Aí ela ficou lá, ela num saiu não. Saiu outros bicho: tracajá, essas coisas... jacaré, mas a Cobra num saiu não”.

Provavelmente, ele não citou o tamanho da cobra sem ser indagado por julgar que o ouvinte já sabia, ou ao menos, deveria saber. Contudo, isso não comprometeu a narração, pois mesmo sem ter precisado o comprimento, antes de descrevê-la, procurou algo para comparar à largura da Cobra até que encontrou na casa o tamanho ideal para que o ouvinte conseguisse imaginar mais precisamente essas características: “uma saída assim da largura dessa casa, no meio da rastina né, um buraco. Aquele enorme buraco assim, no meio da rastina”. Ele terminou de contar a narrativa depois de ter escutado a pergunta do ouvinte: “Quanto tem essa sua casa de largura?” Então, responde: “Tem 4 metros, 4,5 de largura”.

Ele teceu pacientemente a narrativa, conseguiu sequenciar as ações, de um modo que deixa o ouvinte curioso e apreensivo imaginando se conseguiriam ou não ver o animal, que por sua vez, só é citado nos últimos períodos do texto. Prender a atenção do ouvinte do início ao final da história precisa, no mínimo de uma boa memória, e quando ela falha, é necessário que a habilidade de narrar tome de conta, e nessa história foi o que sucedeu.

Seu Sebastião era o narrador que se afirmava como testemunha da existência do animal. Foi um dos apontados pelos mais novos como alguém que comprovava essa existência. Não era o único no Estado do Amazonas, apesar de ter sido para este trabalho. Geralmente, nas histórias, quem viu, ouviu foi sempre alguém da família, mas nessa narrativa isso não ocorreu. Ainda é por causa de pessoas como ele que essas histórias existem e continuarão existindo. Havia uma poética em seu corpo, e por meio dele, seu Sebastião conseguia caracterizar bem o animal, gerar medo no ouvinte, descrever bem a dimensão. Não há como não perceber as tensões geradas pela narração.

Foi perguntado acerca da existência do animal na comunidade: “É aqui no Julião?” E afirmou que talvez só os moradores mais velhos soubessem: “Aqui não tem. Ainda não ouvi falar, talvez os antigos né?!” Esses antigos também não existem mais, ele se referia aos que viveram antes dele. Também foi perguntado se nas proximidades havia a presença do animal, ou seja, em outras comunidades: “Nem

aqui por perto?” Mas disse que não, e mais uma vez diferenciou a Cobra Grande da cobra real com a preposição com valor de limite “até”:

Nem aqui por perto. Até sucuri é difícil aqui. Uma vez pegou um frango da irmã que mora perto aí. Aí esse dono dessa casa aí, ele morava aí. Uma hora ela veio:

– Irmão, vem! Vamo matá uma cobra ali?

Aí ele pegou aquele material que roça como é? Ruça é? Aí correu pra lá. Diz ela que ele errou a batida. Em vez de bater na cobra bateu na terra. Aí ela entrou pro buraco. (Relato contado por Sebastião Bonifácio dos Santos, coletado em fevereiro de 2015)

Para os antigos, a Cobra Grande é uma espécie de cobra que possui muitos poderes, muita força, não possui veneno, mata somente com a força, é inteligente e astuta. Esse imaginário caminha há muito tempo com eles. Sobre imaginário:

Um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade. [...] A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real (LAPLATINE E TRINDADE, 1997, p.80).

Essa diferença que ele fazia é necessária, porque há muitas cobras na região e há uma cobra muito grande, a sucuri. Então, podemos dizer que há dois grupos de ofídios para eles: o real e o imaginário. A cobra sucuri, sicuri ou sucuriçu é um réptil considerado um dos maiores do mundo e faz parte da Amazônia. Em seu habitat natural não é fácil de encontrá-la, pois se camufla dentro das águas deixando somente olhos e narinas para fora, o que dificulta ser vista pela presa. Vive na terra e na água, sendo esta sua maior moradia e onde tem sua maior habilidade; possui hábitos noturnos e solitários.

Ao visualizar sua vítima, geralmente animais que vão beber água, dificilmente deixam escapar, pois quando isso ocorre, já está muito próxima. Cientificamente, consta que chega a medir oito metros, segundo FRAGA (2013, p. 255). e pesar aproximadamente 200 quilos na fase adulta, pode viver até os 30 anos, o que é bem difícil, devido ao medo da população ribeirinha por causa das crianças que costumam brincar nas águas. Isso tem influenciado na existência delas, pois a gestação dura oito meses e só pode ocorrer depois de seis anos de vida da fêmea.

Segundo Saboia e Silva Junior (2019, p. 322), esse tamanho, a escuridão da noite, o movimento da cobra nas águas negras dos rios e a força do animal sobre a força humana ativa o imaginário do homem ribeirinho. Criando, a partir disso, outra cobra, a imaginária, e essa é bem maior do que a primeira. Desse modo, podemos observar como é construído esse imaginário do homem do campo, de seu convívio com a natureza; não somente a construção do imaginário, bem como sua parte cognitiva, sua noção espacial e suas percepções de como viver na natureza harmoniosamente, utilizando-se dela, mas se necessário, vencendo-a.

Muito da criatividade dele também encontra base na natureza, pois constrói embarcações, faz plantios nas terras de várzea, de modo que se beneficie da natureza sem que ela possa destruir suas construções. Na narrativa seguinte, ele acrescentou mais informações para construir a imagem dessa Cobra na cabeça do ouvinte. Dessa vez, ele não foi o personagem principal, mas houve um retorno a sua história de vida e à sociedade a qual fez parte seus genitores:

Antigamente meus pai contavo que nesse Solimões, andavo quando era assim umas duas horas da madrugada, uma hora saia aquele barco bonito subindo o rio né? Aí o cara dizia:

– Lá vem o navio e saiu. Vamos trocar a banana com a bolacha né?

Aí saíram pra lá. De longe o cara viu que era uma pintura tipo cobra, aquelas mancha grande.

– Rapaz, isso não é navio não, isso é cobra.

Entrevistador: Por que ela se transforma?

Entrevistado: Ela se transforma. (Relato contado por Sebastião Bonifácio dos Santos, coletado em fevereiro de 2015)

Outra observação pertinente é a troca da bolacha pela banana, pois na época de seus pais, nos seringais, não era permitido comprar nada que não fosse do Armazém. Acabava a última tentativa de que a borracha “desse certo”, e ainda existiam muitos seringais, pois entre 1942 e 1945 o Estado do Amazonas estava no Segundo Ciclo, o primeiro vai de 1879 a 1912; em ambos os períodos, a borracha foi base da economia desse Estado. De forma muito sucinta, tecnicamente, o seringal era composto, basicamente, do barracão, local de residência do seringalista, do armazém que aviava, isto é, fornecia mercadorias ao seringueiro e do depósito de borracha, castanha etc. O barracão era o núcleo social e econômico do seringal. Em contraposição a ele estava o centro, onde se concentravam as atividades de extração gumífera, ou de coleta de castanha; onde estavam os tapiris para a moradia e o tapiri para defumação, e as bocas, ou início, das estradas de seringa, uma "pi-cada"

(caminho) que ligava as seringueiras de onde se extraía o látex Fonte adaptada: CHEROBIM (1983, p 101). Essa estrutura também está na base da exploração do trabalho da mão-de-obra (quase sempre escrava).

O chamado segundo período foi muito marcante em termos de povoamento. Em 1941, o governo brasileiro fez um acordo com o governo norte-americano para a extração de látex e de outros produtos necessários para a defesa nacional. Foram investidos 100 milhões de dólares. Com isso, foram alistados compulsoriamente mais de cem mil “Soldados da Borracha”, na maioria nordestinos que sofriam com a seca.

Os seringais eram vistos como uma grande oportunidade de melhorar de vida, sonho que durava até se chegar neles, pois eram lugares insalubres, onde esses homens chegavam sozinhos, uma vez que não era permitido trazer suas famílias: “Ao nordestino não era facultado trazer mulher para o seringal, pois na lógica capitalista do coronel a mulher era um fator gerador de despesas na viagem do nordeste até ali” (GUEDELHA, 2008, p. 33).

E além disso, ao chegar, já se viam devendo,

pois via de regra obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo empresário com o qual estava endividado e que lhe comprava o produto. As grandes distâncias e a precariedade de sua situação financeira reduziam-no a um regime de servidão. (MIRANDA NETO, 1986, p. 45)

E seu Sebastião continua:

Entrevistador: Que tamanho que o senhor acha que era?

Entrevistado: Cobra grande é grande.

Entrevistador: Grande, o senhor acha assim de que tamanho?

Entrevistado: Assim uns 50 metros. (Relato contado por Sebastião Bonifácio dos Santos, coletado em fevereiro de 2015)

Como observamos, a imagem da cobra também conhecida como Boiúna, construída por Seu Sebastião, tem um tamanho considerável e é muito poderosa. Ela pode se transformar em embarcações ou em outros objetos; virar pequenos barcos, canoas; também engole pessoas, animais; e por onde passa vai destruindo tudo e deixando seu rastro. Na Floresta, abre caminhos largos; nos beiradões, desbarranca grandes quantidades de terra, de forma que famílias inteiras perdem suas casas que vão para o fundo dos rios. A palavra Boiúna é:

de *mboi cobra* e *una preta*, o mito mais difundido no Amazonas é descrito por Alfredo da Mata (vocabulário Amazonense): "transforma-se em as mais disparatadas figuras: navios, vapores, canoas... engole pessoas. Tal é o rebojo e cachoeiras que faz, quando atravessa o rio, e o ruído produzido, que tanto recorda o efeito da hélice de um vapor. Os olhos quando fora d'água semelham-se a dois grandes archotes, a desnortear até o navegante". Foi parte ou origem (como afirma Couto Magalhães) de um ciclo mítico de que participa a lenda "Como apareceu a noite", segundo a qual, a Cobra Grande (Mboiaçu) casa a filha e manda-lhe a noite presa dentro de um caroço de tucumã (*Astrocarium tucumã*, Mart.) Os portadores, curiosos, abrem o caroço, libertam a noite e são punidos (DONATO, S/D, p. 57).

Terras caídas é um tipo de erosão comum nas margens dos rios. Consiste em uma quebra de uma grande quantidade de terra que vai para o fundo dos rios, deixando na margem um enorme buraco, e cujo barulho provocado por essa quebra é muito alto. Esse buraco rapidamente se enche de água, é a geografia do lugar ativando o imaginário do homem que busca explicações para as coisas e mudanças sinistras que ela apresenta. E nisso a cobra sempre está às margens buscando por alimentos durante a noite; são as imagens do real ativando o imaginário e dando vida ao que existe na mente humana. Movimentando-o ganha forças. Nesse imaginário, esse homem se reinventa, *reexiste*, recria, amplia, apreende, encontra-se.

E seu Sebastião era assim, um homem que tinha uma estreita ligação com o lugar em que vivia como podemos perceber em sua fala:

Aqui eu botei o nome dessa rua ali Sebastião Bonifácio (risos). Tá bem ali porque essa rua aí, essa rua desde o começo que eu que limpo ela. Pra li já plantei grama. Essa parte ali né, fiz uma "peça" [palavra sugerida por não estar audível a escuta do que foi dito] lá pra baixo. Quando a lancha vem, quando tá cheio, ela vem por ali e para bem pra li. A gente sobe aí, tem uma subida aí. (Relato contado por Sebastião Bonifácio dos Santos, coletado em fevereiro de 2015)

Ele zelava com muito afeto do lugar onde vivia, e tentava melhorar a vida das pessoas de seu convívio na comunidade, pois em sua casa morava sozinho. Mas não cabia unicamente a ele cuidar do lugar em que vivia, pois de algum modo, todos buscavam cuidar dessa comunidade, até mesmo cobrando respeito por ela a quem chega para visitar. Observamos essa estreita relação do narrador com a terra enquanto lugar de morar histórias, memórias, existências. Partindo dessas observações, podemos afirmar que o cuidado com o meio ambiente em que essa população ribeirinha vive é uma constante, e é repassado as novas gerações.



Seu Sebastião mostrou como o conhecimento passado de pai para filho é importante para construir o saber para si e para outros. A transformação da Cobra em barco contada pelo pai marcou sua memória de tal modo que aprendeu desde muito cedo sobre imitação, aparência, ilusões – as falsas certezas obtidas em situações aparentemente verdadeiras como o personagem o qual seu pai citou ter afirmado veemente que era um barco. São experiências pelas quais um indivíduo passa a respeito de um objeto que é uma imitação, aparência de verdade, na verdade, uma ilusão onde as certezas a respeito delas são as mais exatas possíveis, e que podem levar ao engano.

Percebemos isso nesse trecho contado pelo pai dele: “...nesse Solimões, andavo quando era assim umas duas horas da madrugada, uma hora saia aquele barco bonito subindo o rio né? Aí o cara dizia: – Lá vem o navio e saiu. Vamos trocar a banana com a bolacha né? Aí saíram pra lá...”. Naquele tempo, um produto industrializado era muito difícil de ser adquirido pelos moradores do interior do Amazonas, ainda mais quando se tratava de seringais. Essas trocas eram difíceis, pois os donos dos seringais mantinham o domínio do comércio em sua propriedade.

Desfazer-se de todas essas construções quando é percebido o engano, quando o indivíduo se deixa levar por suas próprias convicções não é um processo fácil, e necessita de tempo. Isso porque para construir certezas o ser humano junta fatos, compara, enumera características, julga, e depois disso, cria uma imagem segura, exata com valores até melhores do que realmente são, e construir tudo isso leva tempo. Assim, também, para assimilar uma verdade contrária ao que havia sido construído, e se desprender de toda essa construção requer tempo, o que nem sempre é pouco, isso porque houve uma apropriação dessas convicções com profundidade, e removê-las é arrancar um pedaço de si próprio para poder seguir em frente.

Toda construção gera memória, e se permanece em alguém, então há nela afetividade. O brinquedo mais simples não quer ser perdido pela criança; um fogão à lenha pode ser relacionado a muitas memórias em torno de alguém, e por isso receber mais valor do que realmente possui, isso porque dinheiro pode ser contado, mas sentimentos não. As raízes de sentimentos são sempre profundas, por mais diferentes, bons ou até avessos que eles sejam. O que gerou felicidade, satisfação é difícil de ser deixado para trás, e quando o é não há completude no ato.

Observa-se nessa parte da narrativa a peripécia da cobra, na transformação do barco observamos o sentido contrário ao que parecia ser, gerando compaixão no ouvinte/leitor. Segundo Aristóteles, consiste na passagem da ignorância ao conhecimento, e afirma: “Peripécia é uma viravolta das ações em sentido contrário, como ficou dito; e isso, repetimos, segundo a verossimilhança ou necessidade” (ARISTÓTELES, 2002, p.30).

Pode-se afirmar que seu Sebastião, enquanto narrador, transmitiu o belo em sua arte de narrar. Sua narrativa foi apresentada na medida certa, nem tão pequena que não pudesse ser vista, nem tão grande, que não pudesse ser apreendida e memorizada por seu ouvinte.

No entanto, sabemos que a arte de narrar presente na narração dele caminhou para o fim com sua morte, mas a narrativa não. Continuará seu trajeto vivo na mente dos que puderam ouvi-la de seu Sebastião. A morte permitiu que o corpo passasse pela metamorfose última, mas não apagou a história. Ela já vive e habita em outros corpos. Como afirmamos anteriormente, depois que nasce ganha vida própria e segue seu curso.

#### **4.1. Narrativas sobre a cobra contadas por seu Álvaro**

Entrevistador: O senhor já chegou assim, durante essas suas pescarias com esses seus colegas, ver alguma coisa de estranho? Nunca viu nada?

Entrevistado: Só o canto da sucuriju à noite no fundo. Sabia que ela canta?

Entrevistador: Balança a cabeça negativamente.

Entrevistado: Tudo isso existe.

Entrevistador: Ela é grande?

Entrevistado: Grande! Eu consegui matar aqui com seis sete metros. Grande! Antigamente pra fazer uma criação de pato como hoje aí no Igarapé tem o pessoal que cria pato lá, e era fácil de sumir pato rapidinho. Numa ocasião nós tava... O papai tinha chegado do trabalho, tava bem olhando pro rio assim, tinha uma bóia né?! Os pato ficava tudo em cima aí de repente um sumiu. Aí ficou aquela borbulha no fundo assim. Aí ele chamou meu irmão, me chamou, aí tiramos um cambito, aí fomo lá, aí puxamos lá. A sucuri tava enrolada com a pata. Quando ela enrola, ela não solta não, você pode carregar ela pra onde quiser e ela não solta. Aí matamos ela, tinha três metro. (Relato contado por Álvaro Oliveira Bastos, coletado em fevereiro de 2015)

Podemos encontrar muitas informações sobre esse animal em livros, revistas, jornais, mas o caboclo ribeirinho a conhece muito bem e não precisa consultar nenhum meio desses. Isso porque aprende desde pequeno sobre cobras e, em especial, sobre essa

que assusta só de ouvir falar em seu nome. Ela mata suas presas por constrição, ou seja, aperta o corpo da vítima, o que causa interrupção do fluxo sanguíneo influenciando na chegada de oxigênio aos órgãos, dependendo do tamanho da vítima, ela quebra todos os ossos, seu abraço é conhecido como o abraço da morte.

Seu Álvaro afirma que conseguiu matar uma com seis metros. Matar essa cobra é uma questão de sobrevivência nesses lugares, é uma forma de proteger o alimento que eles criam e sua descendência. Observamos como esse conhecimento é repassado de geração em geração. Vansina (2000, p. 157) afirma que:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocução-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para a outra.

Evidentemente, isso tem influenciado na existência desse animal, reparemos que seu Álvaro rememora essa existência em um tempo passado, contado a partir de sua infância quando compara a criação de patos feitas nos dias de hoje na comunidade, e no tempo em que era pequeno, hoje se pode criar patos sem tanta preocupação, mesmo o igarapé sendo o mesmo, e nos faz imaginar a velocidade que os patos sumiam na água, ou melhor, eram levados pela cobra. Mostrando assim como é conflitante esse convívio com a natureza.

Reparemos ainda como seu pai os convocou a aprender sobre o animal, tirou um galho, “um cambito” e puxou a cobra já abraçada no pato, assim, aprendeu que depois dessa ocorrência, o anfíbio não apresenta perigo, pode ser levado para qualquer lugar que não se desenrola. Depois disso, mostrou o final do encontro com a cobra, é sempre fatídico para ela.

O narrador da Geopoesia não precisa treinar para mostrar uma boa performance na hora de narrar sua história, pois conta a sua própria, treina aprofundando-se nas suas experiências de vida, e quanto mais passa por situações atípicas e difíceis, mais agrega acessórios em seu narrar. Aí consiste a base da arte de narrar: na presença da experiência. Nesta história, o papel do narrador consiste em ensinar determinados comportamentos de circunstâncias que a vida no campo oferece a alguém, este ao passar por essas experiências atuará com autonomia e fará ajustes necessários para vencer o obstáculo. Seu Álvaro conta esse episódio que

viveu com muita tranquilidade e sem muitos movimentos para encantar ou se fazer acreditar.

A vida no campo é um treino para todo o indivíduo nascido e/ou criado nesse ambiente somente na infância. Na vida adulta, erros não são permitidos, pois podem custar a própria existência. Esses ensinamentos como os de seu Álvaro são quase como ritos de passagem, pois são falados e repetidos inúmeras vezes até incutir na cabeça da criança o saber que precisa ser adquirido por ela. E como saber se isso ocorreu?

Desde pequeno, o menino ribeirinho começa a sair em canoas a remar, e, muitas vezes, sozinho. Isso é comum para o meio e a cultura em que vive. E quando cresce, conhece as águas do Rio Negro ou do Rio Amazonas como uma extensão de sua casa. Não há opção de escolher aprender ou não, de aceitar essa condição ou não; resta-lhe aceitar as responsabilidades que começam na infância. Adaptar-se ao meio e aprendê-lo é adaptação necessária.

É importante salientar que a história a seguir foi contada por outros narradores. Vejamos:

Entrevistador: E falando em cobra, o senhor já ouviu falar do Lago do Arrombado?

Entrevistado: Já! Eles dizem que ali foi... Eles chamam lago do arrombado da cobra né.

Entrevistador: Ah é?

Entrevistado: É! Lago do Arrombado da cobra, porque eles diz que ali era tudo vedado. E teve um grande temporal e saiu o animal de lá e acham que era a cobra, e por isso que ficou aquele fundo ali.

Entrevistador: E é fundo?

Entrevistado: É. E lá dentro que tá o hotel do Ritta Bernardino. (Relato contado por Álvaro Oliveira Bastos, coletado em fevereiro de 2015)

Esse lugar citado na narrativa era onde ficava localizado um hotel conhecido mundialmente, onde pessoas famosas se hospedavam, e hoje não existe mais. Ele ficava situado em um rio afluente do Rio Negro, que se chama Ariaú<sup>13</sup>. região noroeste da cidade de Manaus (distante 60 km da cidade). Perto do Parque Nacional Anavilhanas, suas águas são tranquilas e pretas porque quase não carregam sedimentos, mas são profundas. É necessário afirmar que essa tranquilidade deixa de existir com os temporais, pois até grandes embarcações não os enfrentam. Vemos

---

<sup>13</sup> <https://revistacenarium.com.br/foto/rio-ariau-no-amazonas/>

aí um resquício de um mito de criação, pois com a saída do animal, formou-se um lago conhecido como Lago do Arrombado.

Apesar de o lugar da história parecer distante do que reside o narrador, essas histórias são alcançadas sem muitas dificuldades, uma vez que nas pequenas embarcações, eles navegam por esses rios como fossem a extensão de seu corpo. Não há empecilhos para aqueles que sabem navegar por essas águas. Eles contam essas narrativas da cobra com muita propriedade. Na história a seguir vemos o que o anfíbio ocasionou:

E... também aqui no Fátima nesse ano que nós chegamos a segunda vez pra morar aí no Tarumã. No início de 63, ali em Fátima secava tudinho. Secava mermo. Ficava só aquele rego assim. Mas pra dentro era bastante água. (Relato contado por Álvaro Oliveira Bastos, coletado em fevereiro de 2015)

Fátima que ele se reporta é a Comunidade Nossa Senhora de Fátima, uma das seis que compõe o Tupé. Essa narrativa conta como a comunidade começou a secar todos os anos. Ele faz uma introdução muito parecida com o início da que foi contada por seu Sebastião.

Quando foi a noite deu um temporal forte, aí mexeu com os peixe, jacaré cantou, esturrou né, onça esturrou, pássaro começaram a cantar também. Aí quando foi de manhã tava na lama assim um rastro mais ou menos assim aqui assim [mostrou o tamanho utilizando o corpo mais ou menos um metro de largura]. Tipo de um animal grande assim. Eu creio que foi uma cobra muito grande que tinha ali. E desde então o Fátima começou a... Todo ano seca. O Fátima não era, o local não era chamado Fátima, era o Igarapé do São José. Veio passar a ser comunidade de Fátima referente à padroeira né, de Fátima. E a neta do morador de lá era chamada Maria de Fátima por causa disso. (Relato contado por Álvaro Oliveira Bastos, coletado em fevereiro de 2015)

Mostra um desassossego na natureza com a movimentação do bicho, como se a ele estivesse ligado ao núcleo da natureza e não pudesse ser movido de lá. E cada vez que se movimenta, algo físico na natureza é modificado. Essa saída exerce poder até sobre os animais que tem o poder de voar, uma vez que a cobra tem poder sobre as águas e sobre a terra, mas não sobre o ar, mesmo assim, influencia no comportamento dos pássaros. Além de o início ser parecido, apresentando jacaré e

animais menores, ele usa o corpo para mostrar a largura do animal e liga a narrativa à história do lugar.

Entrevistador: E assim, o pessoal aqui nessa comunidade tinha o costume de contar história antes de chegar a luz ou não? Como é que é, vocês se reuniam pra conversar, conversavam mais?

Entrevistado: É, muitas vez a gente ajuntava uma família, por exemplo, hoje vamo visitar a família fulano né, aí lá se juntava, pegava uma merenda, um cafezinho lá com tapioca, na época plantava bastante roça né. Quando não, era janta mermo. Nós era criança nessa época, ficava correndo com o filhos dos vizinho, no terreiro, pra cima e pra baixo, e eles ficavam contando história né. Então, eles contavam muito essas história de cobra grande, de jacaré, onça. Aí eu tinha medo [risos] (Relato contado por Álvaro Oliveira Bastos, coletado em fevereiro de 2015).

Seu Álvaro fala da comunhão que essas narrativas proporcionavam nas reuniões entre famílias. Recorda das brincadeiras de infância e de tudo o que lhe era proporcionado pelo ambiente acolhedor. Em meio a esse ouvir, encontramos a fartura providenciada pela terra por meio do café, da tapioca, das roças abundantes. O homem que trabalha a terra colhe seus frutos, e com ela mantém um ciclo: Da terra sai seu alimento, se não, é por causa dela que ele tem determinado alimento; pois é nela que o boi pasta e se alimenta, para se alimentando, alimentar. Através dela, o homem se estabelece socialmente nessas comunidades. Nisso, ele é um homem bem sucedido, pois um homem bem sucedido naquele lugar, é o que tem terras e plantações.

A história a seguir é de uma experiência vivida por ele, que assim como foi ensinado pelo seu pai, agora ensina seus filhos e netos:

Entrevistado: Eu já encontrei uma cobra dentro... numa cabeceira, onde a água dava aqui assim (mede na canela, a um palmo do chão). Eu pisava e a água molhava só aqui assim. Tinha um pé de buriti. Eu saí de casa pra ir ver se tinha caça lá né, matá caça pra alimentar os filho. Aí chegando antes de chegar no buritizeiro com 200 metros assim, eu escutei a cutia se espantar né, aí aquela coisa veio na minha cabeça assim: ela não me sentiu que eu tava parado e uma distância longa né. Aí eu já fui meio assim, com suspeita assim de que existia algum bicho por lá né. Aí eu passei, travessei por onde era a areia. Só que o buriti ficava dessa altura assim aonde dá buriti, onde o bicho come, principalmente a anta come né, fica só aquele lamaçal assim. Mas eu olhei, a lama tava certa assim, não tinha vestígio de nada.

Quando eu cheguei próximo assim, mas eu sempre com a espingarda aqui né nessa direção, olhando. E aí eu dei com aquela coisa lá. A cobra quando ela quer sentir, ela começa a mexer a língua né. Ela tava toda coberta isso dela assim, só o narizinho de fora assim sabe. Aí eu pensei que ela era assim

[fez um tamanho pequeno]. Eu fui por trás do buriti, me agarrei no buriti, peguei um facão que eu usava bem amolado assim, cortei assim, partindo a cabeça dela. O que resultou que a lama todinha que eu via lá, tinha cobra embaixo. Ela era assim ó [um tamanho maior]. Aí sempre quando meus filhos andam na floresta eu digo olha: quando vocês chegarem na área de buriti, de chavascal, vocês usem a cabeça. Vão prestando atenção que existe isso aí. Quem diria que existia um animal daqueles naqueles confins, longe né. Que sucuri, a gente vê mais na água grande né. Aí ela foi se posicionar lá dentro né. Aí quando eu cortei a cabeça dela, ela começou a se mexer assim, aí ficou toda fora. Mas era grande, eu não consegui, peguei no rabo dela assim né, pra ver se eu puxava, mas não consegue. É muito peso. (Relato contado por Álvaro Oliveira Bastos, coletado em fevereiro de 2015)

Apresenta dilemas e dramas vividos por ele e pelos seus, presentes não exclusivamente em suas narrativas, mas na vida. Bosi (1994, p. 60) diz, em relação aos velhos que essas pessoas “já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis”. Vimos ainda como o homem se constrói a partir de seu ambiente natural e como esse ambiente passa a fazer parte de sua história, incluindo geografia, fauna e flora, sua linguagem. Também, como tudo isso monta e remonta as relações entre os indivíduos, enquanto componentes desse meio natural e se tornam herdeiros de todo esse patrimônio de conhecimentos sobre seu meio fechado para estranhos.

Ademais, seu Álvaro é um homem que trabalha a terra, e a pessoa que trabalha a terra ganha respeito das demais, é vista como trabalhadora. Aquele que nada planta é visto como alguém preguiçoso, que, com o passar do tempo, não terá o que colher. Desse modo, a terra passa a ser um ponto referencial para a vivência cabocla. Também é muito indicado como mateiro, uma pessoa que conhece bem os perigos oferecidos pelas matas, respeitando seus horários. Não se ouve falar na região de mateiros que tenham se perdido na floresta.

Eles sabem contar o tempo de acordo com a natureza. Inclusive, o tempo está estreitamente ligado à vida cabocla, cujo saber está ligado à natureza. Saberes importantes são: o olhar para o sol e saber o lado que nasce e o que morre, e desse modo poder traçar um caminho na mata; é o olhar para a lua e ver se está na fase de plantar ou se precisa esperar um pouco mais; é ver se a água dos rios estão subindo ou descendo, para o plantio e colheita das plantações de várzeas; é saber, através das chuvas, se a cheia será grande ou pequena, e dependendo do lugar, ver a

necessidade de construir ou não marombas nas casas; ou do contrário, saber se a seca levará consigo toda a água do igarapé.

Saber esse tempo e se preparar para ele é questão de sobrevivência e de reduzir sofrimentos, pois “Enchente e vazante são como uma moeda de dupla face: uma muito triste, às vezes calamitosa, a enchente – casa e pasto alagados, pescaria escassa, muita chuva, fome, miséria, perigos de morte, doenças, ataques de animais do rio, principalmente cobras” (GUEDELHA, 2008, p. 35). É um narrador que sente prazer no conhecimento adquirido sobre as matas, os animais, a natureza que o rodeia durante todos esses anos de vivência. A finalidade da narrativa de seu Álvaro é ensinar. E é a finalidade que a torna um importante meio de salvar vidas. Como já foi dito inicialmente, uma narrativa salva vidas.

## 5. A Geopoesia nas narrativas do Boto na Comunidade do Julião

O boto é um mamífero que vive em águas doces da Amazônia. Há o vermelho, *Inia geoffrensis*, que é o maior cetáceo da bacia da Amazônia:

O boto-vermelho, essencialmente fluvial, é o maior dos golfinhos de rio, sendo endêmico das bacias dos rios Amazonas e Orinoco. Machos adultos são bem maiores e mais robustos que as fêmeas, atingindo no máximo 2,55 m de comprimento e podendo pesar 200 kg. As fêmeas chegam a medir 2,25 m de comprimento e pesar 155 kg. (FLORES [et al.], 2010, p.17)

E há o Tucuxi (*Sotalia fluviatilis*):

*Sotalia fluviatilis* é conhecida popularmente na Amazônia como bototucuxi ou simplesmente tucuxi. É a única espécie da família Delphinidae que vive exclusivamente em águas interiores. É considerado o menor dos delphinídeos e atinge no máximo 150 cm de comprimento e 45 a 50 kg de peso. (SILVA [et al.] 2010, p.21)

Em Manaus, há duas dessas duas espécies: o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) (acinzentado), e o vermelho (*Inia geoffrensis*), que possui cor meio rosada e é popularmente chamado de boto rosa. Este é visto como dócil, amigo, encantador, e em torno dele há o sobrenatural; já aquele é visto como bravo e arisco. Costumam ser vistos mais facilmente próximo das comunidades ribeirinhas. O boto vermelho é tão popular que há lugares em que se pode tomar banho com ele ou simplesmente vê-lo de perto – como atração turística.



A população desses animais já foi bem reduzida devido à caça predatória para se servirem da pele e da gordura, para utilizar como isca; e também por ficar preso em redes de pesca e em outros aparatos predatórios. Além disso, “alguns pescadores mataram deliberadamente os botos emaranhados, não apenas por causa da percepção da competição pelos peixes, mas também por causa dos danos causados às artes de pesca.

Antigamente, eram protegidos por alguns pescadores devido ao medo do que era sagrado; já por outros, era morto por ser visto como um inimigo das famílias. A narrativa mais conhecida desse personagem é passada de boca em boca nas cidadezinhas amazônicas e conta a história de um homem bonito que aparece nas festas de São João, comemoradas nos meses de junho, julho ou agosto, dependendo da escolha da data pela comunidade religiosa. Segundo Donato (s/d):

Sob diversos nomes populares é o animal amazônico e maior presença folclórica. Sedutor de moças ribeirinhas descuidadas e conseqüente pai de todos os filhos “de responsabilidade desconhecida”. “Nas primeiras horas da noite transforma-se num bonito rapaz, alto, branco, forte, grande dançador e bebedor, e aparece nos bailes, namora, conversa, frequenta reuniões e aparece fielmente aos encontros femininos. Antes da madrugada, pula para a água e volta a ser boto.” Sua fama de sedutor é do século 19. Registrou-a seu estudioso mais demorado (1848-1859) Henry Walter Bates (*The naturalist on the River Amazons*, Londres, 1864). (DONATO, s/d, p. 56).

Emerge das águas em busca de dançar com a moça mais bonita do lugar, ao sair da água deixa a forma animal e ganha a aparência de um jovem bonito, encantador, educado, aparentemente, um “bom partido” para qualquer moça. Usando vestes brancas e um chapéu que não pode ser tirado da cabeça, para que não seja descoberto um buraco por onde respira – única característica que não sofre metamorfose no processo de encantamento; é muito galante e se utiliza de todo seu charme para encantar as meninas, o que só pode fazer durante a noite, pois antes do amanhecer precisa estar de volta às águas.

O espaço onde se passa essa exegese ganha do narrador as características do lugar onde é contada. Assim, quase sempre apresenta uma igreja pequena, onde ocorrem os festejos à noite e onde as moças dançam e se divertem com seus pais, maridos ou namorados. Já tarde da noite, aproveitando a distração dos homens do lugar, procura a moça mais bonita e a leva, sob encanto, para o fundo do rio. Quando os presentes na festa sentem falta da moça, já é tarde, procuram-na, mas sem

sucesso. Quando é encontrada, não fala muito, não sabe contar o que aconteceu, apenas que foi o Boto o culpado pelo sumiço.

No entanto, tem-se registro de que essa narrativa nasce em meio a povos indígenas. João de Jesus Paes Loureiro em sua obra *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* apresenta uma narrativa mítica em forma de poesia que trata da origem do boto. Vejamos:

O Boto

Mito de origem dos botos  
(contada por Paquiri)

Uma mulher era casada, mas tinha um namorado:  
O macho da Anta, porque gostava do membro dele.  
E estava sempre deitando com bichos.  
O marido só desconfiava.  
Ela fazia muitos beijus.  
E quando o marido não estava, ia à beira do rio  
E cantava e assoviava, bem no lugar onde a Anta  
Saía d'água.

Cauim após arérehú

E a Anta respondia:

Fi!Fi!Fi!Fi!

O macho da Anta saía d'água; comia e ia deitar-se  
com a mulher.

O marido só desconfiava.

Um dia ele disse aos companheiros:

–Vamos matar a Anta?

– Vamos.

Fizeram muitos beijus.

E foram ao lugar onde Anta morava.

E chamaram:

Cauim após arérehú.

A Anta saiu d'água.

Os homens saíram detrás dos paus e a mataram.

Partiram o bicho em pedaços. E puseram tudo no moquém.

Quando já estavam assados, levaram uns pedaços para a na-  
morada da Anta.

– Está aqui um pedaço de carne de porquinho que te trouxemos.

A mulher disse que não queria.

O marido dela e seus companheiros comeram toda a carne do macho da  
Anta.

No outro dia a mulher convidou o marido para tomar banho.

A mulher ia na frente carregando o filhinho que era dela e da Anta.

O homem pulou n'água.

A mulher, com a criança, também, perguntando:

– Eu mergulho?

O marido disse:

– Mergulha.

A mulher mergulhou com o filhinho.

Demorou, debaixo d'água.

E boiou depois no meio do rio.

Ela e o filho tinham virado Boto.

O homem voltou para casa sozinho.

Por isso o sexo da fêmea do boto é como o da mulher

E o membro do Boto é como o da Anta macho.  
(NUNES PEREIRA, 1967, p. 612-622)

De certa forma, percebemos que o enredo vai mudando entre diferentes histórias, mas os personagens principais permanecem: a mulher, o homem e o Boto, o x o y e o z respectivamente. Sobre esse comportamento sofrido na poesia oral, Mircea Eliade diz que “A atualização dos símbolos e dos mitos não é mecânica: ela está relacionada às tensões e às mudanças da vida social, e em último lugar, aos ritmos cósmicos.” (ELIADE, 1991, p. 21). Desse modo, a variação das histórias orais está no cerne da geopoesia, pois vai agregando valores, características físicas e sociais, personagens e símbolos do lugar onde é recebida, passando a se vestir de uma nova roupagem com toda a força territorial. Com isso, o único elemento permanente é o personagem principal: o Boto. Há versões em que a mulher não aparece mais (dizem que foi morar com ele no fundo do rio), em outra, aparece morta. Para as que voltam, geralmente, depois de nove meses, aparecem com um filho nos braços dizendo ser filho do Boto, resposta suficiente para o caboclo ribeirinho silenciar diante dos mistérios da natureza, uma vez que é perigoso se mover contra o desconhecido.

Não podemos nos esquecer de que a geopoesia, na sua constante de fazer literatura de campo, faz trânsito e faz transitar narrativas orais e escritas – muitas vezes traduzindo da voz para o papel. Ela busca o dialogismo que permeia o enfrontamento, a tomada da consciência, ampliação do olhar sobre o mundo e sobre as coisas. Ela não exclui, antes, agrega: o empoderamento pela consciência do espaço. Passemos à narrativa do Boto e todos os movimentos que ela agrega.

A narradora a seguir é contada por Maria Brenda que reconta uma versão da história que a tia costumava lhe contar, em sua juventude. Essa história se passa na casa de um homem e de uma mulher que eram casados. Ele trabalhava fora e ela, no lar. Com o passar do tempo, ele passou a perceber em sua esposa atitudes estranhas e desde então, deu início a uma busca incessante pelos motivos.

O presente conto recebeu o nome, dado por ela, de *A revelação do Boto*. Esta seção tem como objetivo discutir a relação entre o masculino e o feminino na narrativa do boto quanto à sexualidade, a cultura e o poder. Embora hajam ditos espirituosos que apontem uma faceta humorística da aparição do boto, no fundo, aponta para a violência contra a mulher, violência sexual e até estupro, e vem carregada também da

expressão “mãe solteira” – que carrega tanto preconceito e conservadorismo. Além disso, o peso da imagem da mulher adúltera:

### *A revelação do Boto*

A minha tia me contava várias histórias. Tinha um casal que morava no interior. Falava né que o marido dela trabalhava fora. E o marido dela todo dia saía pra trabalhar, e quando ele voltava, ela sempre perguntava:

– Mas tu não tava aqui ainda agora?

– Não. Cheguei aqui agora.

Ele começou a notar ela ficar pálida né, assim. Aí um dia ele pegou disse que ia trabalhar e não foi né, ficou escondido. Aí quando ele saiu, que ele ficou escondido, que ele viu, um homem igualzinho, a merma aparência dele, como se fosse ele foi lá né. Chegou com a mulher dele e ela fazendo a comida lá pra ele, tudo bem.

Daí depois, ele ficou prestando atenção. Aí diz que depois, demorava um pouco lá, aí ele escutava aquele barulho pra dentro da água né. Aí ele foi conversar com a mulher dele pra saber né. Aí ela disse:

– Não, mas tu tá acostumado sair e voltar. Quase todo dia tu diz que vai e não vai. Aí ele pegou e disse:

– Vamos fazer uma armadilha? Isso daí deve ser o boto. Eu vou fingir que vou embora e vou me esconder, tu pega um monte de alho né, e bota bastante, bastante alho na comida.

– ta, tá bom.

Aí foi, quando o outro cara chegou né, que era o boto, a mesma feição dele. Aí ela deu a comida. Ele saiu doido correndo, se batendo, thobom dentro da água. Aí não deu tempo de ele cair todo dentro d’água. Aí ficou, metade homem, metade boto. Aí a história só é isso, que eu lembro só é isso mesmo. Daí descobriu que era o boto e pronto (Relato contado por Maria B. H. dos Santos, coletado em fevereiro de 2015).

O boto é uma espécie de Don Juan dos rios. Agrega elementos da malandragem, do masculino sedutor e do homem que se deleita do corpo da mulher e a “abandona”. A menina cresce ouvindo que o boto ataca as mulheres, levando-as para o fundo do rio. O boto revela e tem um papel social masculinizado até os dias de hoje nas comunidades ribeirinhas. Ele nos mostra como era e, infelizmente, como ainda é o tratamento direcionado às mulheres por parte de alguns homens nessas comunidades. A mulher mostra um papel social também bem diferente do comumente encontrado. Essa narrativa tem em si entranhadas as concepções de mundo de seu narrador, embora não seja expressa em forma de opinião.

Essa narrativa da geopoesia manauara gerou outras que foram transformadas em literatura infanto-juvenil como a *Viagem do boto no fundo do rio*. (2002). Elson Faria, nessa versão escrita mostra divertidamente o que tem no fundo dos rios da região ao seu pequeno leitor, e não traz um ataque do boto às mulheres, apenas uma tentativa. Versões de que o boto leva a mulher para o fundo do rio e mata não foram

encontradas em obras literárias para este trabalho. Só mesmo em versões oralizadas, que servem para instruir os mais novos sobre os perigos das “águas grandes”.

O boto vermelho é visto na cidade de Manaus, capital do Amazonas, como um animal brincalhão e muito dócil. Virou uma atração turística em muitas comunidades da zona rural de Manaus, que são banhadas pelos rios e igarapés. Já em muitos municípios deste estado, é visto como um bicho esperto, e em torno dele há todo um mistério. A narrativa mais conhecida desse personagem é passada de boca em boca nas cidadezinhas do referido Estado e conta a história de um homem bonito que aparece nas festas de São João, comemoradas nos meses de junho, julho ou agosto, dependendo da escolha da data pela comunidade religiosa.

Ao emergir das águas em busca de dança, de festa e de sedução e deixar a forma animal e ganhar a aparência de um jovem bonito há um performativo do masculino malicioso e do feminino ingênuo. As vestes brancas agregam, pensamos, algo também da tradição afro-brasileira. O chapéu também é muito interessante, pois o boto não completa sua metamorfose por completo e preserva o “buraquinho” de respirar.

Essa história sempre divide opiniões quanto a sua veracidade, o que ocorre desde os povos antigos que viviam na Região Norte até os que vivem nos dias de hoje na comunidade do presente estudo. Como já foi dito anteriormente, o que pode ser verdade para uns, é lenda para outros e vice-versa. A geografia do Amazonas é muito diversa, nem todos os povos tradicionais habitam as margens dos rios, e desde os mais antigos já havia essa diferença, pois os que moravam perto dos rios temiam a força e o escuro das águas; bem como quem era das matas, temiam o que vinha da floresta, que mesmo durante o dia é sombria, escura.

Também, em meio à mata fechada, geralmente, os cursos d'águas são bem menores em tamanho e volume, o que não é suficiente para gerar medo. Assim, quem morava perto das águas não atribuía tanto significado para o que era da floresta ou até mesmo desconhecia as histórias. De igual modo ocorria para os que viviam na floresta em relação às narrativas das populações ribeirinhas, entre elas, *in loco*. Sobre verdade, para uns moradores, essa narrativa é verdadeira, e é o próprio Boto que ataca; para outros, não. Percebemos que essas divergências se dão por vários fatores: tempo longínquo, lugar distante; no entanto, importa perceber e respeitar a opinião e percepção deles.

Essa versão apresenta muitas diferenças da convencional, quanto aos elementos estruturais. Ela rompe com a versão já pré-estabelecida e conhecida. O tempo, por exemplo, passa a ser o dia, enquanto nos registros realizados pelos escritores citados anteriormente ocorrem à noite, uma vez que é mais comum a manifestação festiva do sagrado à noite, pois a presença da luz movimenta outras formas de ação.

No espaço apresentado não é vista uma igreja, onde a fundação da cidade é demarcada por essa imagem, que deve ser vista dos barcos que passam pela frente – uma marca da colonização na visualização da paisagem. A história também não apresenta como lugar uma festa com comidas típicas e bandeirinhas coloridas, ao contrário, ocorre dentro do ambiente familiar: a casa.

A casa, nessas comunidades, geralmente, fica dentro de um espaço fechado por cercas feitas de madeira ou de arame farpado ligadas nas quinas por troncos (colunas) formando um retângulo. Essas cercas, além de delimitarem o terreno, servem como proteção para a casa, mas, quase sempre, a que está estreitamente ligada ao rio possui uma parte onde não há esse limite, pois é usado como porto para pequenas embarcações dos moradores, o que torna comum a aparição de animais maiores.

Também, quando as casas são muito distantes umas das outras, geralmente não possuem cercas, apenas um pedaço de madeira para delimitar o terreno. No entanto, a casa manifesta: segurança, conforto, proteção contra animais e espíritos do mal, pois quando se fala de casa, lembramo-nos do lar, do conforto, do alimento, dos afetos e principalmente da proteção contra o perigo. Porém, não é o que ocorre na exegese *in loco*, pois, antes, o que poderia ser evitado pelas paredes, acaba sendo ocultado por elas. A casa, lugar de proteção, passa a ser o lugar do perigo, do desencontro, do desafeto, da desgraça.

O marido, parte integrante da família, também sinônimo de proteção para a mulher, não percebe de imediato os ataques do cetáceo, pois precisa se afastar para trabalhar e sustentar a casa. É nesse afastamento que o animal se aproveita para estabelecer uma comunicação. Esse afastamento faculta essa espécie de triângulo amoroso.

Pensando na tradição judaica é interessante olhar a narrativa de Eva. Ao manter o contato com a serpente, a mulher estava sozinha. Certamente, não encontrou com a serpente uma única vez, pois o texto não precisa a quantidade de

encontros, mas permite levantar o seguinte questionamento: o que fazia Adão que não percebeu o (s) encontro (s) de Eva com a serpente?

De igual modo, não necessariamente com palavras, havia uma comunicação entre a mulher e o Boto. O marido que saía todos os dias para trabalhar, regressava ao final da tarde. Tempo suficiente para o cetáceo entrar em ação. Nessa narrativa, não houve apenas um encontro, pois o marido levou tempo para perceber o problema: “*Aí ele foi conversar com a mulher dele pra saber né. Aí ela disse: – Não, mas tu tá acostumado sair e voltar. Quase todo dia tu diz que vai e não vai*”.

Assim, podem-se perceber os embates presentes na família tradicional ribeirinha através da mulher, tratada a partir de um modelo intocável e, do homem e sua virilidade, e de ambos com o poder.

Já falamos anteriormente que grandes obras literárias vieram de vozes como essas, de pessoas simples, do povo. Em relação à linguagem e sua estrutura, ainda podem-se apresentar outros questionamentos voltados a exemplos de textos reconhecidos pela cultura ocidental, tais como a *Bíblia*, a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Acerca do texto bíblico, é possível levantar os seguintes questionamentos: não foi escrito a partir de uma ordem proveniente da oralidade? Por exemplo, Moisés recebeu de Deus as palavras que seriam colocadas nas tábuas dos Dez mandamentos com força de Lei. A respeito dos textos épicos de Homero pode-se indagar: o autor não se utilizou da cultura oral para registrar *Ilíada* e *Odisseia* muitos anos após a guerra? A partir dessas questões levantadas, há sempre uma marca da performance nessas narrativas ancestrais – tomadas como dogma ou não.

A crença amazônica mostra que a mulher é o objeto de desejo do boto. Ao chegar às festas, ele busca a moça mais bonita do lugar, e para isso, ele se veste do homem mais bonito do lugar. A moça escolhida não é passiva, pois também possui um desejo, alimenta a imaginação e o sonho com uma figura de homem que atenda a seus anseios, e ele, o Boto, em sua condição de homem, é o que ela deseja, é imagem que aguça sua imaginação.

Em diálogo com Cixous (1995, p. 26)<sup>14</sup> (com alterações), em seu texto *La risa de la Medusa*, sobre o mundo do livro: “não está obrigado a reproduzir o sistema. O sistema é opressor, mas a escritura não”. Para ela, a literatura pode transgredir essa opressão, mas não é qualquer literatura a que ela se refere, e assevera: “me refiro a

---

<sup>14</sup> “Que no esta obligado a reproducir el sistema. Y es la escritura” (CIXOUS, 1995, p. 26).

todos os textos em que se luta. Textos guerreiros; e textos rebeldes.” (CIXOUS, 1995, p. 27)<sup>15</sup>. Toda escritura, assim, está relacionada à pulsão de vida. Desse modo, a narrativa do Boto, bem como *Iliada* e *Odisseia*, veio do povo e foi registrada por alguns escritores, tais como: Elson Farias, Juraci Siqueira e Hernâni Donato. Depois de registrada, mudou de forma, mas carrega em si um presente em um lugar, agora passado. Mas um passado que torna a ganhar vida, conforme se sobe os rios do Amazonas.

Vejamos a narrativa do colonizados: a mulher retruca, confronta o homem, enfrenta-o, de certo que ele age, pela palavra sagrada, buscando um culpado. O ser humano, diante de situações difíceis da qual pretenda se eximir ou eximir os seus de alguma culpa, busca por culpados – e a misoginia tem essa característica. Mas mesmo que vá para o embate, se houver na situação apenas ele e o outro para fins de culpabilidade, que seja o outro o culpado, ainda que esse outro seja um dos seus, como ocorreu entre Eva e Adão, já que havia somente os dois, enquanto humanos, convivendo no Jardim do Edén.

Quando Eva foi persuadida pela serpente a comer do fruto, comeu e deu a Adão, e ele também comeu. Ela comeu do fruto por que viu que era bom, por que desejou comer, e Adão, da mesma forma, embora pareça ter sido passivo quanto a essa ação. Isto foi o que aconteceu com Adão, foi levado pela curiosidade tanto quanto Eva para saber o que aconteceria depois da ingestão, se realmente seria como Deus antecipou: conhecedor do bem e do mal. O interessante é o símbolo da árvore – como algo que abriga o fruto do pecado, por um lado, e do que é realmente humano, do outro.

No entanto, ao ser questionado por Deus sobre seu conhecimento de sua nudez, atribuiu a culpa à mulher, e indiretamente a Deus quando acentuou que fora a mulher que recebera dele. A mulher, que é absolutamente exterior ao homem passou a ser vista desde então, como a errada, por ela mesma e pelo homem: “Deixaram a mulher mantendo a distância de si mesma, lhe deixaram ver (não ver) a partir do que o homem quer ver dela<sup>16</sup>” (CIXOUS, 1995, p. 20).

---

<sup>15</sup> “me refiero a todos los textos en los que se lucha. Textos guerreros; y textos rebeldes” (CIXOUS, 1995, p. 27).

<sup>16</sup> “la han mantenido a distancia de sí misma, le han deja do ver (= no-ver) a la mujer a partir de lo que el hombre quiere ver de ella, es decir casi nada” (CIXOUS, 1995, p. 20).



Mas e se Adão estivesse perto dela no momento em que tudo aconteceu? Nessa narrativa, o castigo para essa ação foi muito pesado para a mulher, que após isso dá continuidade à humanidade por meio de dores. A partir de então, a culpa de ter trazido a morte para o mundo é da mulher que, sendo vítima da ausência de Adão, passa a ser vilã para as sociedades de várias partes do mundo. E essa culpa vai também para os discursos machistas, que viraram ditos populares com apontamentos de que os homens só morrem por culpa das mulheres, e só há sofrimento no mundo por causa de Eva. A respeito da eterna culpabilidade da mulher, Cixous (1995, p.15) considera viável pensar que os homens inventaram a paternidade e que Deus é um segredo dos homens; e que “na filosofia, a mulher está sempre do lado da passividade<sup>17</sup>”.

Mas na narrativa do Boto, a mulher transcende esse lugar de passividade, de submissão e passa a ser uma parceira para o marido na busca de desmascarar o sedutor: – *Vamos fazer uma armadilha? Isso daí deve ser o boto. Eu vou fingir que vou embora e vou me esconder, tu pega um monte de alho né, e bota bastante, bastante alho na comida. – tá, tá bom*”.

O marido aceita a condição da mulher. Apesar de não sofrer diretamente os ataques, é o que mais sofre, pois no fim da narrativa mostra o imitador voltando ao seu estado inicial: o de boto, mas não diz se a mulher fica grávida, o que seria uma completa vergonha para o marido se isso acontecesse, pois tocaria em sua masculinidade, o que pensariam os outros homens se ele, hipoteticamente, permanecesse com uma mulher que carregasse no ventre um filho de outro homem, ainda que do Boto?

Nas comunidades ribeirinhas, nos demais municípios é aceitável, o que não quer dizer ser o ideal, que um homem se case com uma mulher que tenha filhos de relacionamentos anteriores, o que é comum na cidade desde muito tempo. Porém, há sempre uma marca preconceituosa contra a mulher que tenha tido vários relacionamentos e vários filhos de pais diferentes. Embora essa afirmação sirva para a maioria, há sempre os que não compactuam com ela. “A participação de indivíduos em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (LARAIA, 1986, p. 80). No entanto, ainda é base de sustento de dissabores da vida causados por tratamentos grosseiros, estúpidos e até de

---

<sup>17</sup> “Que en la filosofía, la mujer está siempre del lado de la pasividad” (CIXOUS, 1995, p. 15).

violência. Se o homem a sustenta, sustenta a casa e os filhos, ela não tem o direito de requerer mais nada, pois ele é um homem suficientemente bom. Apesar de o texto não expressar certezas sobre uma possível gravidez, é possível inferir que sim, pois o marido toma a decisão de se esconder após notar a mulher pálida, conforme diz a narradora: “Ele começou a notar ela ficar pálida né, assim. Aí um dia ele pegou disse que ia trabalhar e não foi né, ficou escondido”.

A palidez, a fraqueza e o enjoo são sintomas possíveis para os três primeiros meses de gravidez para a maioria das mulheres. Essa gravidez tem uma relação específica, pois nela, a mulher vive a experiência do não eu entre-eu, conforme Cixous (1995). A mulher é apartada da história e está no âmbito da cozinha ou da casa: “Porque para-ela, e sem-ela, celebram a grande festa da morte que denominam sua vida<sup>18</sup>” (CIXOUS, 1995, p. 23). Essa opressão é histórica. Recebe o nome de patriarcado e ocorre, de modo geral, em todas as sociedades. Mas, nas comunidades tradicionais, esse movimento é explicitado o tempo todo e move o *habitus* e a diferença entre o masculino e o feminino:

Essa parte da casa agrega uma territorialidade feminina, pois é nesse espaço que a mulher mais permanece durante o dia, seja cozinhando, organizando, ou mesmo recebendo visitas de outras mulheres. Quando um vizinho visita o outro, os homens ficam na sala e as mulheres na cozinha conversando. Durante as festas religiosas as mulheres se reúnem nas cozinhas das casas, onde acontecem os pousos de folia, para fazerem a comida. Durante o ritual se aproximam da sala para participarem. Depois retornam à cozinha para servir a comida para os homens, que ficam na sala, e só depois se alimentam na cozinha. Essa situação evidencia que a ‘sala’ é um espaço masculino (ALVES, 2020, p. 69).

Esses espaços também são mediadores das narrativas. Na Comunidade Quilombola estudada por Elizeth Alves, bem como na Comunidade do Julião, demarcam também o acesso dos “povos da rua”.

Como exemplo primevo desse feminino na “floresta” há uma narrativa a respeito da existência das Amazonas. Segundo Ângela Muniz (2016), os expedicionários travaram um confronto com essa *tribo* de mulheres guerreiras na foz do rio Nhamundá, próximo ao rio Madeira. Carvajal (1504-1584) fez a viagem pela “Floresta” em 1542 e fez o seguinte relato:

---

<sup>18</sup> “Porque para-ella, y sin-ella, celebran la larga fiesta de muerte que Haman su vida” (CIXOUS, 1995, p. 23).

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça, São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho. Voltando ao nosso propósito e combate, foi Nosso Senhor servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito destas amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos e desbarataclos com farto dano de suas pessôas (CARVAJAL, 1941, p. 60-61).

Acerca dessa narrativa, A. Muniz (2016), assevera que depois desse episódio, advindas do imaginário dos espanhóis a partir do mito grego, transplantou-se o mito das Amazonas para o vale amazônico. Fundindo-se com a imposição colonial e esse feminino resistente e guerreiro deu-se o nome ao rio Amazonas e, conseqüentemente, tempos depois ao próprio estado do Amazonas.

Sobre a questão das Amazonas, Cixous (1995, p. 86) recorda a obra de Kleist, *Pentiselea*, onde Penteselea é a rainha delas. Há uma dicotomia entre os Gregos e as Amazonas, que se “definem em uma visão de exclusão/inclusão a respeito à sexualidade, ao amor<sup>19</sup>”, e percebe que as Amazonas representam o sonho de uma sociedade sem homens, pois capturam os homens para casar-se com eles, o que é o inverso do rapto masculino. Ela compreende, assim, que a amazona domina para não ser dominada, já o homem domina para destruir; e que, “a essência de *Pentiselea* é ser o desejo puro, o desejo furioso, imediatamente fora de toda lei<sup>20</sup>” (CIXOUS, 1995, p. 88).

Nessa “*tribo*” (nesse grupo), eram as mulheres que tinham o direito de imperar, funcionando assim algo do que se entende como matriarcado. E há outros mitos onde o matriarcado também reinava. Em algum momento, “Uma organização patriarcal da sociedade sucedeu a organização matriarcal, o que logicamente provocou um enorme transtorno das leis então em vigor<sup>21</sup>” (CIXOUS 1995, p. 66). Desde então, “A herança se transmite através dos homens, patriarcado-economia-política-economia-sexual-tudo isso se regularizou desde que as grandes berradoras foram reduzidas<sup>22</sup>”

---

<sup>19</sup> “definen en una relación de exclusión/inclusión respecto a la sexualidad, al amor” (CIXOUS, 1995, p. 86).

<sup>20</sup> “Pero la esencia de Penteselea es ser el deseo puro, el deseo furioso, inmediatamente fuera de toda ley” (CIXOUS, 1995, p. 88).

<sup>21</sup> “una organización patriarcal de la sociedad sucedió a la organización matriarcal, lo que lógicamente provocó un enorme trastorno de las leyes entonces en vigor” (CIXOUS 1995, p. 66).

<sup>22</sup> “la herencia se transmite a través de los hombres; patriarcado – economiapolítica – economiasexual – todo eso se regularizó desde que las grandes aulladoras fueron reducidas” (CIXOUS, 1995, p. 82).

(CIXOUS, 1995, p. 82). A autora apresenta, ainda, os mitos gregos sob o ponto de vista do feminino, defendendo que antes existia um matriarcado e que isso em algum momento mudou para um patriarcado. Balizando a etimologia da palavra, Souza faz o seguinte percurso:

O termo Amazonas está relacionado à ideia de mulher emancipada. No Dicionário de mitologia grega e romana de Joel Schmidt, encontramos a seguinte definição: “as amazonas pertencem a uma raça de mulheres guerreiras que, segundo os mitólogos antigos, viviam no Cáucaso e na Ásia Menor”. Já o Dicionário da Língua Portuguesa da Academia de Ciências de Lisboa informa que a palavra tem origem grega e teria tomado a forma latina amazōn, atribuindo-lhe o seguinte significado: “mulher guerreira de antigos povos, que combatia a pé ou a cavalo”. Considera ainda que amazônico é aquilo ou aquele que descende das amazonas, além de outros significados, como o nascimento na região amazônica (SOUZA, 2021, p. 09).

Apesar de toda a força da mulher, ela ainda é subjugada – porque sua herança linguística é, também, de *subjugo*. A representação do feminino é sempre para um Outro. Esse outro que está aí para ser reapropriado, retomado, destruído enquanto outrem. É possível, então, pensar em outro lugar para a mulher, um lugar de não opressão? De não alheamento? Cixous (1995) crê que as transformações só são levadas a cabo com os movimentos revolucionários. Porém, no caso da população ribeirinha da comunidade do Julião, que espelha sociedades e práticas tradicionais, é difícil pensar em revoluções, pois até há muito contato com a cultura externa dessa região, mas os moradores não fazem questão de tomá-la para si, pois não a olham de modo positivo, por esse motivo essa mudança é lenta. O fato de eles terem saído de seu lugar de origem já é um grande avanço cultural em relação a determinados comportamentos. Mas, nesses anos de pesquisas e de deslocamento para o local notamos muitas mulheres “fazendo trabalhos masculinos, principalmente no que diz respeito ao plantio e cuidado com a terra. Embora predomine o trabalho com a casa e uma vida voltada para a família e o espaço da cozinha.

Na narrativa analisada, a mulher tem direito à fala, ao menos a de defesa. O que pode ser considerado um ponto de mudança, e que nos dá mais certeza de que essa narrativa, entre outras variantes, seja de um tempo mais recente:

Por isso, o que me interessa mais fortemente questionar aqui – o que não quer dizer que se deva desconsiderar as particularidades, naturalmente – é a manutenção da colonialidade estética, justamente esta que busca eliminar as distinções próprio/alheio colocando em seus lugares as de centro/periferias com as quais vai estabelecer a ideia qualitativa de superioridade (e com ela as de centralidade, de totalidade e de universalidade) de uma, centro (o

grande alheio), frente a ideia deficitária de inferioridade da outra, periferias (os demais próprios). O que irá manter e reforçar a sempre colonial condição histórica de possibilidade de ser da primeira e de não-ser da segunda. (SOUZA, 2021, p. 25)

Na narrativa do Boto, por exemplo, a mulher também é vulnerável, embora seja forte, embora tenha ideias para lutar, e dessa vez foi ouvida, tendo seu pedido atendido. A mulher apesar de ser pintada de forma passiva aos encantos do Boto, inicialmente, subjugada por ele toma as rédeas da situação ao descobrir que ele estava se passando pelo marido. Um jogo de disfarce, metamorfose, transformação movimenta um triângulo amoroso. A mulher não reconhecer esse outro como outro e sim como o próprio marido parece assentir a relação extra-conjugal. A colonialidade estética reverbera nesses entre-ditos da narrativa do boto.

Por fim, essa mesma mulher “luta” junto do marido para que o encanto do cetáceo se acabasse, uma vez que não queria ser levada por ele. A questão sexual fica ocupa um novo lugar e a união para a vingança é o que caracteriza essa versão.

O Boto, bem como a narrativa, carrega consigo uma mazela social que caminha pelas matas, pelas margens dos rios, dentro das águas escuras do Solimões ou as barrentas do rio Amazonas, e infelizmente, por gerações, até mesmo dentro das casas: os ataques contra moças e meninas. Desde criança, a menina tem seu crescimento acompanhado pelo pai, pelos tios, avôs, vizinhos, que as vê correndo movida pelo impulso de sua natureza, e até as protegem como um bem a ser preservado – projetando a “honra” da família.

Mas em um belo dia, ela deixa de brincar com as brincadeiras de menina, e muitas vezes esses mesmos olhos que a protegiam, passam a se voltar para ela, como se fosse uma inimiga, como se fosse a culpada de atraí-los. É o proibido que impulsiona a busca pelo momento certo de o boto-homem atacá-la, e ela que não sabe quem estará por trás dessa “metamorfose” que seduz.

Culturalmente, sabendo que ela poderá ser atacada a qualquer momento quando estiver desprotegida, o pai procurará logo seu sucessor no quesito de proteção, alguém trabalhador, que tenha condições de sustentar a filha dele. E nesse momento, não importa para quem os olhos dela se voltem. A moça precisa abrir mão de tudo o que possa retirar sua aparência angelical: sentimentos de desejos, aqueles que vêm do coração. Esses desejos da carne são coisas para homens; as mulheres não podem querer ser vistas com os mesmos comportamentos dos homens, se

entregar a esses desejos pode fazê-las serem vistas como desobedientes, além disso, o que vão pensar outras mulheres? Prova disso é que não encontramos a narrativa de uma “bota” que se transformasse em mulher e seduzisse o homem etc.

Mas, se o ataque não for evitado, e for descoberto que o Boto não é alguém da família, o casamento é certo. No entanto, se for ocultado, por trás da imagem do Boto estão pessoas próximas da menina, pessoas da família, ou homens casados. Neste último caso, a mulher não tem escolha. O mais importante é arrumar um pai para o filho do Boto ou será hostilizada pelos homens e pelas outras mulheres com a única parte que lhe restou do sonho: o feliz para sempre. Se não quiser fazer parte deste sistema, certamente passará por muitas dificuldades na vida.

Geralmente, nem os pais a aceitam em casa, e se a aceitarem, passa a ser a vergonha da família. Para outras mulheres não é uma boa companhia, e também a julgam, mesmo que tenham passado pelas mesmas coisas, porém, o fato de terem *resistido* a tudo isso, silenciosamente, fazem-nas se sentirem superiores. É a necessidade do ser humano de subjugar o outro.

Mas depois de contrair matrimônio, essa mulher ganha um título: a mulher do José, do Raimundo, do Pedro... E precisa ser uma ótima esposa. Precisa lavar, passar, cozinhar, tratar peixes, e fazer tudo a contento, alegremente. Se o marido passar dois ou três dias na pescaria com os amigos, ele não precisa se preocupar por que tem uma mulher que pode fazer e faz tudo no lugar dele. Ela é uma ótima mãe para ensinar todas as tarefas domésticas às filhas, e principalmente, reproduzir para elas todas as vozes carregadas desses valores.

A mulher, símbolo da obediência, da submissão, da pureza, sempre foi o objeto de desejo do homem na literatura. Na narrativa do Boto, ela é seu objeto de desejo, é o que o move de seu lugar inerte e o faz pensar em estratégias de alcançá-la. Desse modo, ele passa a sondar o comportamento do marido, aparentemente, o único a fazer companhia à mulher, mas que passa o dia fora trabalhando, enquanto ela executa as tarefas domésticas no lugar de proteção: o lar, de onde não se ausenta.

E se não bastasse, o homem, que surge do ventre dela, cria leis para dominá-la, torná-la submissa. E caso nasça uma mulher, ela estará sempre correndo o risco de ser abordada pelo boto. O corpo dela também é dominado por essas leis; ela perdeu o direito sobre ele e sobre sua voz quando acabou o matriarcado, ali: “os filhos

deixam de serem filhos de mães, e se convertem em filhos de pai<sup>23</sup> (CIXOUS, 1995, p. 70).

O homem ribeirinho é culturalmente pacato, de poucas palavras, porém, sua cultura não é estanque, e há, atualmente, uma mescla de sua cultura com a “moderna” sociedade ocidental, ocorrida, principalmente, após a chegada da energia elétrica<sup>24</sup> e acessos mais amplo a redes de comunicação:

A cultura humana não é homogênea. É tremendamente variada, e essas variações têm também uma dimensão temporal, pois uma mesma cultura muda com o tempo. A cultura dos Estados Unidos não é hoje o que era há cem anos. A cultura também varia de lugar para lugar: a cultura do estado de Nova York não é a mesma que a da Tailândia. E a cultura varia com os povos: a cultura dos esquimós não é a mesma dos pigmeus de Luzon ou da península da Malásia (WHITE, 2009, p. 32).

Assim, compreende-se que, de igual modo na vida, na literatura, mais especificamente nas narrativas orais, a ideia de superioridade masculina predomina. A relação familiar tradicional é utilizada fundamentalmente para o bom andamento do sistema falocêntrico, para o predomínio do masculino sobre o feminino. É um sistema que, teoricamente, “protege” a mulher do externo, reconduzindo-a ao modelo familiar, e ao mesmo tempo, cala-a, tornando-a sempre o Outro.

## **CONCLUSÃO DA PRIMEIRA PARTE**

Revisitar esse material, e caminhar pela comunidade depois do auge da pandemia, foi possível perceber que poucas coisas mudaram em relação ao espaço físico, e em termos culturais também. Muitos dos que colaboraram com este trabalho, narrando suas histórias, ainda residem naquele lugar. Em relação ao trabalho, continuam com as mesmas atividades, acrescentadas as de alguns projetos de sustentabilidade, de artesanato, e de escoamento de matéria-prima. As construções em concreto também aumentaram, pois aumentou a fiscalização da retirada de madeira.

Sobre este trabalho, ficaram felizes por saber da continuidade e pediram uma apresentação dos resultados para eles em uma das reuniões comunitárias que

---

<sup>23</sup> “los hijos dejan de ser hijos de madres, y se convierten en hijos de padres” (CIXOUS, 1995, p. 70).

<sup>24</sup> Projeto Luz para todos, criado pelo Decreto 4.873 de 11/11/2003  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4873.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4873.htm).

continuam acontecendo em todo primeiro domingo de cada mês. Olhar para as pessoas naquele lugar ganhou um novo sentido. Em termos de busca por melhorias, elas mudaram significativamente, pois não aceitam mais a passionalidade em relação a alguns modos de vida. A pandemia as transformou em indivíduos que lutam pela vida e se preocupam mais com o bem estar e a saúde física e mental, é como se tivessem conseguido enxergar o que não conseguiam antes. Suas histórias agregaram novos conhecimentos de vida e de mundo, alguns personagens ganharam nomes próprios e vida.

Aquele espaço, enquanto casa de morar, é o mesmo ambiente compartilhado por todos que ali residem, mas cada um, embora com as mesmas raízes fincadas à terra, contam as narrativas de modo diferente porque têm sentimentos diferentes, reações diferentes diante dos mesmos episódios, suas experiências não são as mesmas.



## **II PARTE: A GEOPOESIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

### **INTRODUÇÃO DA SEGUNDA PARTE**

Primeiramente, para falarmos da Geopoesia no ambiente escolar, é necessário compreendermos como funciona o Ensino Fundamental II. Esse segmento tem a duração de quatro anos letivos, e é dividido em séries, que vai do sexto ao nono ano, cuja faixa etária abrange dos onze aos 14 anos. Faz parte da Educação Básica, que atende alunos em idade escolar entre 4 e 17 anos, sendo dever do Estado; sua garantia de caráter gratuito é assegurada pelo Art.208 da Constituição Federal de 1988 (CF/1988), tanto para os que estão em idade escolar, quanto para os que não tiveram acesso a ela em tempo.

Nesta Constituição está a Lei de Diretrizes e Bases (LDB/1996), que foi atualizada, desse modo, há uma lei que traça um caminho para a Educação Nacional. Possui como base de acompanhamento para uma educação significativa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), criada para fixa os conteúdos mínimos, conforme exige o Art. 210 da CF/1988, cuja última atualização para esse segmento de ensino se deu em 2017. Atualização que trouxe mudanças expressivas para quem trabalha na educação. Ainda em 1996, também foram promulgados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em que está inserido o de Língua Portuguesa com seus respectivos objetivos de ensino.

Pensar a educação para o público dessa faixa etária não é uma tarefa tão simples, pois exige conhecimento de teorias e de práticas, de contato, de convívio, para o melhor desempenho do discente. Além disso, é o tempo em que há a passagem da infância para a adolescência, um período de transformações sociais, emocionais e físicas. Por isso, além de alunos e professores, essa proposta visa alcançar os responsáveis.

Embasados nessa proposta estão todas e quaisquer práticas pedagógicas a serem aplicadas em sala de aula por meio dos planos de aula, incluindo projetos. Uma mudança que implica no modo de aprender, de desenvolver habilidades e de formar um indivíduo competente para desempenhar suas atribuições na sociedade. Logo, depois de discutida por muitos profissionais da educação, a BNCC passou a dividir as disciplinas por áreas de conhecimento, aproximando-as entre si.

Assim, as disciplinas passaram a ser trabalhadas dentro de eixos, são eles: Linguagens, Matemática, Ciências Naturais e Ciências Humanas. O primeiro engloba

as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Língua Inglesa; o segundo, Matemática; o terceiro, Ciências; e o último, História e Geografia. Trabalhando o desenvolvimento do discente através da leitura, da arte, da linguagem e movimento do corpo, do contato com outras línguas, de cálculos, do seu meio ambiente natural, tecnológico e social.

Essas mudanças são um avanço consideravelmente expressivo na área da educação, pois por muitos anos, o Ensino Fundamental II, 6º ao 9º ano, trabalhou essas disciplinas bem separadas. Continuam separadas, no entanto, essa aproximação em eixos permite que um determinado assunto seja trabalhado em conjunto por disciplinas diferentes, por meio da interdisciplinaridade. Lembremos que os assuntos eram incutidos nas cabeças dos alunos de modo fragmentado, assim, cabia a estes criarem pontes entre aqueles ou não.

Em Língua Portuguesa, por exemplo, no sexto ano, o aluno é ensinado sobre textos narrativos e descritivos, tipologias e gêneros. Estuda os componentes da estrutura básica de um texto narrativo como: narrador, personagem, enredo, tempo e lugar; e sobre o texto descritivo, conceitos. Aprende que um texto narrativo pode se apresentar em prosa ou em versos, estuda sobre cartas, bilhetes e tirinhas, mas somente no sétimo ano, aprende que um texto narrativo pode ter textos descritivos em sua composição. Também, novos gêneros são apresentados.

No oitavo ano, esse aluno vai ouvir falar sobre o gênero memória, e vai ter de se lembrar do que viu no sexto ano para que possa ligar aos demais conteúdos, no nono ano estuda sobre crônicas e suas características. Esse aluno leva quatro anos letivos aprendendo tudo por partes e tendo de interligá-las, isso falando somente dos estudos inseridos nas propostas da disciplina Língua Portuguesa.

Imagina, perceber e interligar que a disciplina de história precisa de narrativas para existir; que a Semana da Arte Moderna é estudada também na disciplina de Artes; que as Ciências Naturais estudam a vida na Terra e a Geografia também estuda a Terra; que a Educação física também estuda a linguagem corporal, estudada pela língua portuguesa como linguagem não-verbal. E por que separar o conhecimento sabendo que ele é todo interligado? Há *geopoesia* em todas essas disciplinas, a diferença é que ela não separa, antes, liga. É como um entremeio de vários furos, cuja função é unir, agregar, juntar, ligar, associar não somente uma ponta a outra como faz um elo, mas várias.

A *geopoésia*, ao mesmo tempo em que, abre portas para a imaginação, exemplifica as ações humanas, assim torna claro sentimentos, gestos, caráter, pensamentos, anseios, desejos, dúvidas próprias dessa condição humana para um público, que ainda não possui determinadas habilidades para lidar com seus sentimentos. Desse modo, podemos afirmar que preenche vazios dessa natureza cultural e social; inibe raízes de preconceitos, abrindo diálogos entre indivíduo e sociedade. Ela não é completa porque o que é completo não agrega, mas ela se completa à medida que alcança o outro, nos outros modos de vida e de ser. A geopoésia em sala de aula possibilita manter as memórias de um texto coletivo e comum de um povo. Ela respeita e também estima os conhecimentos existentes na comunidade discente.

A sala de aula é um ambiente que propicia a construção e a propagação da geopoésia, mas é preciso transgredi-la, para assim, ampliar as possibilidades de construção desses conhecimentos. A curiosidade pelo novo e pelo que é consumado ajuda o aluno a interagir com a geopoésia melhor do que só por meio de explicações abstratas. E por que transgredi-la? Porque não está na proposta curricular da SEMED- Manaus, por isso, não foi nosso objetivo cristalizar algo como absoluto, mas mostrar uma forma do fazer, do colocar em prática, do possibilitar, do dar acesso à; porque não está fixada nesse espaço, podendo transgredi-lo, no sentido de atravessar, ir além de.

Buscamos então, mostrar um caminho, e isso é o mais importante de ser mostrado, pois é o meio para se chegar a vários resultados. Desse modo, a *geopoésia* não será isolada, separada, distante do que já está estabelecido e vem se estabelecendo cada vez mais, pois é um solo fértil propício a todo tipo de plantação. É importante pensar que ela não vem em parcelas, antes, vem por inteiro e com muitas vozes em si.

Nesta seção, procuramos mostrar o método trabalhado em sala de aula e fora dela; a organização dos conteúdos; conceitos; atividades em sala; coleta; processamento dos dados obtidos; seleção da narrativa, e os resultados. Os teóricos utilizados como aporte teórico foram: Mikhail Bakhtin, com sua teoria sobre dialogismo; Silva Junior (2013, 2018) sobre *Geopoésia*; Antônio Candido (2011), sobre o direito à literatura. Também, utilizamos como base a Proposta Curricular Municipal da Semed-Manaus, porque tudo o que é feito em sala de aula precisa estar em consonância com ela, que por sua vez, foi feita e é atualizada em conformidade

com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, como foi dito em momento anterior.

A prática foi realizada numa escola do campo da Secretaria Municipal de Educação – Semed/Manaus, que atende alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Escola Municipal Professora Paula Aliomar Ribeiro Beltrão. O objetivo principal é mostrar como foi oportunizado, através da leitura em voz alta, da escuta, da contação de histórias e, da escrita, o acesso à literatura, em especial, a *geopoesia* e a construção e transmissão de saberes dos alunos envolvidos.

Esse método visa ajudar o professor em sala de aula a disponibilizar para seus alunos meios que o permitam ter acesso a Geopoesia.

Em relação à essa segunda parte do trabalho, não se pretendeu eximir problemas de leitura e de escrita nem corrigir os textos produzidos pelos alunos quanto às regras gramaticais, mas mostrar uma proposta baseada na teoria de dialogismo de Bakhtin que apresentasse resultado significativo para o ensino de literatura ainda no Ensino Fundamental.

Mikhail Bakhtin (1895-1975) em seu livro *Questões de estilística no ensino de língua* (2013) nos mostra sua preocupação sobre prática de docência no que diz respeito a integração dos conteúdos e a efetividade do que é repassado. Mostra como era atento às mudanças necessárias nessas práticas e isso nos serve como base para esse método que criamos a partir de necessidades do uso vivo e prático da língua, a fim de evitar usar a literatura de forma engessada, paralisando seus efeitos. Além disso, buscamos trabalhar a escrita de uma forma dinâmica, onde os alunos pudessem desenvolver sua autoria e refletir sobre os efeitos de seus textos, tanto sintáticos quanto estilísticos.

## **6. Oportunizando a geopoesia no espaço escolar**

Vimos na primeira parte deste trabalho que era necessário buscar um meio de divulgar as narrativas orais encontradas na comunidade do Julião. Encontramos muitas formas de fazer isso, inclusive fizemos por meio de vídeos resultantes de entrevistas, mas nos perguntamos: por que não por meio da voz? Evidentemente ter gravado em áudio e vídeo para aquele momento foi relevante, pois nosso objetivo primeiro era fazer um arquivo, já que não sabíamos qual o destino do narrador.

Além disso, nas comunidades ribeirinhas não há um bom acesso para essas tecnologias midiáticas. A maioria das casas não possui telefone rural, sinal de internet e nem as pessoas têm um bom aparelho de celular para comportar na memória essas mídias, o que nos fez usar o *Compact Disc*, cujo aparelho para este suporte também tem caminhado para o fim.

Sobre a escolha ser por meio da voz foi porque:

os meios eletrônicos, auditivos e audiovisuais são comparáveis à escrita por três de seus aspectos:

1. Abolem a presença de quem traz a voz;
2. Mas também saem do puro presente cronológico, porque a voz que transmitem é reiterável, indefinidamente, de modo idêntico;
3. Pela sequência de manipulações que os sistemas de registro permitem hoje, os media tendem a apagar as referências espaciais da voz viva: o espaço em que se desenrola a voz mediatizada torna-se ou pode se tornar um espaço artificialmente composto (ZUMTHOR, 2014, p.18).

Por isso, para este trabalho, amadurecemos a leitura e, desta vez, buscamos devolver à sociedade mais do que um meio de arquivo. Então, pensamos que a escola seria um excelente espaço para isso, devido à maior interação criada pelo ambiente e pelo fato de a faixa etária ser mais propícia à recepção dessas histórias. Isso foi realizado com as histórias presentes na Parte I deste trabalho.

Abrir um espaço na sala de aula para divulgação da existência de uma literatura tão vasta na região e pouco conhecida pela futura geração é manter acesa a vida do narrador. E utilizar a voz mesmo que, concomitantemente, se utilize outro meio de suporte é também lutar pela permanência dessas histórias em nosso meio. Assevera Silva Junior (2018, p.75) que: “A geopoésia, pensada na prática poética e na construção da crítica literária, alia-se à questão da educação. A escola é ainda o melhor lugar para se estar”.

Seria necessário construir uma comunidade pedagógica voltada para esse tipo de estudo. Como fazer isso? É um assunto que precisa ser pensado cuidadosamente, e logo. Também, que sejam feitas análises sobre esse conhecimento para agregá-lo às demais disciplinas, assim, ampliando-o e difundindo-o.

O corpo discente dessa escola é formado aproximadamente por 200 alunos, anualmente, um número bem pequeno se comparado ao de escolas da zona urbana da cidade. A escolha do espaço escolar se deu por ser o lugar principal para o desenvolvimento cognitivo de um indivíduo em idade escolar. Nesse espaço, ocorre a troca de experiências e é onde o conhecimento é trabalhado, expandido e organizado.

Embora pareça que esse número tenha facilitado o processo, o mais provável, terminou por acentuar alguns problemas. Isso porque ainda havia turmas multisseriadas no Ensino Fundamental I; problemas sociais e culturais pertinentes ao campo, o que contribuía muito para a deficiência em leitura e interpretação dos alunos do Ensino Fundamental II, tanto na disciplina Língua Portuguesa quanto em outras disciplinas.

Os alunos dessa escola se identificaram com o trabalho. Sentiram-se parte dele, pois do pouco que sabiam sobre a vida, era o suficiente para perceberem que estavam sendo ouvidos, olhados como detentores de conteúdos importantes e únicos, pois de fato eram e são. Ouvir, identificar e conhecer são ações determinantes para compreender e reconhecer que nesse público estão os descontentamentos que apontam para as necessidades do novo na Educação Básica.

É preciso conhecer o público alvo para, a partir de então, pensar os conteúdos e elaborar materiais que possam: desenvolver, ampliar, abranger e avaliar a capacidade do aluno de aprender, interpretar, compreender e utilizar dados em determinado cronograma de conteúdo. Para assim, o conhecimento<sup>25</sup> ser reproduzido, ressignificado, ampliado, difundido, duplicado no outro. E isso é uma das exigências para o Ensino Fundamental, que se apresentam com o nome de Competências:

No Ensino Fundamental elas se apresentam nas áreas de conhecimento e componentes curriculares, trabalhadas pelas unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidade. As competências se organizam de forma direta, pois sua finalidade é mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Tais competências buscam desenvolver nos estudantes as capacidades de: entender e explicar a realidade, colaborar com a sociedade e continuar a aprender; investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções; fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural; expressar-se e partilhar informações, sentimentos, ideias, experiências e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo; comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimento, resolver problemas e exercer protagonismo de autoria; entender o mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas à cidadania e ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, criticidade e responsabilidade; formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns com base em direitos humanos, consciência socioambiental, consumo responsável e ética; cuidar da saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e a dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas; fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade, sem preconceito de qualquer

---

<sup>25</sup> Não será utilizado neste trabalho o termo transferir, pois o professor não transfere conhecimento, uma vez que a palavra transferir significa levar de um lugar para o outro, mudar de lugar; e com o conhecimento isso não ocorre. Assim, não deixa de existir no professor quando este ensina seu aluno, por isso não cabe aqui a palavra transferido.

natureza; e tomar decisões com princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e democráticos. Portanto, é imperativo que cada educador compreenda que tem papel fundamental, enquanto mediador de aprendizagens, no processo de ressignificação do fazer educativo e do desenvolvimento desse novo currículo em cada Unidade de Ensino Público da cidade de Manaus, formulando ações nos Projetos Políticos Pedagógicos em que o estudante possa ser agente ativo, propondo e testando soluções em situações conectadas às suas realidades, sentindo-se motivado a interagir com os professores, as professoras e colegas, tornando-se, assim, mais participativo na sociedade. (CURRÍCULO ESCOLAR MUNICIPAL, p.27)

Após a escolha de difundir esse conhecimento à sociedade no espaço escolar nos deparamos com muitas dificuldades, entre elas a de não haver uma disciplina de Literatura no Ensino Fundamental como há no Ensino Médio, o que exigiria um trabalho em consonância com outros conteúdos. E foi então que pensamos em inseri-lo no Eixo Linguagem. Portanto, nesta seção mostraremos como foi realizado desde o início até seus resultados. O trabalho foi desenvolvido em consonância do Eixo Linguagens. É uma das áreas de conhecimento onde se encontra o Componente Língua Portuguesa:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC, 1996, p. 67-68).

A metodologia foi pensada e escrita em maio de 2018 e desenvolvida nos meses de julho, agosto, setembro, outubro e novembro do mesmo ano, numa escola da zona rural de Manaus. Rodeada por água e mata fechada, a Escola Municipal Professora Paula Aliomar Ribeiro Beltrão atende 129 alunos distribuídos nos segmentos: Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II. Desse número, 12 alunos foram contemplados: uma do sétimo e duas do nono ano, como alunas monitoras; e a turma do 6º ano composta por nove alunos.

Embora o número de alunos pareça pouco se comparado ao número de alunos de uma turma da zona urbana, que geralmente possui entre 35 e 40 alunos, os problemas são mais acentuados, uma vez que essa escola possui um público muito diversificado. Atende tanto alunos ribeirinhos caboclos, provenientes da miscigenação do indígena com o branco, quanto indígenas de etnias diferentes, moradores de diferentes comunidades nas redondezas.

Além disso, o único meio de transporte para chegar até a escola é o aquático, por isso a SEMED disponibiliza duas lanchas. Essas fazem o transporte das crianças por caminhos que só possuem como paisagens o céu, a água e a mata, mas é visto

pelos ribeirinhos como se fossem ruas, caminhos que eles memorizam como se neles houvesse placas de direcionamentos. Em meio a esse contexto o trabalho foi crescendo e tomando forma. Das alunas monitoras, uma é indígena Tuyuka, moradora da aldeia Rouxinol e as outras de comunidades ribeirinhas próximas.

Como uma forma de desenvolver habilidades, buscamos na literatura um meio de trabalho com a leitura, a escuta e a escrita; e também de oportunizar a construção e transmissão de saberes. A linguagem sempre possibilitando a comunicação de um indivíduo com seu semelhante, e por meio dela o humano se apropriando do ambiente em que vive e das experiências do outro. Ela ocorre entre um indivíduo e outro e pode acontecer nas seguintes formas: na verbal, por meio de palavras escritas ou orais; na não verbal, utilizando-se de um sistema composto por símbolos ou gestos; ou na mista, contendo ambas. Portanto, a leitura e a escrita que fazem parte da linguagem são elementos muito utilizados na comunicação e no ambiente escolar. Embora hoje entendamos essa dinâmica em que emissor e receptor estão em comunicação multiplanar, em correspondência, definimos esse ponto para chegar no contador de histórias e seu outro-ouvinte.

Para tanto, utilizamos gêneros e tipologias textuais diversas com a finalidade de aprofundar o conhecimento adquirido em séries anteriores e dirimir possíveis dúvidas existentes nos alunos. Isso porque os textos orais ou escritos são recebidos pelo leitor/ouvinte que se apropria deles, o que atinge diretamente o discente. Porém, essa troca não é feita somente entre alunos, o professor é a parte movente nessa interação, pois é ele quem passa a maior parte do tempo expondo os conteúdos e é a fonte de onde o conhecimento é mediado. Acerca dessa interação, Bakhtin assegura que:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro (BAKHTIN, 1988, p. 99).

Por isso, ambos precisam caminhar juntos como sujeitos do processo ensino-aprendizagem. No entanto, com o avanço do mundo digital, tem sido difícil para o professor ter a total sintonia dos alunos. Mais do que isso, o professor de Língua Portuguesa necessita trabalhar outros aspectos textuais para não ficar preso somente aos elementos essenciais da narrativa, o que torna necessário o descobrimento de



novos métodos. É preciso fazer o aluno entender as intenções da linguagem e as formas como se apresenta para que possa utilizá-la seguramente, tornando-se um sujeito capaz de informar, divertir, avaliar, convencer entre tantos outros objetivos que ela possui e tudo isso é possível a partir do texto literário.

Dessa forma, foi possibilitado o contato com a literatura de campo; foram feitos debates e exposições dos conteúdos lidos através de aulas dialogadas, e foram estudados os gêneros e tipologias textuais contidos na proposta curricular e com base na teoria de dialogismo de Bakhtin.

Além disso, a presença de alunos indígenas de diferentes etnias requereu um tratamento diferenciado, mas não havia e nem há professores que falassem e que falem a mesma língua que todos eles. Desse modo, só resta aceitar o que há, e o que há é o ensino da língua portuguesa, é importante ressaltar que, em uma única sala, havia duas ou três etnias. Frequentar uma escola é uma prática quista por uns, e por outros não, mas muitos já perceberam que é preciso ingressar na cultura do branco como forma de lutar por seus interesses e de seu povo, uma vez que a cada ano cresce o número de indígenas desta região na graduação, em programas de pós-graduação, o que é muito positivo para anos vindouros.

Na disciplina Língua Portuguesa essa ausência de profissionais indígenas habilitados é bem sentida, e isso fez e faz com que os pequenos indígenas recebessem e ainda recebam tratamento igual aos demais alunos. Exemplo: são tratados como se a língua portuguesa fosse sua primeira língua, enquanto o que precisam é de atenção como alguém que está aprendendo uma segunda ou terceira língua. E é o que ocorre, uma vez que são oriundos de pais de diferentes etnias, e cada pai traz uma língua diferente. Portanto, cabe ao professor fazer esse trabalho em sala, sobre isso,

Um dos objetivos do PCN de Língua Portuguesa “Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;” (PCN, 1998, p. 5).

Portanto, fez-se necessário desenvolver essa capacidade que os alunos já possuíam, mas haviam deixado de exercitá-la. Porto (2009, p. 23) diz que “Se não houver ouvinte, a interação não acontece. Logo, é preciso desenvolver nos alunos a

competência de saber escutar o outro, o que favorece, inclusive, a convivência social”. No fundo, essa é uma necessidade patente em todos nós e que a profissão de docente, muitas vezes, nos oferece e/ou nos retira. Essa aproximação entre geopoesia e pedagogia reside justamente nisso: uma pedagogia capaz de intercambiar experiências.

É indiscutível que o ato de ouvir caminhe junto com a oralidade, e que precisam ser trabalhados associadamente. É através da fala que o aluno pode identificar as variedades linguísticas. É também por meio dela que ele pode se perceber a si próprio, sua cultura e seu lugar de cultura. Desse modo, ele poderá, gradativamente, fazer uso da linguagem padrão quanto se socializar em determinado contexto social, ou de sua linguagem usual quando estiver em seu meio:

Práticas que partem do uso possível aos alunos e pretendem provê-los de oportunidades de conquistarem o uso desejável e eficaz. Em que a razão de ser das propostas de leitura e escuta é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio. Em que a razão de ser das propostas de uso da fala e da escrita é a expressão e a comunicação por meio de textos e não a avaliação da correção do produto. Em que as situações didáticas têm como objetivo levar os alunos a pensarem sobre a linguagem para poderem compreendê-la e utilizá-la adequadamente. (PCN. 1998, p.21)

Ao fazer uso da literatura na sala de aula, abre-se a oportunidade de o docente refletir sobre suas práticas, sua cultura, e o que faz parte de seu mundo. Além disso, torna-se uma pessoa mais humana, mais refinada em suas práticas, mais compreensiva e mais aberta ao semelhante, isso porque “a literatura tem a função humanizadora, pois é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções.” (CANDIDO, 1995, p. 249).

Sabendo que a geopoesia apresenta todas essas potencialidades e vertentes, é justo que nos utilizemos dela para tornar o aluno mais que um leitor competente: um ser humano melhor. E como nosso objetivo maior foi mostrar que no Amazonas há uma literatura de campo plurilinguística e que essa geopoesia é capaz de transformar, e que compreende textos escritos e orais, optamos por começar pela parte escrita para somente depois acrescentarmos os textos orais como parte do processo.

Mas como transformar alguém que não sabemos o comportamento e as necessidades? Era preciso nos dar a conhecer primeiro, mas como?

As escolas do campo são divididas em rural ribeirinha e rural rodoviária e rural estrada, apresentam necessidades diferentes das de zona urbana, principalmente as de zona ribeirinha, que funcionam de acordo com o regime das águas e ainda se dividem em Rio Negro e Rio Amazonas. Desse modo, as aulas se iniciam em janeiro e vão até outubro, quando termina o ano letivo. E esse tempo implica na necessidade de um quadro diferenciado de professores, os quais atendem duas escolas num mesmo semestre, ou em semestres diferentes, resultando em tempo diferenciado de contato com o aluno, não prejudicando a carga horária das disciplinas.

Por isso, nessa escola, o trabalho só poderia ser aplicado duas vezes na semana, tempo em que era atendida por cada professor. Esse tempo reduzia o contato com o aluno, logo era necessário conhecer melhor alguns aspectos de suas características, seu comportamento e sua identidade de forma individualizada. Por isso, por ser aquele o primeiro ano de trabalho, pedimos ajuda aos demais colegas para observar alguns critérios necessários, pois precisávamos inicialmente de três alunas, com um bom domínio de leitura, escrita e conhecimento dos gêneros textuais. Assim, daria para acompanhar bem a desenvoltura delas através da metodologia utilizada.

No entanto, das alunas selecionadas, uma do nono ano lia e escrevia bem, e a outra lia bem, mas não dominava bem a escrita; mas ambas eram boas alunas em termos de comportamento e também não faltavam. A terceira aluna era do sétimo ano que, conforme relatos de professores mais antigos na escola, era muito dedicada aos estudos de todas as disciplinas. E assim foi formada a equipe de monitoras.

Inicialmente, foi feita uma pergunta sobre o que eram literatura e tipologias textuais. Em relação às narrativas, possibilitou constatar que uma aluna sabia dizer com segurança do que se tratava, outra sabia dizer somente que era uma história e a última respondeu que já havia ouvido falar, mas não lembrava o que era. Em relação à literatura, nenhuma soube responder.

Em junho, no contra-turno, foram realizadas as primeiras pesquisas bibliográficas juntamente com as três alunas monitoras para fins de embasamento teórico. Começamos pelos assuntos: práticas linguísticas: oralidade, leitura e escrita; gêneros textuais; diálogos entre gêneros textuais: tema literatura e cultura. Esses conteúdos foram selecionados conforme as necessidades delas em consonância à grade curricular, ao que seria abordado no ensino de literatura, e como era preciso desenvolver as habilidades: leitora e escritora.

Os aspectos tipológicos que foram ensinados foram: narrar; descrever; relatar; prescrever, instruir e expor. Dentre esses optamos por aprofundar o narrar e o descrever, pois seriam os de maior utilização pelos alunos. Principalmente, pela própria natureza do trabalho que era com narrativas orais.

Fizemos uma passagem rápida, mas atenciosa das capacidades da linguagem a seguir, explicando do que se tratava:

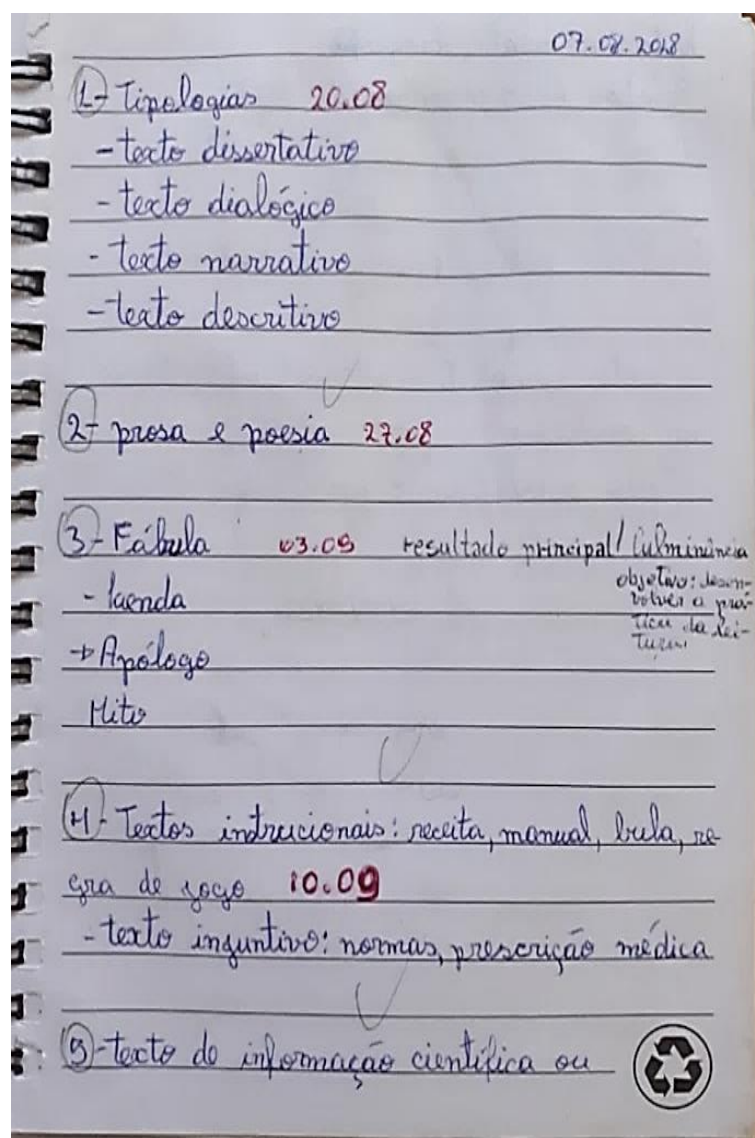
Mimesis de ação através da criação da intriga no domínio do verossímil; Representação pelo discurso de experiências vividas; Sustentação, refutação, negociação de tomadas de posição; Apresentação textual de diferentes formas de saberes; Regulamentação mútua de comportamento por meio da orientação – enunciados (normativos, prescritivos ou descritivos) para a ação. (PORTO, 2009, p. 43)

Os conteúdos selecionados foram distribuídos conforme os dias de funcionamento das atividades, e posteriormente partimos para a divisão deles.

Sobre os gêneros literários, começamos com prosa e poesia e a experiência foi muito boa. Isso porque todos os alunos, após a leitura, conseguiram dizer o que sentiram a partir do texto, de modo que ficaram encantados como se tivessem ouvido pela primeira vez falar do assunto. Além disso, eles perceberam que mais importante do que a forma era apreciar o sentido das coisas, os sentimentos que os textos poéticos poderiam suscitar no leitor e no ouvinte, a saber: raiva, medo, angústia, revolta, alegria, tranquilidade, paz.

Vejamos nas imagens a seguir:

Figura 6. Cronograma – parte 1



Fonte: Saboia, 2018.

Sobre fábulas, inicialmente, mostramos que nesses textos os animais recebem atributos humanos como fala, sentimentos, características sociais e culturais; e que tiveram origem na oralidade. Exemplificamos o conteúdo com uma que eles já conheciam, a saber: A cigarra e a Formiga, na versão de Esopo (620 a.C. – 564 a.C.)<sup>26</sup> e Chapeuzinho vermelho. A primeira usamos para introduzir o assunto, para falar sobre variantes, e a segunda, para deixá-los fazer seus próprios apontamentos. E após isso, acrescentamos os nossos.

<sup>26</sup> Esopo nasceu em Nessebar, 620 a.C. e morreu em Delfos, 564 a.C., foi um escritor da Grécia Antiga a quem se atribui a paternidade da fábula como gênero literário. Várias fábulas populares são atribuídas a ele e sua obra, que constitui as Fábulas de Esopo, serviu como inspiração para outros escritores ao longo dos séculos, como Fedro e La Fontaine.

Figura 7. A Cigarra e a Formiga

Ilustração de Milo Winter <sup>27</sup>

Fábula LIX A Formiga e a Cigarra No inverno, quando a Formiga tirava o trigo da sua cova para o secar ao sol, apareceu a Cigarra com as mãos postas e pediu-lhe que repartisse com ela, que morria à fome. Perguntou-lhe a Formiga que fizera no verão, porque não guardara alimento para se manter? Respondeu a Cigarra: — O verão passei-o a cantar e em brincadeiras pelos campos. A Formiga, então perseverando em recolher o seu trigo, disse-lhe: — Amiga, pois se os meses de verão gastaste em cantar, bailar é comida saborosa e com gosto.

Notório é significar-se pela Formiga o homem trabalhador, diligente e previdente. Portanto esta Fábula ensina-nos que sejamos como a Formiga e não confiemos no que outrem nos há de dar ou emprestar; que com razão se pode negar tudo ao preguiçoso, se é como a Cigarra afeiçoado à música e a passatempos. Porém trabalhar e guardar é caminho certo para não depender de ninguém.<sup>28</sup>

Fizemos a leitura em voz alta do texto acima, identificando os personagens e suas funções sociais. Falamos sobre trabalho em geral, trabalho do campo, a vida no campo e o homem que faz parte dele; sobre o tempo de plantar e tempo de colher.

<sup>27</sup> Milo Winter (1988-1956)- Foi um grande ilustrador de livros, produzindo obras para edições de Fábulas de Esopo, As Mil e uma Noites, Alice no País das Maravilhas entre outros contos.

<sup>28</sup> As 115 fábulas que compõem esta edição resultam da adaptação da obra *Fabulas de Esopo, com aplicações moraes a cada fabula*, nova edição revista e aumentada, 1848 (Fábulas I a XCII). Na adaptação procurou manter-se o estilo do autor, sobretudo na moral da história, embora com as necessárias adaptações ortográficas e sintáticas. (Tradução de CARLOS PINHEIRO, p.2, 2013).

Voltamos a falar do comportamento humano, o riso que constrói, mas também que pode destruir, e que há atitudes que dignificam e também as que envergonham o indivíduo, por isso a importância de aprender a tomada de decisões.

Mostramos a narrativa contada em prosa e em versos e utilizamos essa versão de La Fontaine (1621-1695):

**A Cigarra e a Formiga**

Tendo a cigarra, em cantigas,  
Folgado todo o verão,  
Achou-se em penúria extrema,  
Na tormentosa estação.  
Não lhe restando migalha  
Que trincasse, a tagarela  
Foi valer-se da formiga,  
Que morava perto dela.  
– Amiga – diz a cigarra  
– Prometo, à fé de animal,  
Pagar-vos, antes de Agosto,  
Os juro e o principal.  
A formiga nunca empresta,  
Nunca dá; por isso, junta.  
– No verão, em que lidavas?  
– À pedinte, ela pergunta.  
Responde a outra: – Eu cantava  
Noite e dia, a toda a hora.  
– Oh! Bravo! – torna a formiga  
– Cantavas? Pois dança agora!<sup>29</sup>

Ao ler, os alunos ficaram bem entusiasmados olhando uma narrativa em versos. A leitura em voz alta foi feita por todos eles em conjunto, o que foi bastante proveitoso de observar a evolução do ritmo, da melodia, e da segurança. Ademais, ficaram curiosos por saber como o autor fez para conseguir construir as rimas.

Depois, foi a vez de apresentar a primeira versão registrada da história da Chapeuzinho Vermelho do francês Charles Perrault impressa em Contos da Mamãe Gansa. A versão mais antiga, a do francês, retrata uma moça bonita, jovem e muito educada, que sai de seu povoado a fim de visitar a avó doente. No meio do caminho, encontra um lobo e conta para ele seu destino.

---

<sup>29</sup> La Fontaine (1621-1695). Tradução de Bocage (1765-1805).

Figura 8. Representação de Chapeuzinho Vermelho e o Lobo Mau<sup>30</sup>Ilustração de Paul Gustave Doré<sup>31</sup>

A imagem acima ilustra esse encontro em que o animal engana Chapeuzinho Vermelho mostrando um atalho, que na verdade é um caminho mais longo. Assim, consegue chegar antes na casa da avó da moça. Passando-se pela neta, engana sua avó e a devora. Depois disso, o lobo se veste com as roupas de sua vítima e assim consegue enganar Chapeuzinho Vermelho também, que tem o mesmo final da avó. O final dessa narrativa não é feliz.

---

<sup>30</sup> Versão escrita pelo francês Charles Perrault, publicada em 1697.

<sup>31</sup> Paul Gustave Doré nasceu em Estrasburgo, em janeiro de 1832, e faleceu em Paris, em janeiro de 1883. Foi pintor, desenhista e o mais produtivo e bem-sucedido ilustrador francês de livros de meados do século XIX.



Falamos sobre o uso dessas narrativas pelos mais velhos para o ensino. Essa versão, por exemplo, foi escrita no final do século XVII e destinada à corte do rei Luís XIV, um público que o rei entretinha com festas extravagantes e muitas mulheres. A moral tinha a pretensão de apontar artimanhas de pretendentes mal intencionados. Uma frase muito comum na época era dizer que uma menina que havia perdido sua pureza havia visto o lobo. A seguir está a moral da história escrita pelo autor do texto:

MORAL: Aqui se vê que os inocentes,  
Sobretudo se são mocinhas  
Bonitas, atraentes, meiguinhas,  
Fazem mal em ouvir todo tipo de gente.  
E não é coisa tão estranha  
Que o lobo coma as que ele apanha.  
Digo o lobo porque nem todos  
São da mesma variedade;  
Há uns de grande urbanidade,  
Sem grito ou raiva, e de bons modos,  
Que, complacentes e domados,  
Seguem as jovens senhorinhas  
Até nas suas casas e até nas ruínas;  
Mas todos sabem que esses lobos tão bondosos  
De todos eles são os mais perigosos. (PERRAULT, 2015, p. 16-27)<sup>32</sup>

A moral dessa história consiste em: as crianças e as moças não deem ouvidos a estranhos, pois essa é a forma que o lobo arruma seu jantar. E o lobo, não é o mesmo lobo do tipo da história. É um lobo com disposição receptiva, prestativo, gentil, sem rosnado, sem raiva ou ódio, que segue as empregadas jovens nas ruas até suas casas. É triste quem desconhece que esses lobos gentis são de todas as criaturas, as mais perigosas.

Em seguida, mostramos uma narrativa mais moderna e dos irmãos Grimm, onde o lobo engana Chapeuzinho Vermelho com suas palavras doces e encantadoras. Ela se desvia do caminho a ser seguido, indicado pela mãe; por sua desobediência, quase foi devorada pelo lobo, só não o foi por ter surgido mais um personagem, um caçador que a salva do lobo.

Assim, puderam aprender sobre as variações que essas histórias sofreram e continuam sofrendo, implicando em várias versões e diferentes ilustrações. Viram ainda que esses escritores registraram, mas que a origem estava nos camponeses da França, Itália e Alemanha.

---

<sup>32</sup> Perrault, Charles [1628-1703] Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo: Charles Perrault  
Título original: Les contes de ma mère l'Oye – Histoires ou Contes du temps passé Tradução: Leonardo Fróes.

Depois das fábulas, foi a vez de apresentarmos as narrativas míticas e as narrativas populares conhecidas na Cidade de Manaus. Apresentamos a história do boto e fizemos um comparativo entre a narrativa do Boto estudada na primeira parte deste trabalho e a da Chapeuzinho Vermelho, na versão dos irmãos Grimm. Em ambas, os personagens femininos, apesar de seus descaminhos, de serem levados pelo encanto e pelas palavras, respectivamente, retomam a história e lutam por suas vidas, contra o intuito do Boto e do Lobo.

Falamos sobre os animais e o que havia por trás dessas imagens, e como atraíam suas vítimas: um pelo olhar e beleza; o outro, pelas palavras carregadas de segurança e “boas intenções”. O que havia por trás da palavra devorar, e também umas variantes da história do boto. Observamos a semelhança dos ambientes das aparições do lobo (a floresta), e do Boto (floresta). Apontamos o levantar da figura feminina nas duas narrativas, uma chama o caçador, e a avó consegue enganar o Lobo; e a outra, a mulher que coloca alho na comida para dar ao Boto, um modo de mostrar sua verdadeira identidade. Nas duas, a mulher vence essas lutas travadas, retornando à narrativa ao estado inicial: o de paz. Aqui percebemos como a *geopoesia* liberta, adverte, e amplia o modo de ver das pessoas.

Depois chegamos ao gênero apólogo. Trabalhamos o texto intitulado *O Apólogo*, publicado em 1896, na obra “*Várias histórias*”, de Machado de Assis. A história foi lida em círculo e em voz alta, e foi bem aceito por eles. Apresentamos os personagens, as palavras da época em que foi escrito. A partir dessa leitura, tiveram a ideia de fazer um teatro, ao que foi sugerido fazer uma leitura teatralizada, onde todos da escola aprenderam mais sobre esse tipo de texto.

Observamos que essa prática levou os alunos a criarem uma expectativa para ouvir e assistir a encenação; visualizar os personagens vestidos despertou a curiosidade de todos, embora as vestimentas não fossem no estilo da época. Em sala de aula, comentaram sobre a personagem Linha e toda sua esperteza; também sobre a Agulha, que se achava muito importante, achando que iria à festa já que, a seu ver, estava fazendo o mais importante trabalho; e ainda sobre o Alfinete, que era bem mandado, além de tecerem comentários sobre os comportamentos de todos os personagens.

Apesar da dificuldade inicial encontrada na leitura, os alunos gostaram do texto, embora alguns tenham afirmado não gostar de ler. Esse primeiro contato entre elas e o texto foi feito com o texto *Um apólogo*, de Machado de Assis. Elas ficaram

encantadas com as performances dos personagens; também com as palavras de época e passaram a se perceber diante do texto. E ao chegarmos, vimos que inovar não é tão simples, e é muito trabalhoso reproduzir no outro o gosto pela leitura. Sabemos que a

formação do sujeito leitor é a preocupação de todas as instâncias educacionais. No entanto, a tarefa de formar leitores é árdua. Para se promover o hábito da leitura, em especial da leitura literária, é necessário que a escola tenha e coloque uma diversidade de textos à disposição do aluno, pois assim poderá ampliar seu repertório cultural. Cabe à escola tomar a si o papel de espaço privilegiado para a formação de leitores e a literatura é o meio para que essa formação se concretize. Em face do exposto, é válido afirmar que o trabalho com a literatura deve começar já nas séries iniciais, pois se desde cedo o aluno for incentivado a ler, este adquirirá o hábito e aprenderá a gostar de textos literários, uma vez que a leitura adquirida, sobretudo a não obrigatória, dá prazer e incentiva a autoestima. (ROLON, 2015, p.133)

E que nisso o professor precisa empreender ânimo e determinação, pois trabalhar a autoestima, o ânimo diante da leitura é uma tarefa árdua. Após essa reflexão, tomamos fôlego e continuamos a trabalhar sobre lendas. Ouvimos as comumente contadas na comunidade deles, e falamos sobre o que e para quem era uma lenda. Nessa parte vimos que eles tomam por lenda o que não é verdade e que tinha o mesmo significado de mito. Por fim, estudamos os mitos a partir das histórias conhecidas por eles e falamos das diferenças existentes entre fábula, apólogo, lenda e mito.

Quanto às receitas, regras de jogos e bula, conceituamos e colocamos exemplos para serem lidos pelos alunos. Esses exemplos foram colocados para um modo mais familiar para eles, que foi bastante aceito devido à realidade, de tal modo que quando leram sobre o assunto gostaram muito. Falamos das regras de futebol e, a partir disso, foi falado sobre as regras da boa convivência e nisso eles prestaram bastante atenção e expuseram suas ideias.

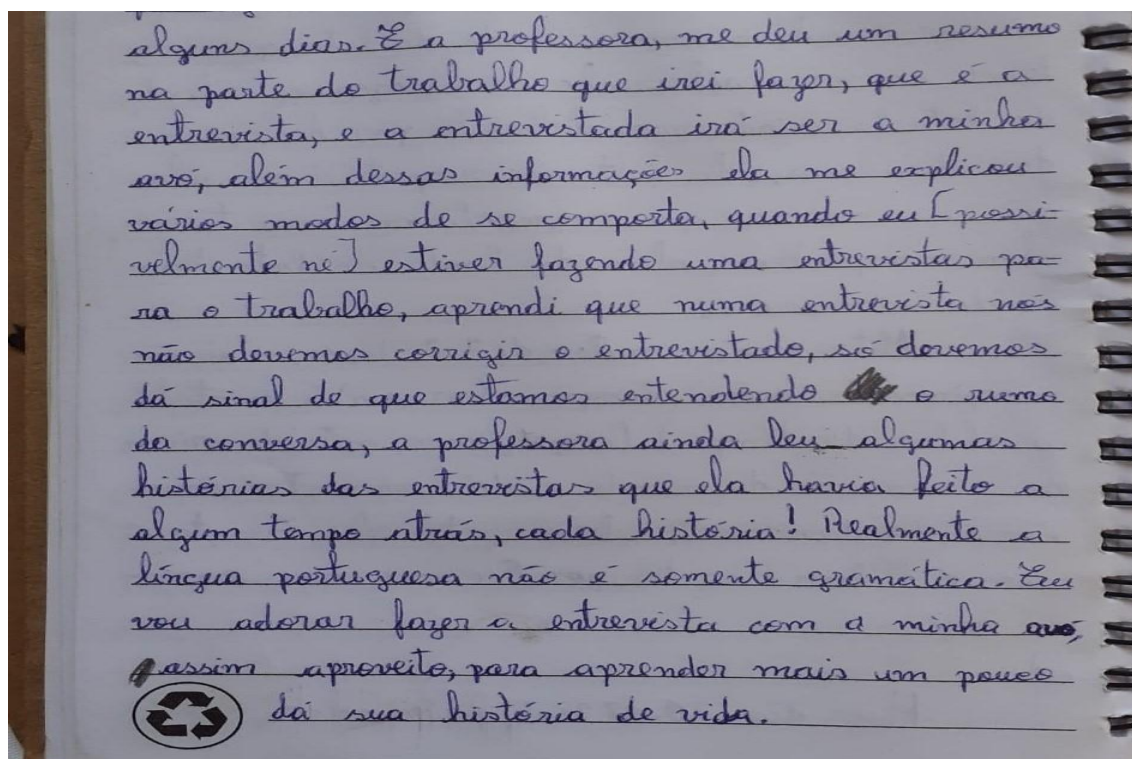
Foi muito proveitoso trabalhar os gêneros com os alunos, para a partir de então lançar mão de novos conhecimentos. Embora já tivessem sido trabalhados em anos anteriores por alguns, tudo se fez novo como na primeira vez, e sobre isso, Mikhail Bakhtin afirma: “gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...] O gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo” (2008, p. 121).

## 7. Leitura e escrita: *geopoesia* para construção de saberes

Em relação à escrita de um texto, deve haver toda uma preocupação, pois o texto deverá ser compreendido pelo leitor sem a explicação oral de seu autor. Por isso, quem escreve tem que ter o conhecimento de que seu texto será lido ou ouvido por outra pessoa. E para tanto, houve a necessidade de ensinar os usos das regras de acentuação, pontuação, ortografia e demais elementos que possibilitassem a coesão e coerência do texto; e conversar com eles sobre essa preocupação para com o outro.

Evidentemente, foi feito o registro da narrativa selecionada para os resultados desta seção, pois a escrita apresenta mais oportunidades de alcançar novos e distantes espaços. A seguir está a imagem do diário de aprendizagem da aluna Evelim L. Lima.

Figura 9: Conhecimentos adquiridos sobre diário

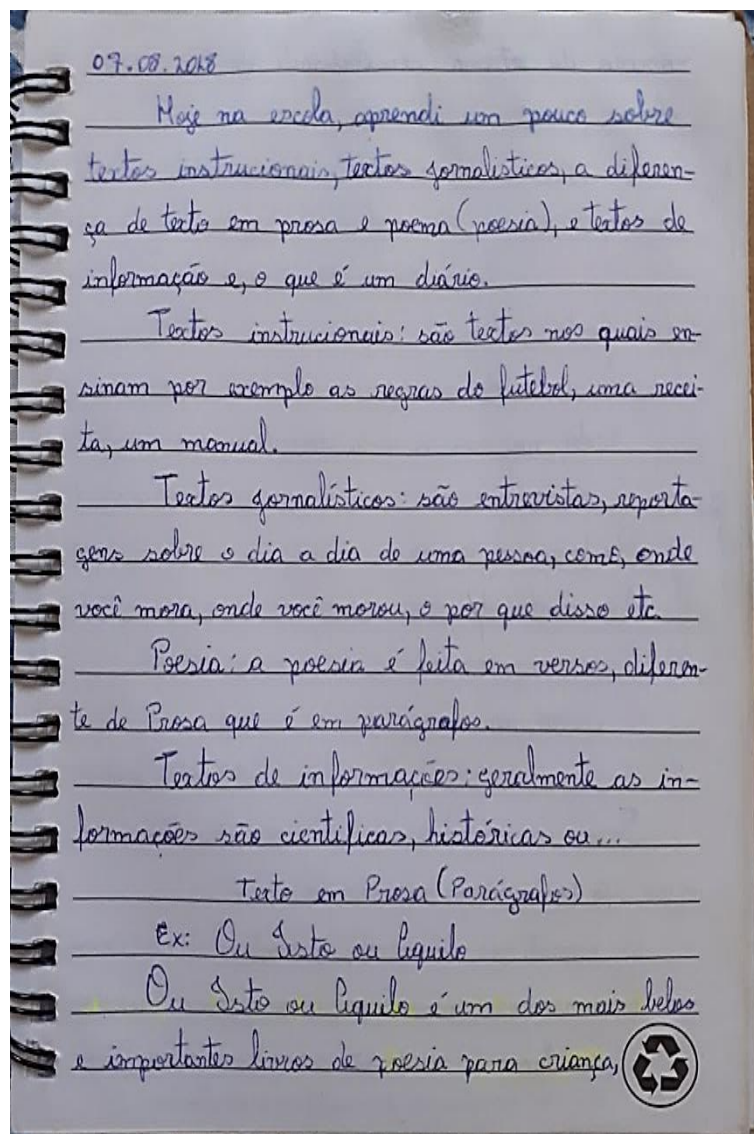


Fonte: Saboia, 2018.

Em relação à leitura, é necessário aproximar o aluno do Ensino Fundamental da literatura, pois há um contato, porém, somente como forma de exercitar a leitura, decodificação, pontuação, velocidade. Contudo, há exceções, há professores que

trabalham a literatura de um modo significativo, mas depende mais do conhecimento sobre o assunto, do gosto e da boa vontade. É ele quem decide o método e suas etapas, assim, pode pegar a proposta pedagógica, ver o eixo e os conteúdos a serem obrigatoriamente trabalhados e decidir se trabalhará de forma aprofundada ou não a literatura.

Figura 10. Textos instrucionais



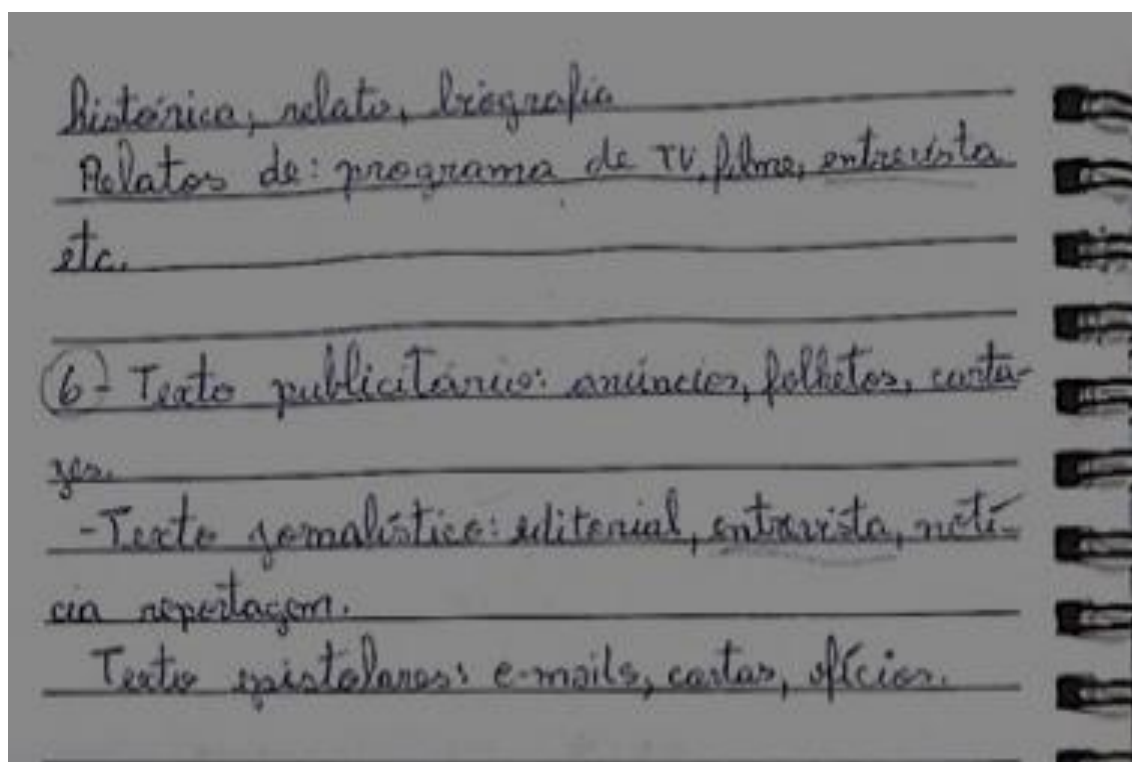
Fonte: Saboia, 2018.

Na imagem acima, podemos perceber como, aos poucos, os conhecimentos foram sendo acrescentados na memória deles e como foram se tornando organizados. Demos continuidade aos demais assuntos do cronograma: texto de informação científica ou histórica, relato, biografia. Posteriormente, mostramos conceitos,

exemplos e partimos para as atividades, sempre começando pelo cotidiano deles e ampliando o repertório com textos que despertam a curiosidade.

E sobre biografia, vimos um pouco sobre Machado de Assis e citamos outras obras dele, também evidenciamos a diferença do gênero biografia para autobiografia. Depois disso, pedimos para que os alunos falassem sobre suas histórias; algumas eram tocantes, a exemplo, quando as águas descem, alguns deles precisam caminhar mais de uma hora para chegar ao lugar onde a lancha entra. Isso nos serviu, enquanto profissionais da educação, para que obtivéssemos um pouco mais de sensibilidade e empatia para com eles. Outros falaram sobre o lugar em que nasceram e passaram sua primeira infância; também se lembraram das pessoas que fizeram parte desse contexto, falaram com saudosismo dos entes que haviam partido e das brincadeiras que costumavam fazer: virar a canoa só para conseguir subir novamente; competir quem remava mais rápido; subir em árvores submersas e pular delas, e tantas outras brincadeiras que o ambiente proporciona.

Figura 11. Cronograma – parte 2



Fonte: Saboia, 2018.

As imagens acima são de um pequeno caderno ao qual chamamos de Diário Reflexivo. Optamos por registrar tudo nele a fim de acompanhar o que o aluno estava

aprendendo, e isso foi muito proveitoso. Esse diário reflexivo foi pensado a partir da obra *Reflexões sobre o uso da ODR: Orientação Didático-Reflexiva no Ensino de Línguas Estrangeiras*, por Maria da Glória Magalhães dos Reis e Carla Cristina Campos Brasil Guimarães.

Trata-se de um livro com contribuições de práticas docentes de caráter inovador para futuros docentes do Ensino Básico. Essas práticas foram desenvolvidas por meio do Programa de Consolidação de Licenciaturas – PRODOCÊNCIA, onde essa ODR faz parte de uma coleção de obras editadas pela UnB, cujo projeto em que está inserido intitula-se *Licenciaturas em rede: a pesquisa na e sobre a formação docente*.

Após a leitura desse material, foi realizada a prática em sala de aula. Diferentemente do objetivo da ODR, nesse diário, o aluno não apresentava planos, ou como havia desenvolvido determinada atividade, mas o que havia experimentado e aprendido sobre cada assunto trabalhado. Também fazia parte do processo de avaliação quando fazia sua autoavaliação quanto aos conteúdos; outra pretensão é que sirva como base para outros profissionais da área.

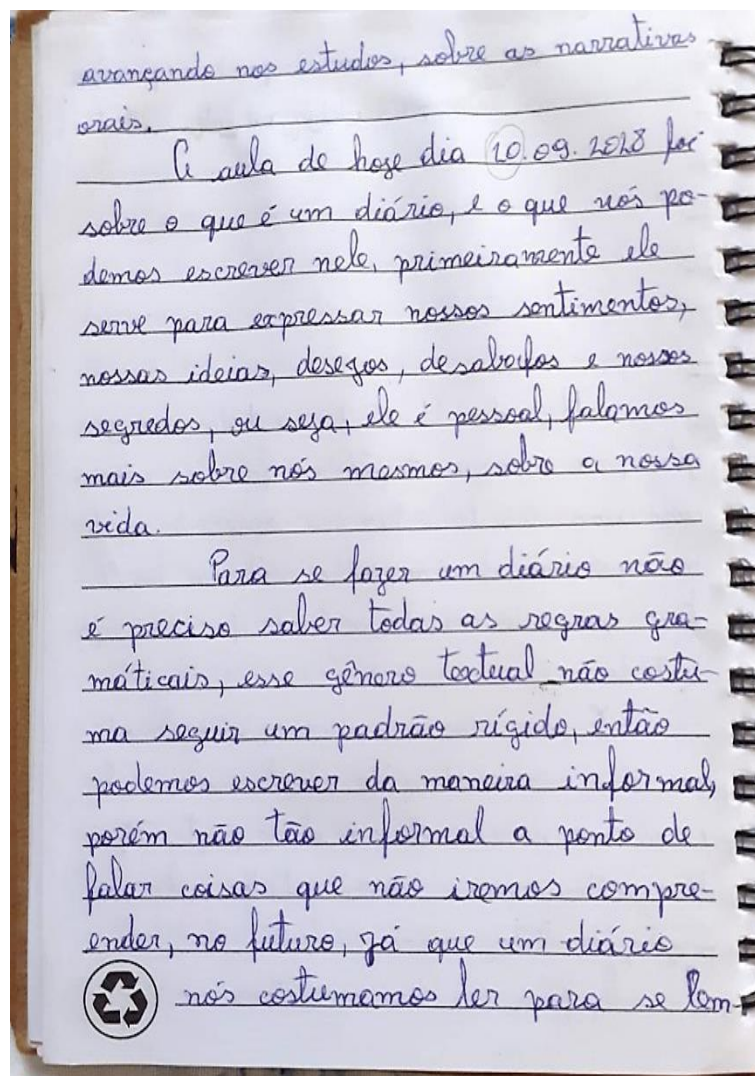
Nesse diário, cada aluno escrevia o que aprendia sobre cada conteúdo e como se sentia diante do aprendizado. Suas anotações eram realizadas sem a intervenção do professor, pois seu objetivo enquanto instrumento de avaliação era de acompanhar a aprendizagem e a aceitação do assunto, não de fazer correções quanto à escrita, porque para isso havia a apostila.

Como sabemos, a linguagem usada no gênero textual diário não exige formalidades exigidas por um texto científico, por exemplo. No entanto, buscamos uma aproximação das regras gramaticais, tanto para uma melhor compreensão por parte do leitor, quanto para o desenvolvimento da habilidade escritora por parte do pequeno autor. Pedimos que fossem colocadas datas, para assim observarmos a cronologia, e assim foi feito.

Era para ter sido feita a anotação diária, mas nem todos os alunos fizeram inicialmente; embora tenha havido essa ocorrência, houve muitos pontos positivos: o primeiro foi constatar que é preciso bem mais que conhecimento específico para a realização de uma tarefa; o segundo foi perceber que os alunos têm tempos e modos diferentes de aprender, e é preciso respeitar o tempo de aprendizagem de cada um, todavia sempre agregando e aprofundando o conhecimento, além disso, a cultura também influencia no processo.

O diário, então, passou a ser feito com afinco, cada aluno tinha o seu, mas para este trabalho foi utilizado apenas um, pois o objetivo é mostrar a atividade realizada que deu certo, e 100% (cem por cento) dos alunos participaram dela. A pessoa do discurso deveria ser a primeira, no entanto, como podemos observar na imagem a seguir houve oscilações:

Figura 12. Aprendizagem sobre o gênero diário



Fonte Saboia, 2018.

Durante o processo, compreendemos que mais do que conteúdo, o aluno precisa aprender a ter disciplina, responsabilidade, domínio próprio, honestidade, equilíbrio, atenção, paciência, tolerância, boa comunicação consigo próprio e com os demais, e tudo isso a literatura pode proporcionar com sutileza e profundidade. Então, foi necessário o professor intervir com vozes de estímulo, uma vez que essas características eram necessárias para quem faria os textos, além de que são



características imprescindíveis para o bom andamento de qualquer atividade, e nisso a literatura foi um meio que apresentou resultados significativos.

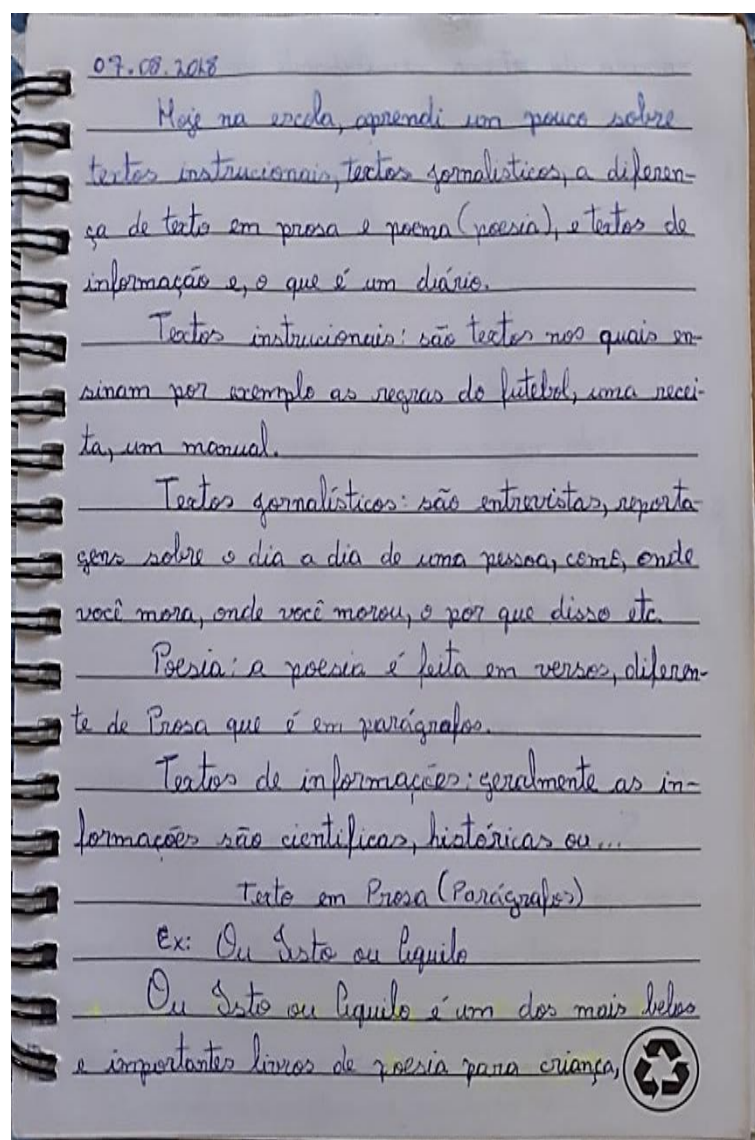
Ao iniciar o trabalho, foi constatado que a aluna do sétimo ano era indígena, da etnia Tuyuka, cujo povo vive na fronteira da Colômbia com o Brasil, em São Gabriel da Cachoeira, um município do Estado do Amazonas, distante da capital 600 quilômetros a contar em linha reta. Foi então que precisamos inserir no cronograma mais um conteúdo: cultura, termo que alcança a todos os seres humanos, mas nem todos o conhecem. Porém sabemos que compreendê-lo nos ensina a entender melhor o outro e com isso, a nós mesmos.

A constatação implicou em procurar formas de ensinar conteúdos em língua portuguesa para uma aluna de idade avançada na turma, e que só aprendeu a falar essa língua aos onze anos, quando ingressou na primeira série do Ensino Fundamental. Tardamente, porque para nós que não somos de nenhuma sociedade indígena, aprendemos desde o ventre de nossa mãe a língua oficial. Foi preciso procurar saber sobre a aquisição de uma segunda língua por um indivíduo. É importante ressaltar que dificilmente, no Amazonas, um indígena saiba uma única língua. Alguns não falam a língua oficial, mas sabem falar entre duas e três línguas indígenas, às vezes, quatro ou mais.

Um trabalho ganha vida por si só ao ser iniciado, de tal modo que não cabe aos professores dizerem ao certo onde irá acabar; só temos uma compreensão do tempo de execução devido ao cronograma. Moreira e Candau (2003, p. 157), afirmam: “Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados”. Portanto, novas práticas didáticas interferem positivamente na aprendizagem, pois sempre elas têm início na observação de um problema. A literatura do campo teve um papel muito importante no desenvolvimento desse trabalho que envolve além de conteúdo, empatia.

A partir dessas constatações foram iniciadas as leituras. Começamos com textos pequenos e variados. Por meio deles, foram revisadas as tipologias, dando uma atenção maior à descrição e à narração. Como foi dito em momento anterior, foi visto que antes da revisão as alunas pareciam não entender como um único texto poderia apresentar duas tipologias. Então, foi mostrado como isso era feito através do gênero notícias.

Figura 13. Aprendizagem sobre textos instrucionais



Fonte: Saboia, 2018.

Foi preciso, nessa fase, muita paciência, pois muitos alunos do campo não têm muito o hábito de estudar, o que não é por negligência. Isso se dá pelo fato de não ser necessário o sistema alfabético nas execuções de tarefas diárias deles e nem de sustento quando estão fora da escola. A proximidade com a parte urbana de Manaus, não garante o deslocamento para continuidade dos estudos. Pelo contrário, essa demigração prevê sub-empregos e trabalhos mal-remunerados. Na comunidade Nossa Senhora Auxiliadora, onde está localizada a escola, as dezenove famílias residentes vivem da caça, da pesca, do plantio, e da prestação de serviços na escola e em casas de famílias que possuem sítios e chácaras, bem como as comunidades próximas, onde os demais alunos residem, incluindo as três monitoras. Acrescenta-se

ainda que nas demais comunidades, os pais dos alunos trabalham com comércio, produção de carvão e de espeto.

Isso implica diretamente no comportamento dos alunos que, geralmente, estudam em um turno e trabalham com os pais no outro, não restando muito tempo para os estudos. À noite, o acesso à leitura era inviabilizado pela falta de energia naquelas comunidades. Isso porque esses lugares ainda não foram beneficiados com o Projeto Luz para todos. Assim, o uso de gerador de energia é necessário, contudo, pouquíssimas pessoas o têm. As pessoas de baixa renda que têm energia à noite, são as que residem no lugar em que trabalham como caseiras nos sítios de empresários; as demais iluminam suas casas com lamparina ou vela.

Por esse motivo, a leitura e a escrita são vistas pelos pais dos alunos como algo útil, que futuramente será o propulsor da vida deles. No entanto, não tem muito como ajudar os filhos nos estudos, já se sentem ajudando por oportunizar o tempo para a criança ir à escola, por isso, tudo é incumbido a esse espaço, logo, por extensão, ao professor. Não podendo deixar de lado esse aspecto cultural, mas tentando entendê-lo, demos início aos diálogos. As alunas foram ouvidas, e logo foram constatados muitos outros fatores que contribuem para isso, incluindo o econômico.

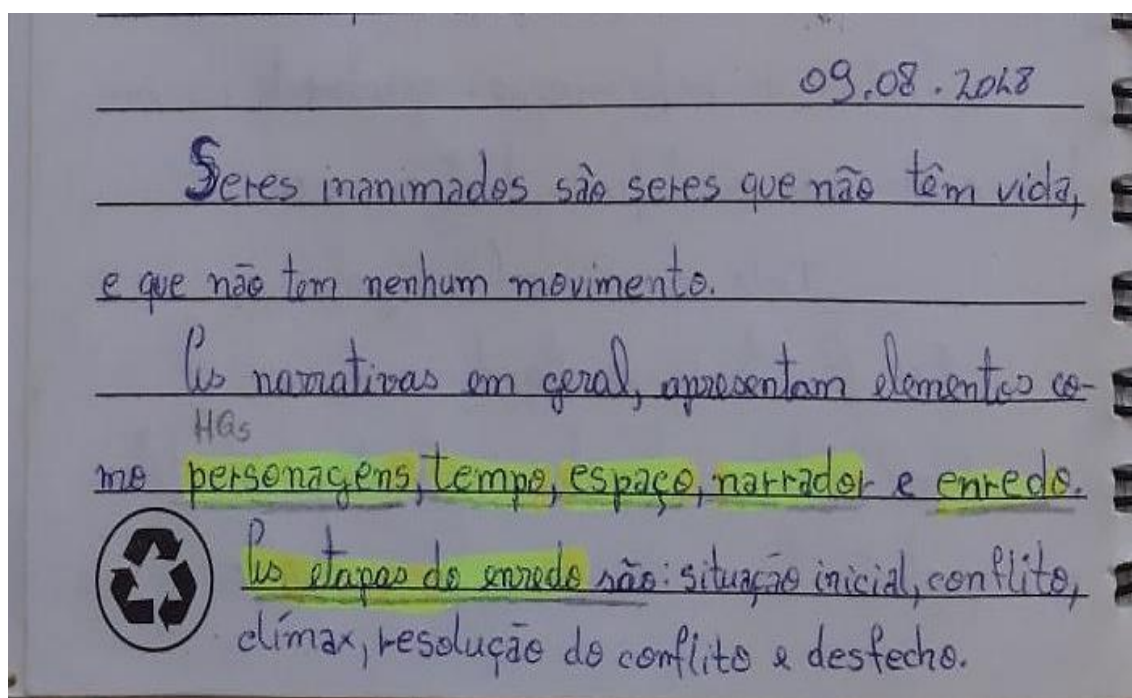
Ainda em junho, fizemos a revisão bibliográfica e selecionamos os conteúdos que deveriam ser levados para sala de aula. Neste mês, elas tiveram os primeiros contatos com a teoria dos textos literários, de forma que aprendessem o conteúdo, assim ouviram falar de conceitos, características e tipologias textuais, como a narração e a descrição. A partir do conteúdo, fizeram exercícios para fins de fixação, estudaram sobre a narrativa presente na imagem, e apontaram os elementos da narrativa.

Falamos um pouco sobre o gosto de ouvir e ler histórias. Comentamos que:

Há certas histórias que narramos só por alguns dias ou semanas depois que aconteceram e logo as esquecemos. Quanto a outras, gostamos de repeti-las inúmeras vezes vida afora. Por vezes uma história desconhecida nos aborrece, ao passo que, noutras prestaremos a máxima atenção ao ouvir a mesma história tantas vezes repetida (HELLER, 1993, p.72).

O presente conteúdo foi levado para sala de aula e os alunos se mostraram muito interessados.

Figura 14. Elementos da narrativa



Fonte: Saboia, 2018.

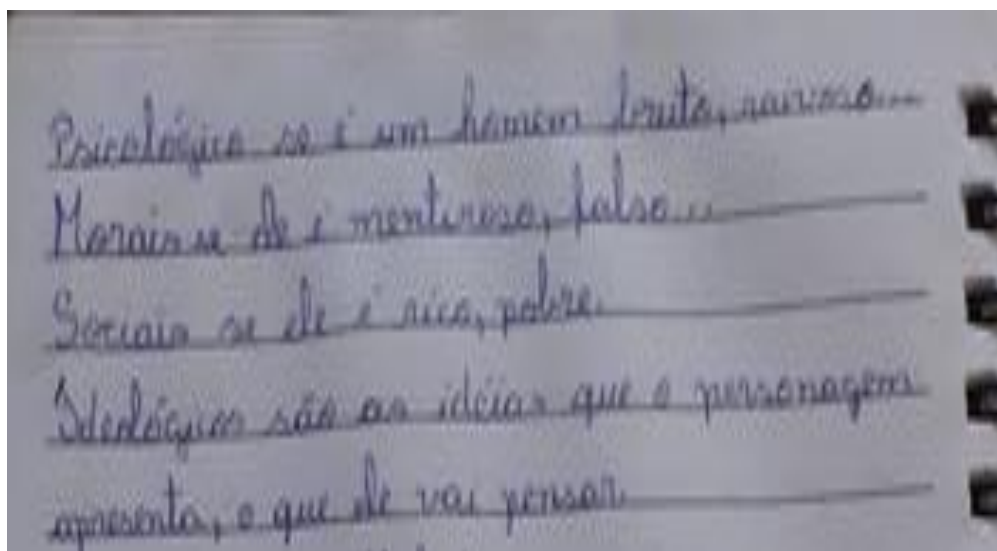
Houve um momento em que apresentaram dificuldades quanto à imaginação, principalmente porque duas delas não conseguiam compreender o elemento tempo. Foi difícil mostrar a diferença do tempo cronológico para o tempo psicológico, elas não conseguiam compreender que dentro da trama o personagem tinha pensamento, sentimentos, características e vida própria. Depois disso, passaram a perceber que o personagem possuía um pensamento próprio que o movia na trama; que tinha características que permitiam o olhar do leitor olhar para seu externo e seu interno.

Então, pedimos que contassem um episódio de suas vidas e posteriormente contassem novamente o texto, mas dessa vez colocando outros nomes ao invés dos seus ou, se preferissem, poderiam trocar partes do enredo. Com isso, passaram a se olhar como personagens do texto e a entender o porquê de o narrador, o lugar, o enredo, o tempo e personagens serem elementos básicos de uma narrativa. O que foi alcançado com muito êxito.

Desse modo, caminhamos para a descrição, mas esta tipologia foi muito mais fácil de ser trabalhada do que a anterior. Depois de o assunto ter sido abordado, foram distribuídos papéis para que descrevessem suas casas, atribuindo assim significado ao conhecimento adquirido. Essa descrição foi realizada por meio de um anúncio e, em seguida, foi feito mais um exercício cuja descrição era delas próprias, mas sem

revelar os nomes. Após a escrita, trocaram os textos e cada uma prenunciou de quem se tratava somente pela descrição. Posteriormente, começaram a escrever sobre as ideias, os sonhos, o meio a que pertenciam e um pouco do comportamento que tinham.

Figura 15. Característica do personagem<sup>33</sup>



Fonte: Saboia, 2018.

Com isso, não foi preciso explicar uma segunda vez o que era narrar e descrever e nem os lembrar. Foi observado então que haviam se apropriado desses conteúdos tão certo o quanto sabiam de suas próprias histórias de vida, evidentemente, com as palavras deles. A partir desse momento, tudo se tornou mais fácil. Parecia que havia sido aberta a porta do entendimento, e sim, havia.

Havia uma resposta para todo conhecimento repassado. É preciso ressaltar que até esse momento não havia sido utilizado quadro branco, pincel para quadro branco, apagadores. As aulas expositivas eram diferentes, não eram do tipo o professor fala e o aluno recebe. Ao contrário, elas faziam as leituras dos conteúdos e depois conversávamos sobre o assunto, sempre fora do espaço convencional da sala de aula.

Depois desse período, partimos para a sala de aula. Inicialmente, foi feita uma leitura pelas alunas monitoras, depois, uma leitura diagnóstica e individual com os alunos a fim de saber quantos sabiam ler. A imagem, a seguir, foi tirada enquanto as

---

<sup>33</sup> Elementos apresentados pela aluna Evelim L. Lima

alunas faziam a leitura em voz alta do texto que deveria ser lido logo em seguida pela turma.

Figura 16. Leitura em voz alta



Fonte: Saboia, 2018.

Após a leitura feita pela turma, foi constatado que o 6º ano apresentava um aluno que não sabia ler e outro que lia com bastante dificuldade. Então, foi feito um plano de estudos para alcançar esses alunos, mas a vida do homem ribeirinho é muito difícil, pois só se locomove por transporte aquático, e como não há tanta fiscalização nessas áreas, as pequenas rabetas ficam desprotegidas diante das grandes embarcações, e numa dessas viagens, o aluno que não sabia ler teve sua vida ceifada. Já o outro, este foi acompanhado e, com muito esforço, desenvolveu mais as habilidades na leitura e na escrita, ganhou um pouco mais de velocidade tanto numa quanto na outra, porém na interpretação e nos conceitos não obteve o mesmo êxito. Segundo Chartier (1999):

A prática de leitura oralizada, descrita ou visada pelos textos, cria, pelo menos na cidade, um vasto público de “leitores” populares que inclui tanto os mal alfabetizados como os analfabetos e que, pela mediação da voz leitora, adquire familiaridade com as obras e com os gêneros da literatura culta, compartilhada muito além dos meios letrados. (CHARTIER, 1999, p. 124)

Desse modo, nas rodas de leitura, o aluno, enquanto ouvinte, ouvindo o mesmo texto lido por outros, compreendia e conseguia dizer sobre o que se tratava. Assim,

entendemos que foi aumentando o empenho tanto de quem lia, para se fazer entendido quanto de quem ouvia - o que era feito com responsabilidade, empatia e espírito de ajuda ao próximo, gerando movimento e crescimento de todos. Podemos afirmar que, quanto à leitura, todos se desenvolveram bastante em relação ao estado inicial que se encontravam no início do trabalho.

Asseguramos ser necessário um espaço maior de tempo para trabalhar a literatura no Ensino Fundamental de modo mais aprofundado, porque isso muda a perspectiva de vida dos alunos envolvidos.

## **8. Resultados da Geopoesia em sala de aula: cultura, história e colonialidade presentes na narrativa do povo Tuyuka**

O Capitalismo surgiu no século XV, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, após a decadência do Feudalismo. Essa decadência é devida ao renascimento urbano e comercial nos séculos XIII e XIV. Com isso, o homem que, no sistema feudalista, empregava força de trabalho na produção para o sustento de sua família e trocava seu excedente pelo excedente do outro, no sistema capitalista, passa a vender o seu produto para adquirir o que não produzia. Mas havia um terceiro que comprava esses excedentes por preços baixos e vendia por preços elevados, fazendo assim o intercâmbio, era o comerciante.

Nascia, então, na Europa, a burguesia, que era uma classe de comerciantes que visava o lucro por meio do comércio. Nesse sistema, o lucro somente para a existência não existe, pois acumular bens era preciso, com isso, expandir os negócios se fazia necessário. Assim, o trabalho necessário para suprir a necessidade humana aumentou e o trabalhador do campo virou mão de obra barata.

Os comerciantes eram financiados por reis e juntamente com a nobreza buscavam por ouro, e também por especiarias que não havia em suas terras, mas havia nas Índias, tais materiais geravam muito lucro. Nesse contexto de expansão, e em busca de novos territórios, surgem as Grandes Navegações e Expansões Marítimas, nos séculos XV e XVI.

Esse processo, contado de forma muito sucinta, é o indicador, na verdade, de um longo processo de exploração dessa parte do planeta – chamada de Novo Mundo. Nesse período, além de séculos de saques e exploração de riquezas naturais e minerais ocorreram vários crimes de violência humana: dizimação (holocausto) de

várias etnias ameríndias; escravização em larga escala de civilizações africanas e imposição do Cristianismo – que compactuou com as duas primeiras formas de violentação cultural.

“Reza a lenda portuguesa que, em uma dessas viagens, chegou a uma porção de terra que depois chamou-se Brasil, uma esquadra lusitana, em 1500”. Nessa esquadra, liderada por Vasco da Gama, havia cartógrafos, geógrafos, padres e aventureiros – estes tinham como objetivo fazer novos fiéis. Mas esta não foi a primeira expedição a chegar ao que hoje é o Norte do país. O acesso para esta parte da América não era fácil, e não foram os portugueses os primeiros a entrarem nesse espaço.

Os primeiros foram os espanhóis, holandeses, franceses e ingleses. Os portugueses só chegaram à região no século XVII, quando implantaram fortes, tomaram territórios de estrangeiros e de nativos. Em 7 de junho de 1494, foi assinado um tratado em Castelhanas de Tordesilhas, o Tratado de Tordesilhas. Um acordo entre Portugal e Espanha para ver a quem pertenceria as terras do novo mundo, aquelas já “descobertas” e as que poderiam ser “descobertas”. Esse tratado reduzia conflitos entre os dois países, mas não com os povos indígenas.

Assim como o Brasil,

Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída. Na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (GONDIM, 2007, p. 13).

Quando o colonizador chegou à região norte, havia muitos povos, várias etnias, logo, várias línguas e com elas, muitas histórias. Porém, com os conflitos colonizadores e em desvantagem, pois lutavam com arcos e flechas contra armas de fogo, povos inteiros foram dizimados, incluindo os Manaó (Manaós), povo cujo nome deu origem à palavra Manaus, nome da capital do Amazonas.

Como já foi dito antes, não chegou aqui só quem queria explorar riquezas, mas também quem queria disseminar sua fé. Por esse motivo, a religião foi muito usada pelo colonizador, que ao chegar por essas bandas, tratou de mostrar ao indígena a sua “mitologia” e a existência de um castigo, caso não quisessem ser catequizados, e não deixassem de cultuar seus deuses, um pecado muito grande e imperdoável. Os

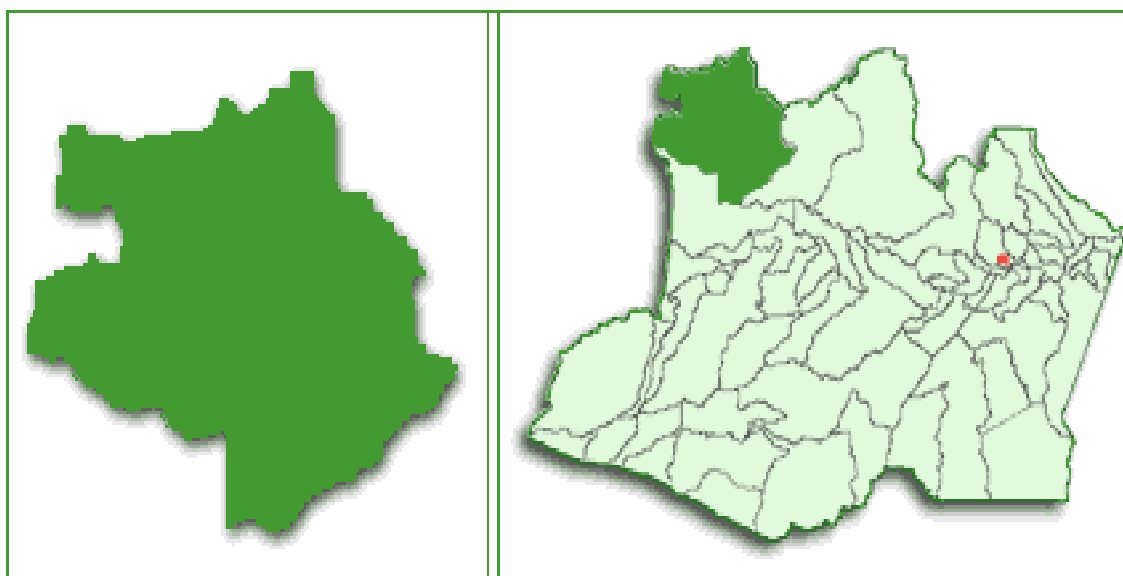


jesuítas foram os primeiros a desenvolver essa missão e quando foram expulsos, foi a vez dos missionários darem continuidade aos ensinamentos.

A esse processo sofrido pelo indígena nas colônias Quijano (2005) chama de Colonialismo. Um processo de aculturação violento e histórico que perdura ainda hoje e que ecoa na atualidade (com governos autoritários e exploração do capital).

O povo Tuyuka habita em São Gabriel da Cachoeira, município do Estado do Amazonas. São Gabriel da Cachoeira, também conhecido como cabeça do cachorro, devido ao formato no mapa político do Amazonas parecer com a cabeça de um cachorro, é distante de Manaus 852 quilômetros de distância, a contar em linha reta. Esse município possui uma população de 44.816 pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2018.

Mapa 5. Localização de São Gabriel da Cachoeira no Estado do Amazonas



Fonte: <https://www.manausonline.com/images/mapaaogabriel.gif>

Ainda segundo o IBGE, 2018, em 1657, os jesuítas fundaram um aldeamento na foz do rio Tatumã, desde onde se tem “um de seus primeiros registros” (IBGE, 2018) do povoamento do Alto Rio Negro, entretanto, com a expulsão dos jesuítas, a aldeia ficou abandonada. Surgindo um novo povoado à margem do Rio Negro em 1968, fundado por Francisco Frei Teodósio e o Capitão Pedro da Costa Favela, nas proximidades da Foz do Rio Aruim. Depois foram fundados vários povoados por religiosos, os que catequizavam os indígenas. Por volta do ano 1695, os missionários Carmelitas chegaram ao lugar criando mais povoados. Entre 1759 e 1760, por meio de um destacamento militar, é criado um forte com o nome de Forte São Gabriel, e

em torno dele vai se constituindo uma povoação reconhecida em 1833 com o nome de São Gabriel, também é elevada à sede de Freguesia. Esse é o município do Amazonas que mais possui variedades de etnias, são 34 e entre elas a Tuyuka.

Naquele período, segundo José Ribamar Freire em um depoimento de Couto de Magalhães, mostra-nos que todos precisavam aprender a Língua Geral, inclusive os portugueses; e as comunidades indígenas precisavam parar de utilizar sua língua e utilizar o Nheengatu ou Tupi (FREIRE, 2004, p.170), uma língua que foi se institucionalizando e sendo utilizada por todos os povos para se comunicarem com o (branco) europeu colonizador e com outras etnias.

Não se pode afirmar em que momento foram iniciados os conflitos de resistência pelos Tuyuka, mas pode-se afirmar que um povo ágrafo sustenta seus costumes e tradições, como coloca a *geopoesia*, por meio da língua, da memória, da corporalidade e, evidentemente, das narrativas. Na época da colonização, a língua era tirada à força e, atualmente, vem sendo ameaçada com o isolamento desse povo.

Durante o percurso da vida, foram formando famílias, divergindo em ideias e, aos poucos, se distanciando, formando grupos menores, mas sempre lutando para manutenção das tradições. A maior parte vive na fronteira entre o Brasil e a Colômbia. A língua deles faz parte do grupo linguístico Tukano Oriental do noroeste da região amazônica. A língua Tukano predomina por toda comunidade que faz parte da região do rio Tiquié e do rio Papuri, Pari-cachoeira.

Assim como a língua portuguesa, ela não é uma língua pura. Esse povo fala, no mínimo, duas línguas. A aquisição das duas línguas ocorre ainda na infância. Geralmente, a mãe transmite sua língua, pois é com ela que a criança mantém o maior contato nos primeiros dois anos de vida. Aos três anos, a criança (se menino) passa a caminhar mais com o pai, o que fará com que aprenda a língua dele enfraquecendo a língua materna, pois, por ser um povo patriarcal, os meninos precisam saber bem a língua do pai. Ela é muito importante para o equilíbrio, uma vez que é por meio dela que são mantidos os ritos de passagem, as cerimônias, os valores e costumes desse povo, logo, sua história.

A língua Tukano tem sofrido ameaças com o passar dos anos, pois os indígenas têm sofrido muitas influências da língua portuguesa. Em Manaus, são poucos os povoados em que se fala a língua com riqueza de vocabulário. Os jovens dos povoados dessa etnia, que vivem em Manaus, dominam pouco a língua e outros jovens nem sequer a falam. Através de políticas públicas, alguns lugares foram

beneficiados com escolas indígenas que mantêm as palavras vivas; resgatam as esquecidas e disseminam a escrita. Em Manaus, alguns Tuyuka moram em comunidades de outras etnias e também buscam nelas as palavras de que necessitam.

Embora não seja a tradicional Cobra Grande – estudada em outros momentos dessa Tese – temos entre o povo Tuyuka uma Cobra grandiosa. A história de criação deles conta que o povo surgiu a partir da “Cobra da Transformação”. Essa era uma cobra única, a primeira ancestral, que se multiplicou com o passar do tempo. Após essa multiplicação, as demais que, para eles, existem hoje, surgiram também desse longo processo. E cada uma foi para um rio, afluentes do Rio Negro ou Uaupés. Durante os rituais, autodenominam-se Filhos da Cobra da Pedra. Pelos Tukano, são chamados de *Diikana* ou *Diikara* que significa “gente argila”, de onde provém a significação do nome Tuyuka na Língua Geral Amazônico-brasileira, o Nheengatu<sup>34</sup>.

A aluna indígena contou que pertencia ao povo Tuyuka e que veio de São Gabriel da Cachoeira morar em Manaus, juntamente com sua avó Ângela que a criava. Nesta cidade se fixou numa aldeia predominante Barasano, pois o cacique Bará, o governante, é dessa etnia. Segundo ela, sua mãe reside nesse povoado desde 2005, e ela desde 2013 quando teve o primeiro contato com a língua portuguesa. Desde então, passou a ser cuidada pela mãe, também Tuyuka. Nesse processo, então, temos a seguinte sequência narradora: a avó – que não fala português; a estudante bilíngue; a professora realizando a coleta da literatura de campo que fala apenas a Língua Portuguesa.

A aldeia foi fundada em Manaus, segundo o cacique, no ano de 2003. Seus fundadores foram: Santiago Barasão, Dionélia Tuyuka e João Tuyuka. Hoje, conta com nove Tuyuka, longe de lá, há 8 que residem no ramal do Anaconda, Tarumã, e 7 na Prainha, também no bairro Tarumã. O lugar passou a receber visitas somente em 2004. Essas visitas são muito importantes para a manutenção do povoado, pois encontram-se na periferia da cidade.

Essa aldeia sobrevive da caça, da pesca, de aposentadorias, e de benefícios que assistem aos indígenas, além do turismo. Eles têm um contato muito particular com a natureza, sentam à mesa com macacos que foram domesticados, mas que não são aprisionados; aves, principalmente papagaios. Alimentam-se de carne, peixe e

---

<sup>34</sup> <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tuyuka>

formigas, servidas também aos visitantes em dias de visitas, quando também se caracterizam para apresentarem suas danças. Geralmente, esses visitantes compram brincos, colares, cocares, pulseiras, tudo feito com penas e sementes, o que também gera renda.

Em Manaus, a aldeia Rouxinol está localizada às margens do rio Tarumã-açu, que faz parte de uma das quatro bacias existentes em Manaus, a bacia hidrográfica do Tarumã-açu. Essa é a única bacia a estar localizada totalmente dentro da cidade de Manaus e, “possui uma área total de 133.756,40 hectares, o que corresponde a 11,73% da área territorial do município de Manaus” (VASCONCELOS, 2012, p. 41).

Segundo relatos da aluna, a avó conta que ouvia de seus antepassados que antes de o colonizador chegar era muito melhor de viver, pois tudo que tinham pertencia a todos, o mundo era um bem comum. Todos estabeleciam uma relação muito diferente com a natureza. Contou que ouvia de seus ancestrais que a natureza tem vida própria e oferece tudo o que o homem precisa, mas não pode ser ferida, pois quando é ferida libera castigo. O castigo é proveniente das forças do sagrado. Embora haja também, uma consciência ecológica muito anterior ao próprio conceito.

A narrativa que será contada a seguir é muito antiga, é narrada somente pelos mais velhos e pelos falantes da língua. Foi contada pela aluna Evelim, que ouviu de sua avó, ainda na infância. É importante dizer que, até o presente momento, esta história não foi encontrada em livros ou tecnologias utilizadas para fins de registro; somente contada e recontada oralmente. Buscamos, neste momento, direcionar para o significado das narrativas, mais do que para a estrutura – como foi feito em momento anterior.

Essa história apresenta como espaço geográfico o Distrito Pari-Cachoeira, e o rio Tiquié, com 321 KM percorrendo em solo brasileiro, afluente do rio Uaupés (ou Caiari), na fronteira entre Brasil e Colômbia.

As ilustrações a seguir fazem parte de um caderno de imagens desenhadas pela indígena Evelim. Não há imagens com escritas narrando a história, mas conseguem contar com muita coerência e verossimilhança os episódios produzidos oralmente por ela. A parte de texto para acompanhar a história foi escrita em folhas separadas e recontadas aqui. Há diferenças entre a cor original das ilustrações e a cor das imagens neste trabalho, por se tratar de fotos tiradas do documento original, assim, a cor da pele dos personagens e dos céus aparecem um pouco mais claras.

Nesse momento, começamos o processo de registro e posteriormente a análise do texto.

Figura 17. A criatura escondida para não ser vista pelas crianças



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

Nessa imagem, quanto à geografia do lugar, observamos formas de relevos distintos. Nas proximidades da casa, vemos um campo por onde os personagens caminham e que separa a casa da floresta, onde se esconde a criatura; para o lado direito da casa, vemos um rio extenso, porém estreito, parece mais um igarapé; e logo depois dele, uma vegetação mais curta, com poucas árvores, apresentando uma floresta menos fechada; por fim, ao fundo, temos serras. Um relevo bem diferente do da Bacia Amazônica, onde prevalece a planície, e que pode ser encontrado no município de origem da história. Embora haja essa estilização da imagem, é certo que na vocalidade da ancestral temos essa memória de uma floresta “fechada” e abundante.

Quanto à parte humana, vemos a mãe e as três crianças no movimento de esconde/aparece. A imagem mostra a mãe carregando na cabeça um cesto cargueiro – trata-se de um utensílio doméstico de origem indígena produzido com fibra de

envira<sup>35</sup> trançada ou de buritizeiro<sup>36</sup>. Esse objeto, que é transportado sempre pendurado na cabeça, funciona como uma extensão do corpo da mulher e serve para carregar frutas retiradas da floresta ou da roça nas proximidades da casa; é o mesmo que serve para carregar bebês.

Também observamos a mãe e a menina com cabelos longos, lisos e pretos; os meninos, possuem as mesmas características de cabelo, diferenciados apenas pelo tamanho, que é curto, com um corte arredondado. A cor da pele é marrom, e a mãe está usando vestimentas diferentes: a parte de cima parece uma tanga de banho comumente usada na região e a parte de baixo, uma saia utilizada nos rituais indígenas, feita com palhas.

No lado esquerdo, vemos a criatura escondida observando o movimento da mãe e das crianças para poder não ter a sua existência revelada.

A história se passa em uma casa distante da aldeia, e enreda o que acontece com a personagem da mãe, seus três filhos e uma criatura. A mãe, que não apresenta nome, tinha uma relação amorosa com uma criatura da selva. Essa criatura apresenta certa aparência monstruosa, e não poderia/deveria ser vista pelas crianças. A criatura, como é tratada, é um ser que possui poderes mágicos, esse poder consiste em seus braços terem a capacidade física de esticar. Para que as crianças não soubessem da existência dela, e nem se esbarrassem com ela acidentalmente, a mãe mantinha toda uma organização.

Dessa forma, as crianças eram acordadas bem cedo, e saíam de casa com a mãe quando ainda era escuro, para tomar banho no rio, assim, a criatura estava livre para sair sem ser vista.

---

<sup>35</sup> Variação de *embira*, palavra proveniente do tupi *ymbýra*, é uma fibra que não afunda e que tem uma ótima resistência, muito utilizada também no artesanato local e para produzir cordas, amarras.

<sup>36</sup> Árvore que produz um fruto com casca vermelho- vinho e polpa amarela, muito utilizado na produção de vinhos, cremes e picolés. Outras variações: pé de miriti, miritizeiro, muriti, caraná e buritirana.

Figura 18. A criatura tem poderes



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

A figura acima, mostra a criatura, que representa uma figura masculina. Ela passava o dia todo na selva. E para conseguir capturar os alimentos, usava um pedaço de madeira, para jogar sobre as cobras e aves, com a ajuda de seu braço que esticava. É muito simbólico a escolha, sempre, dos animais. Um deles rasteja e o outro voa. As crianças que podem/devem ver o ser alimentam-se da cobra – ligadas à terra e às árvores; e a mãe que vê e tem uma aproximação com a criatura consome as aves – que, embora ligadas ao ar, não voavam.

A matéria que conhecemos com essa capacidade de esticar e voltar ao estado inicial nesta região é a borracha natural ou o látex. Essa matéria-prima possui capacidade de alta deformação e de retorno ao estado inicial. É um material ainda muito utilizado na região, principalmente para a produção de produtos empregados nas áreas de saúde, de higienização de ambientes, de roupas, de sapatos etc. E semelhantemente, essa característica está presente no corpo da criatura, o que a torna poderosa. Vemos um processo de hibridação do elemento histórico que invadiu a floresta nos ciclos da borracha que atravessaram a primeira metade do século XX e essa assimilação pela narrativa indígena. Esse ser apresenta-se como uma espécie de homem-borracha dos trópicos.

Não foi encontrado em outras histórias indígenas personagens que tivessem tais poderes, nem mesmo os deuses. No entanto, houve duas épocas em que foi forte a miscigenação do indígena com o branco, primeiro com o português, “sob o estímulo de recomendações do próprio rei, e depois com os nordestinos, que eram produtos da fusão de três etnias de que se originou o mestiço brasileiro. E foi através especialmente do nordestino que se fez a introdução do sangue negro na planície” (DJALMA BATISTA, 2006, p. 120). Essa fusão de civilizações não repercutiu somente na cor, mas na escravização do indígena, exploração do trabalho do caboclo e na hegemonia do homem branco enquanto exploração do trabalho, da terra e da borracha.

Figura 19. A chegada da criatura à noite



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

Passemos ao texto propriamente dito:

*A mãe mandava as crianças dormirem cedo para que não vissem a criatura chegando com os alimentos entrando na casa feita de palha. Esses alimentos eram aves, que não voavam, e cobras. Para a criatura as cobras eram uma espécie de peixe liso. Essas cobras eram para as crianças, e as aves para a mãe, e elas viviam se perguntando o porquê de as fezes delas saírem cheias de escamas.*

*E a resposta era:*



*– É escama de peixe!  
Sendo que era escama de cobra.*

O pai das crianças não aparece no enredo, certamente ficou na aldeia, pois nessa casa só habitavam as três crianças com a mãe. Os homens Tuyuka costumam se afastar de suas mulheres para irem a caçadas, e pescarias, e antigamente, travavam lutas com outras etnias para tomada de territórios. Esses territórios eram tomados por oferecerem melhores condições de vida aos aldeados, como ter uma boa terra para plantio, ser próximo a um curso d'água e outras possibilidades. Hoje, apesar das diferenças culturais, eles se utilizam do diálogo para estreitar laços e manter a boa convivência com outras etnias.

Os alunos comentaram sobre a figura paterna que é muito necessária durante o desenvolvimento do indivíduo, mas nesta narrativa, vemos que essa figura não é vista e nem sentida pelas crianças, simplesmente pelo fato de não existir. E nisso, comentaram que, dependendo dos caracteres de um pai, era melhor que a criança se criasse longe mesmo.

Os alunos falaram sobre a composição de suas famílias e os sentimentos em relação à figura paterna. A descoberta da criatura gera o sentimento de revolta por conta dos alimentos, e também tira toda e qualquer possibilidade de fantasiar um pai. E isso levou junto a proteção contra a angústia e a segurança em amor geradas pela presença de um bom pai na infância.

A literatura nos faz perceber o outro e a nós mesmos em tempos em que muitas pessoas estão perdendo suas capacidades de se autoperceberem e de perceberem seus semelhantes.

Figura 20. A criatura é descoberta

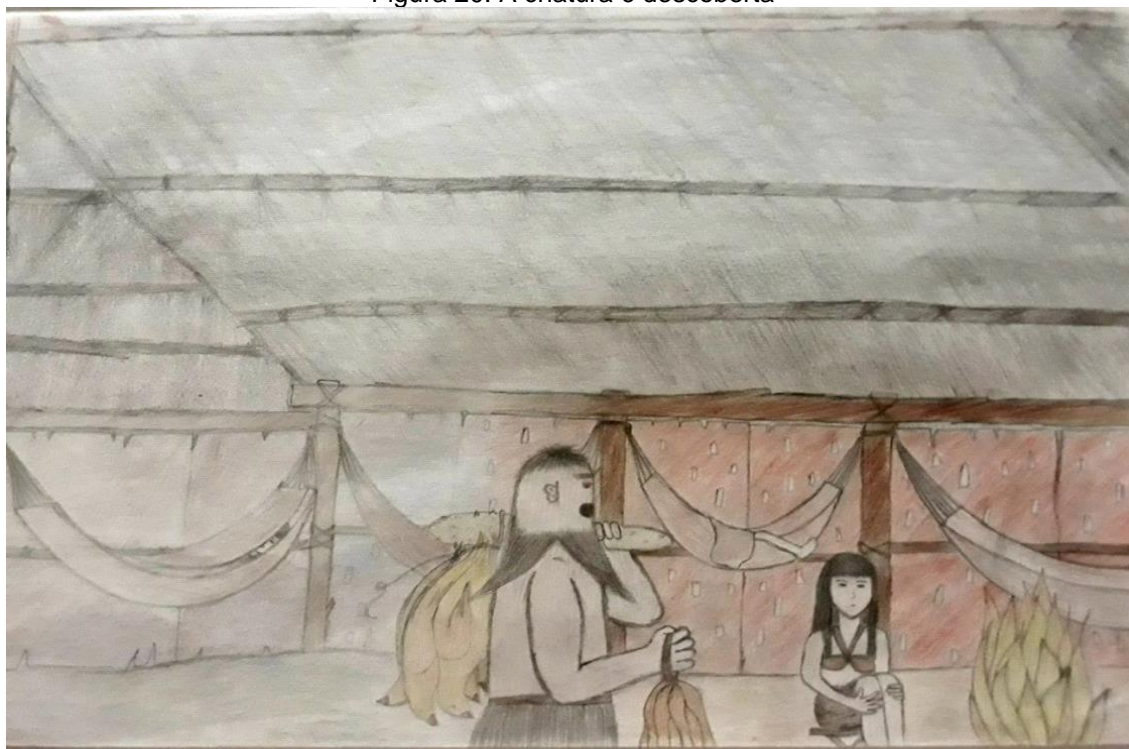


Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

*Mas chegou um dia em que um dos meninos ficou acordado. E com apenas um olho aberto, deitado na rede, ficou brechando. E a mãe não percebendo isso, permaneceu esperando a criatura no cantinho, aquecendo-se ao fogo enorme que ela mesma fizera.*

*Depois de alguns minutos, lá vem a criatura falando que queria dormir.*

*– Cari! Cari! Cari!...*

*E o menino sem saber o que fazer ficou observando, e enxergou um monte de aves enormes, e também várias cobras. E foi ali que ele descobriu o motivo das escamas nas fezes.*

Na figura acima, observamos como é a moradia internamente, pois foi retirada uma parede para que pudesse ser visto, concomitantemente, o lado externo e o interno. As paredes são feitas em argila e apoiada com pedaços de madeira mais finos, conhecidos como varas. O chão é em terra batida, e plano. A moradia não possui paredes, sendo somente um vão, e todos dormem em redes. Essas redes, bem como outros utensílios domésticos são criados pelos próprios indígenas.

Figura 21. As crianças na floresta



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

*Quando amanheceu, o menino contou aos seus irmãos tudo o que havia visto. Depois dessas descobertas, começaram a explorar a mata próxima da casa deles para esquecer o que havia acontecido e para se esconderem da mãe.*

Em sala, comentamos sobre o acontecimento anterior, sobre o sono, sobre a curiosidade. E nisso, os alunos refletiram sobre suas atitudes, principalmente sobre a curiosidade. Relataram situações engraçadas que passaram por conta dela e até perigosas, mas também mostraram que a partir dela aprenderam muito sobre o que não lhes foi contado.

E sobre isso, concordamos que o ser é curioso e que se descobre em muito devido a essa curiosidade. É importante recordar que nem todos os alunos eram indígenas, e mesmo que o fossem, não eram obrigados a saber as histórias contadas contadas por outras etnias. Essa narrativa despertou muita curiosidade, pois até mesmo alunos da mesma etnia não a conheciam, por ser antiga. E nisso, a curiosidade pelo saber ajudou muito no bom andamento da aula. Paulo Freire, em uma entrevista a uma revista, mostra que essa curiosidade leva a um acesso de possibilidades de conhecimento de si e do outro, respeitando sua cultura, e aprendendo mais sobre ela:

Então eu acho que o meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser de minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não me impõe negar ao outro o que a curiosidade do outro e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe. (FREIRE, 2005, p. 83)

Assim, respeitosamente e com muita curiosidade, os alunos aprenderam mais sobre si e mais sobre a cultura do povo Tuyuka. De modo que todos, incluindo o professor, aprenderam mais de onde vieram alguns costumes muito utilizados na região.

Figura 22. As crianças buscam novos espaços



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.<sup>37</sup>

*Até que um dia, foram explorar o rio e acharam um barranco de argila. Então, resolveram criar asas com a ajuda de alguns galhos, e retornavam a casa somente a tarde. A mãe, preocupada, procurava por eles em todos os possíveis lugares que costumavam ir, só não no barranco, já que resolveram não falar nada sobre a existência e a localização do lugar.*

Apesar de não ter sido apresentada na figura acima, essa criação das asas com folhas nos faz lembrar de Dédalo e seu filho Ícaro quando se viram presos em

---

<sup>37</sup> A cor da pele é marrom, parece bem mais clara na imagem, do mesmo modo que o azul do céu, que aparece bem mais claro por se tratar de ser uma foto da ilustração original

um labirinto. A sensação de aprisionamento física ou psicológica faz o indivíduo buscar por meios de saídas, de fugas desse aprisionamento, mesmo com riscos, que geralmente não são colocados em primeiro plano.

Na mitologia grega, Dédalo era um dos homens mais habilidosos e criativos de Atenas, seus trabalhos manuais eram perfeitos. Ele criou um labirinto a pedido do rei Minos, de Creta, para aprisionar o Minotauro. No entanto, ajudou a filha desse rei a fugir com o amante, despertando assim a fúria de Minos, que ordenou que jogassem Dédalo e seu filho Ícaro naquele Labirinto perfeito de aprisionamento, pois o rei controlava terra e água, meios de saída daquele lugar. “ Minos controla Terra e mar”, disse Dédalo, “mas não controla o ar. Tentarei este meio”. E pensando assim, juntou penas de aves, amarrou-as com fios e colou-as com cera. Para ficarem perfeitas como as das aves, usou penas de vários tamanhos e moldou-as com as mãos habilidosas que possuía. Quando as asas ficaram prontas, empreendeu voo para testar, depois equipou seu filho e o ensinou a voar, advertindo-o de não voar muito alto, pois o calor do sol derreteria a cera, e nem muito baixo para a água do mar molhar as penas. No entanto, Ícaro, ao contemplar o voo, se distraiu e voou cada vez mais alto.

Mas Ícaro não obedeceu ao conselho paterno. Chegando demasiado perto do sol, a cera das asas derreteu, e as penas dispersaram-se nos ares. De repente o moço se viu agitando braços nus. Chamando em vão pelo pai, Ícaro caiu nas águas azuis do mar Egeu. (VASCONCELLOS, n/d, p. 26)

Ainda sobre a imagem acima, falamos sobre a busca por esses novos espaços pela criança, pelo brincar, pelo fazer. Mostramos que o novo sempre é interessante, mas que gera desconfortos inicialmente, que aos poucos vão desaparecendo com o conhecimento e a segurança que este gera. Mais um momento de diálogo foi enriquecedor, quando a aluna indígena afirmou que essa busca por novos espaços não era somente assunto de criança.

Acrescentou que seu povo era e é assim, sempre buscam por novos espaços e sempre andam um pouco mais de espaços vistos como seguros, os próximos as suas casas, isso é importante para saber mais sobre rios, e sobre alimentos, pois onde se encontram novos rios, podem encontrar mais fartura e onde se acham melhores terras (para plantio), ali podem prosperar melhor. E quando conseguem encontrar espaços assim, mudam-se sem medo de enfrentar o novo.

Aprendemos como os Tuyukas se sentem no território, pois não se dizem donos da terra, é que para eles não há a ideia desse limite territorial colocado pelo branco.

O fato de certo espaço não constituir sua propriedade particular não significa que ele não o utilize. O fato de certo espaço nem mesmo ser utilizado diretamente por ele também não significa que não seja integrante de seu território, porque possui alguma importância em seu universo cultural (LIRA, 2014, p. 76).

Voltando para o texto, falamos o que gerou a busca dos personagens por novos espaços.

Figura 23. A crianças brincam no barranco



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

Percebemos então, por meio da narrativa, a busca dessa fuga pelas crianças que, na condição de criança, buscavam liberdade daquela situação e, por vezes, assim como Ícaro, também se distraíam em meio às brincadeiras em concordância com o comportamento da idade, não observando os riscos e os perigos eminentes. Também falamos sobre a busca pela verdade, que pode ser custosa, e o que ela gera quando é encontrada. “A verdade depende de um encontro com alguma coisa que

nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro”. (DELEUZE, 2010, p. 15). E após esse diálogo, continuamos:

*Certa noite, a criatura falou para a mulher que gostaria de tomar vinho de manicuera cozida. A mulher atendeu o pedido e cozinhou o vinho. Ela encheu uma cumatã (tumpa) e foi para a roça, deixando as crianças sozinhas na casa.*

*À noite, quando a criatura chegou à casa, pegou a cuia e bebeu tudo sem perceber que o vinho não estava cozido. No dia seguinte, amanheceu todo duro do lado da mulher, ela, logo que percebeu, acordou as crianças e mandou que elas fossem tomar banho no rio, logo depois de elas saírem, a mãe pegou a criatura e enfiou no fogo. Mas reparando que estava derretendo puxou de lá e levou para o tronco de uma árvore. Chegando lá começou a modelar, a criatura se transformou em uma casa de cupins. Por isso, que toda vez que uma pessoa corta a casa de cupins sai sangue.*

O cupim é um inseto que se reproduz rapidamente e, aos poucos, vai destruindo casas e plantações, causando prejuízos econômicos. Ataca a estrutura da casa feita em madeira – embora as casas sejam feitas com palhas trançadas, suas bases são de madeira: batentes, parte dos telhados, onde vão criando caminhos, parecidos com túneis, por onde se locomovem.

Figura 24. O surgimento do cupim



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

Ou seja, de algo ruim, a criatura, surgiu algo maléfico ao ser humano, que tira o sossego da família. Sabe-se que o cupim quando ataca a madeira é difícil de ser tirado, e que da casa dele desce um líquido de cor parecida com a cor do sangue.

O Povo Tuyuka possui seus deuses; em seus mitos, há muito ensinamento. Para Oliveira e Krüger (2010, p. 12), existem três tipos de mitos: os cosmogônicos, os etiológicos e os escatológicos. Eles o conceituam da seguinte forma: o cosmogônico, fala sobre o surgimento do mundo e do homem; o etiológico, como surgiu uma planta ou um animal; e o escatológico, como será o fim do mundo. Em todos eles há elementos, características do lugar e do povo a que pertencem, assim, há sempre um rio, um animal, um ancestral que os compõem.

Assim, as crianças, levadas pela curiosidade, descobriram a nudez da mãe, no sentido de descobrir os segredos guardados por ela. Essa descoberta gerou a primeira tragédia, na narrativa, pois matam a criatura.

A mãe não sente falta da criatura, parecia mais se utilizar dela para suprir as necessidades de si própria e dos filhos. Ela não ficou triste pela morte da criatura.

Figura 25. A mulher fica grávida



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.



*Dias depois ela descobriu que estava grávida da criatura. Passados nove meses, o filho nasceu. Não era um menino, ou uma menina. Era uma criatura, que recebeu o nome de veado.*

*Nas horas em que ela tinha que ir para a roça, ela colocava o filhote em um saco e o pendurava no canto mais alto da casa, para que as crianças não brincassem com ele, pois ela queria que o filhote crescesse devagar para que ela pudesse ensiná-lo de acordo com o seu crescimento, aquilo que ele devia ou não comer, como se comportar.*

Observamos nesse desejo, a preocupação com o tempo certo do desenvolvimento do filho mais novo.

Figura 26. O surgimento do veado



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

*No entanto, as três crianças, novamente, tomadas pela curiosidade resolveram descer o saco, que parecia ser mais um saco de carvão, por ser tão preto de sujeira. As crianças não sabiam o que era tão bem escondido pela mãe. Esperavam que fosse algum objeto, porém encontraram um veado. Decidiram brincar com o filhote, e o que a mãe mais temia aconteceu.*

Mas sabe-se que esse distanciamento abre precedentes para colocar a mulher em perigo. E esse perigo não está relacionado somente à morte, mas também aos perigos relacionados à sedução. Agravado neste caso pelo episódio ocorrer com uma criatura. E para isso, há um castigo que consiste no filho que nasce, dando surgimento ao veado.

O indígena que ainda vive em meio ao seu povo, passa por muitas privações em relação a essa união. Principalmente, com pessoas que não fazem parte de nenhuma etnia. E há tempos que sofre ataques dos brancos, na Época da Borracha, essas lutas eram mais intensas, com muitas mortes, e até mesmo suas mulheres eram levadas pelos seringueiros que não podiam trazer suas mulheres do nordeste, como já foi mencionado anteriormente.

Na comunidade indígena Tuyuka, obrigatoriamente, o pai e a mãe devem ser de etnias diferentes, o que se dá pelo fato de os povos indígenas, ao menos, a maioria da região norte, acreditarem que não podem se casar com pessoas da mesma etnia, pois, independentemente de terem nascido de pai e de mãe diferentes, consideram-se irmãos. Quanto à etnia escolhida para darem as moças ao casamento, os chefes procuram por etnias com afinidades, isso gera fortalecimento da língua, da genética e das relações sociais entre eles. No entanto, essa diferença deve ser entre povos indígenas e não entre eles e brancos.

Figura 27. O crescimento do veado

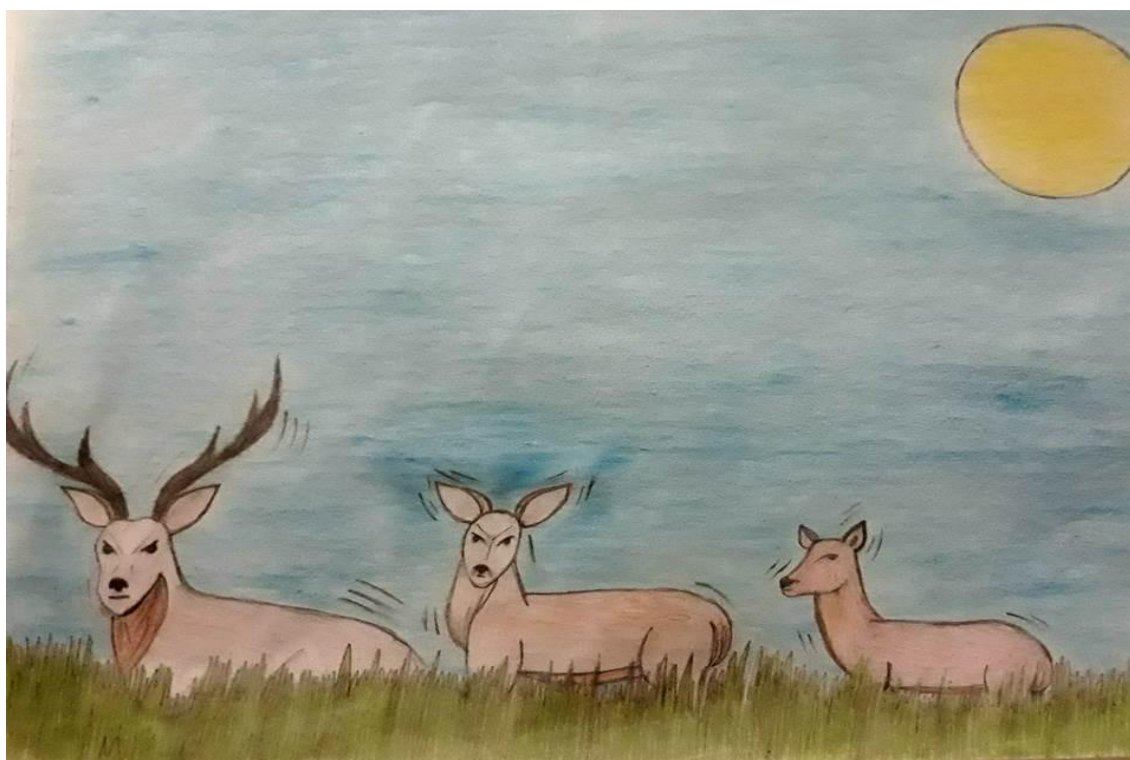


Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

*Cercaram-no de pequenos galhos, brincaram de pega-pega, e de tantas outras brincadeiras desconhecidas. O filhote, então, cresceu rapidamente, tornando-se um grande e forte veado. Correu imediatamente para a roça, onde a mãe estava. Ela o avistou de longe e começou a falar que iria ensinar*

*tantas coisas, caso isso não tivesse acontecido. E também pensou nas crianças que teriam soltado o filhote.*

É bem interessante observar na imagem esse crescimento repentino do veado e a relação com a infância. No texto, ele estava em desenvolvimento tanto quanto as crianças, na condição irmãos, que o reparavam. Simbolicamente, os quatro personagens representam o resultado da ausência de um adulto (na narrativa, a mãe) para acompanhar esse desenvolvimento necessário, pois ficavam sozinhos enquanto a mãe saía para trabalhar.

Não sendo o suficiente, a curiosidade das crianças, levou ao crescimento do veado aceleradamente, por isso, o veado tem uma boa altura e não leva muito tempo para chegar até ela. Mas pode-se interpretar que era preciso escondê-lo, pois sendo filho de humano não era humano, uma aberração oriunda da desobediência do homem que busca manter relações com animais.

*Voltou para a casa, pegou uns galhos e saiu correndo atrás das crianças rumo que fugiram para a mata. Depois de tantas voltas pela mata, com medo de apanhar, aproveitaram os minutos em que ela parou no meio do caminho para descansar, entraram na casa e se esconderam embaixo de cumatãs e lá se transformaram em pássaros grandes que sabiam cantar como pessoas.*

Figura 28. O surgimento dos pássaros



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

*Quando a mãe voltou cansada de tanto correr atrás das crianças na mata, reparou que os cumatãs estavam todos espalhados no chão e resolveu, então, juntar tudo. De repente, o primeiro pássaro levantou, saiu voando, era a menina que era um pouco menor. Logo em seguida saiu mais um, o filho do meio. E, por fim, o mais velho foi o último. Juntaram-se num galho de árvore e começaram a cantar.*

*– A nossa mãe brigou com a gente por causa do filho do bichuuuu!!!*

Esse mito, embora não possua dono é contado pelo povo Tuyuka não possui dono, seu narrador sempre aponta como sendo histórias ocorridas ou vistas por terceiros. Mas é sempre confirmada. O tempo da narrativa, apesar de seguir uma linha cronológica, não apresenta uma data específica, mais uma vez uma característica de uma narrativa mítica. E por fim, a última criação é a dos pássaros, pois antes não existiam pássaros, somente aves que não voavam.

Figura 29. A mulher some na mata



Ilustração produzida pela aluna Evelim L. Lima, 2018.

*A mãe percebeu que eram os seus três filhos e começou a chorar e a gritar.*

*– Voltem meus filhos para casa!!!*

*Com biju molhado na canhapira para jogar para eles, pois era a comida preferida deles, entrou na mata fechada e assim se perdeu e nunca mais voltou.*

Alguns apontamentos foram feitos em sala, após a leitura da história. Foi falado sobre o patriarcado, pois é o homem que provê para sua família o sustento, simbolizado no texto pela criatura. Nisso, os alunos compreenderam bem e lembraram que era a criatura quem levava o sustento para a mulher e para os filhos dela, embora os filhos não fossem da criatura. Entretanto, para a mulher ele dá a melhor parte, as aves, já para as crianças, por não serem seus filhos, a pior, cobra.

Acrescentamos que, a mulher com perdas sucessivas não suportou o tamanho da dor. Embora, aparentemente, não tenha sentido a dor da perda da criatura, mas a dor da perda dos filhos, que apesar de terem se transformado em pássaros, é como se tivessem morrido, uma vez que o ser e sua forma estão intrinsecamente ligados. Certamente isso a fez perder o equilíbrio, entrar na mata fechada e nunca mais voltar.

Então, os alunos levantaram algumas hipóteses: Mas será mesmo que se perdeu? Ou foi melhor não voltar para não enfrentar os problemas? (não enfrentar o que os outros vão pensar?); ou precisava não voltar para deixar como legado o ensinamento de que não é bom desobedecer, não é bom a curiosidade demasiada, e que é humana tê-la, mas há uma necessidade de decidir o que fazer com ela. Seria a transformação em pássaros uma consequência do desrespeito à mãe ou consequência da junção amorosa dessa mãe com alguém que não era de seu povo? (Viram aqui como castigo); tem-se na figura materna de muitos povos o sagrado, é como se a mãe errasse, mas não lhe fosse permitido errar (E nisso disseram que a mãe nunca abandona seus filhos, por isso voltaria somente com eles, mesmo que a forma fosse de pássaros).

Ao final, a aluna Tuyuka afirmou que essa narrativa é utilizada para fins didáticos e que além de a mãe manter um relacionamento escondido, faz algo proibido que é manter relações amorosas com alguém que não é humano, e também não é de povoado conhecido. Lembremos da narrativa do Boto que por trás de si há todo um contexto; semelhante a essa, também são relações amorosas às escondidas, com o que é proibido. Contou ainda sobre os costumes de seu povo, incluindo os de casamento, em que as moças se casam muito cedo.

Comentou que, atualmente, os indivíduos mais velhos moradores da Aldeia Rouxinol acreditam, simultaneamente, em seus mitos e na trindade que faz parte do Cristianismo; já os mais novos somente nesta última, vendo as demais como narrativas contadas pelos mais velhos.

Então, concordamos que acabaram as colônias, mas houve uma continuidade de práticas de violência, tais como na Aldeia Rouxinol, em que a única indígena a manter sua fé é a mais velha, a única que não sabe falar a língua portuguesa. Os demais afirmam que seus deuses são pagãos e que acreditam no que rege o Cristianismo, pois é o certo. A esse processo último que transcende o colonialismo, Quijano (1997) chama de colonialidade, pois não desaparece com a independência e descolonização.

Após todas as leituras teóricas, leituras em sala e comentários dos alunos a respeito da história, fizemos a análise e chegamos à conclusão de que se trata de um mito etiológico. Por meio dele, aprendemos como surgiu o cupim, o veado e as aves que voam para o povo Tuyuka.

## **CONCLUSÃO DA SEGUNDA PARTE**

Julgamos ter sido de grande valia essa segunda parte, pois o conhecimento é para ser difundido e tem a possibilidade de causar mais impactos positivos na sociedade quando é repassado a um público maior; e a escola proporciona esse alcance e neste trabalho pudemos observar esse alcance. Além disso, esse conhecimento se apresenta de um modo interdisciplinar perpassando áreas como geografia, história, cultura, literatura e Amazônia. Quanto às etapas, todo o conteúdo foi trabalhado por meio de leituras e debates, o que alcançou como um dos resultados o desenvolvimento da capacidade dos alunos de ouvir e compreender o outro, além de estabelecer uma aprendizagem significativa em relação ao literário, em especial à literatura de campo e aos demais conteúdos de outras disciplinas.

O mais importante em tudo isso foi ver que por meio da *geopoesia*, conseguimos agregar uma narrativa que diz muito de um povo, porque é um texto que, embora tecido por várias vozes, é único e até o término desse trabalho não a encontramos escrita em outra obra.

Nessa segunda parte, a literatura reduz a distância entre aluno e escola; e escola e aluno, pois, o professor também se apropria do que o aluno diz. O ensino da língua é para além da sala de aula, enquanto estrutura, e para além das regras gramaticais, é preciso envolver todos os alcances da língua. Ela é viva, a escola também, e isso pode ser esclarecido, vivenciado e repassado pela *geopoesia*. Desse modo, o Ensino Fundamental é o tempo ideal de tomar conhecimento do que é

literatura, certamente, a adolescência, que é uma fase de descobertas e dificuldades enfrentadas pelo indivíduo, seria bem melhor assimilada. Ignorar essa necessidade é continuar fechando os olhos para as necessidades do desenvolvimento humano na infância e na adolescência. Assim, não somente do professor, a *geopoesia* caminha para aproximar a escola do aluno, também apreendendo o que ele diz.

É esse o principal objetivo da *geopoesia*, de certo modo, ela busca mostrar o que está longe do mar e dos grandes centros porque quer agregar, se dar a conhecer outras culturas, o que precisa ser estudado. Não busca mudar nomes, mostrar o que é mais importante no meio literário ou melhor, e sim: não permanecer em um não-lugar, mas mostrar sua existência e conquistar seu espaço, não como inferior, ou atrás de, mas ao lado de, junto de, em um lugar de fala, de pensar, de criar, de oportunizar.

Em sala de aula, os alunos acompanhavam esses conteúdos por meio de rodas de conversa. Com isso, foi observado que a sala de aula, com toda sua infraestrutura, colabora, mas não é o único espaço a oportunizar a produção de um conhecimento significativo. Chegou-se a essa conclusão, após notar que tanto em sala quanto em espaços não formais, o que importava era a forma como era repassado o conteúdo. A sala de aula não foi o único lugar explorado para as pesquisas, acrescentou-se a ela, o corredor, o refeitório e até um espaço fora do ambiente escolar, em todos esses espaços não havia quadro branco e nem pincéis, mas o conhecimento adquirido pelos alunos foi significativo e sólido.

Desse modo, foi observado que a assimilação dos conteúdos foi muito mais rápida por meio dos diálogos, da interação entre professor e aluno e entre estes com seus pares do que pelo modo convencional: o professor, “detentor do conhecimento” ensina lá na frente e o aluno “que não sabe nada” recebe sentado, passivamente. O que faz pensar se realmente o espaço escolar tem sido um ambiente dialógico.

Em agosto, as alunas monitoras e os alunos do 6º ano aprenderam a elaborar questionários, relatórios e diários. Esses diários foram ensinados a partir das características desse gênero, no entanto, precisavam tratar do que era aprendido no dia a dia, a forma como aprenderam e como esse conhecimento tornava esses alunos melhores, contribuindo assim para suas vidas. Uma espécie de diário reflexivo, onde o aluno pôde fazer uma reflexão sobre sua trajetória.

No mesmo mês, dominando mais o assunto, os alunos começaram a estudar sobre as narrativas orais, suas características e o que as diferenciava da escrita. Naquele momento, elas tiveram seus primeiros contatos com a literatura e seus

conceitos. Foi falado o que era a literatura e para que servia. Inicialmente, o que se esperava era que achassem enfadonho, pois sabemos que a literatura transforma, mas para isso, é preciso se apropriar dela, através da leitura, e ler não é visto com prazer para todos da faixa etária, para alguns está mais relacionado a trabalho, é preciso criar uma abertura.

Em setembro, após terem sido coletadas as narrativas de campo, foi a vez de ser selecionada apenas uma para ser trabalhada. Em sala, os alunos do 6º ano ouviram as histórias coletadas através de aparelhos celulares e começamos o processo do registro. Esse momento foi muito importante, pois já era possível perceber a autonomia dos alunos em darem ideias e também em dizer o que haviam compreendido de tudo o que era visto, ouvido e escrito. Em sala, mostramos aos alunos os gêneros: tomadas de notas e informativo. Então, produziram textos a partir da tomada de notas feitas no período em que foram realizadas as pesquisas de campo.

Em outubro, em sala, os alunos conversaram a respeito das narrativas orais amazônicas e emitiram suas opiniões e ideias sobre o assunto por meio de debates e discussões. A história escolhida foi uma de origem indígena que precisou ser traduzida da língua dos Tuyuka<sup>38</sup> para a língua Portuguesa. Nesse mesmo mês, deu-se início ao processo de registro por meio da escrita, pois escrever era preciso; e falado em sala acerca da importância da escrita para o registro delas.

Em novembro, no último mês da aplicação do trabalho, tivemos a presença somente das monitoras porque as aulas dos alunos do campo terminam em outubro. Portanto, em novembro foram apresentadas as interpretações e análises da narrativa selecionada, com ilustrações, e a exposição dos resultados da pesquisa na 15ª Feira de Ciências da Amazônia direcionada à comunidade escolar e demais interessados.

Neste mesmo mês, foi mostrado como as histórias poderiam ser registradas. A partir disso foi ensinado o passo a passo desde a coleta até o registro. O que necessitou ensinar as características de um questionário e de um relatório. O ensino desses gêneros ganhou significado quando foram utilizados na coleta, durante a pesquisa de campo, como fins de registro e autorizações.

Nesse período do desenvolvimento, a teoria sobre dialogismo, de Bakhtin, foi muito aplicada, pois foi necessário mostrar ao aluno a importância do ouvir, uma vez

---

<sup>38</sup> Os Tuyukas falam a língua Tukano.



que não há diálogo sem o ouvir outro, sem a recepção do que o outro diz. Ainda nesse mês, foram acrescentados estudos sobre a voz e a audição, uma vez que não há propagação da voz de um indivíduo para o outro se não pela audição. É através dos ouvidos que a voz entra numa pessoa, é através dele que recebemos os conselhos, que por sua vez adentram nosso corpo e nos transforma.

Os conteúdos foram levados para sala de aula de duas formas, em apostilas e em aulas expositivas e dialogadas, porém, desta vez, feita pelas alunas. Assim, os alunos do 6º aprenderam o que era uma narrativa e seus elementos, a descrição e suas características e quanto aos gêneros, aprenderam a fazer resenhas, biografias e autobiografias; também aprenderam sobre a importância do registro.

Depois disso, foi a vez de entrar em cenário a literatura do campo. Voltamos às narrativas orais do campo. Elas começaram a falar das histórias que eram contadas na comunidade Jeferson Peres, uma comunidade em que um lado é banhado pelo rio e o outro para a cidade. As outras duas moram na Comunidade São Sebastião, nessa não há energia elétrica, e é também onde há a comunidade indígena.

Acerca das histórias contadas no lugar, elas apontaram como sendo as mais conhecidas: a do Boto e a da Cobra Grande. Depois dessas tessituras, foi a vez de retomar os estudos teóricos, cujo assunto era registro. Foram apresentados assuntos desde o primeiro registro feito pelo homem nas paredes das cavernas, passando pela história do livro até chegar aos e-books; e também a importância desses registros para as narrativas orais ainda contadas na cidade de Manaus.

Esse espaço maior para a literatura é necessário em tempos históricos de luta e de apagamentos de povos tradicionais.

## CONSIDERAÇÕES INACABADAS

Se pudesse acabar este trabalho com outro termo que não conclusão, escolheria a palavra começo. Lembro-me de quando comecei as andanças que me levaram a meu tempo de menina, de saia rodada e pés no chão, das subidas nas árvores para comer goiabas, do cheiro da terra molhada quando a água das chuvas batia no chão. O mato verde ao redor das flores, não era qualquer verde, era um verde bem verdinho, como diz o caboclo por essas bandas.

Ah, os banhos nos igarapés, a caminhada por horas até chegar lá valia a pena. E quando a noite chegava, sempre vinha aquele vizinho da casa ao lado, que não era imediatamente ao lado, perguntando pelo meu pai, a quem tratava como compadre. Há de se dizer que naquele tempo bastava pular fogueira juntos na época de São João e já viravam compadres. Conversa vai, conversa vem, sempre chegavam aos assuntos mais interessantes: as histórias dos velhos tempos de juventude deles, daquelas de arrepiar. Não era de se esperar que nenhum passo para longe da li fosse dado, não por mim, que naquelas alturas já estava morrendo de medo.

No entanto, dessa vez, neste trabalho, eu não era a menina da casa que esperava ouvir as conversas dos mais velhos. Desta vez, fazia o papel do vizinho, era a visita que chegava batendo palma e perguntando: ô de casa! Tem alguém aí? E alguém lá de dentro com os olhos brilhando, e o andar apressado gritava lá de dentro: - uuuuh! E aparecia na porta, sabendo que seria sua vez de contar histórias.

Relembrei dessas vivências de 2015, que desta vez não puderam ser revividas, e, ainda que quiséssemos, não poderíamos mais, não com todos. Seu Sebastião não está mais lá. Disseram que estava com problemas de saúde e precisou ir até a cidade, foi acometido pelo Covid-19. Os comunitários disseram que esperaram por sua volta risonha e cheia de alegria e muitas histórias para contar, mas não aconteceu. A morte levou mais um narrador, o mais antigo do lugar. De suas histórias restaram os registros.

Presenciar essa partida em meio a este trabalho foi contundente para perceber que Walter Benjamin possuía sabedoria adquirida em seu contexto, no início do século XIX, e afirmava a partir de suas observações, caminhando até os dias de hoje e não podemos afirmar até onde, até quando, seus textos terão tanta força.

No primeiro capítulo deste trabalho, observamos a forte ligação que ele tinha com a terra, a água, a natureza em geral. Capinava a rua de sua casa, sabia dos

horários de aparição e dos costumes da Cobra Grande; caracterizava o animal a partir de suas vivências e de seu espaço geográfico, sempre com muita certeza do que dizia. Foi o único narrador entre os quinze a afirmar ter visto a Cobra Grande. Foi uma grande perda para aquela comunidade e para todos que ouviram suas histórias.

Em relação ao comportamento simbólico da comunidade em relação às narrativas, podemos afirmar que está em conflito, pois os mais jovens estão em constante movimento entre zona rural e urbana, o que deixa essas histórias esquecidas, e a prática cultural de contá-las e ouvi-las também. Os mais velhos, devido ao Covid-19, ficaram, de certo modo, isolados do convívio – que oportunizava essa passagem das narrativas para seus filhos e netos, mas neste presente ano, tudo está diferente em relação a deslocamentos e movimentações.

Quanto à segunda parte, evidentemente, o trabalho com esse tema contempla inúmeras possibilidades de desenvolvimento. Pode-se afirmar que os alunos melhoraram quanto a escrita, compreensão e interpretação de textos. Também, reconheceram melhor uma narrativa, sua estrutura e classificação, além dos outros gêneros utilizados durante o processo. Além disso, por meio da coleta, tradução, registro e interpretação da narrativa indígena Tuyuka foi possível perceber como se dá a transmissão de saberes daquele povo e como o passado e o presente amazônidas estão imbricados com esses povos originários.

O método utilizado alcançou 90% de aproveitamento por parte dos alunos envolvidos, o que foi averiguado por meio de diálogos. A criação de uma metodologia específica que partisse da realidade do aluno do campo também influenciou muito para o desenvolvimento da leitura, da escuta e da escrita. Quanto ao ensino da literatura no Ensino Fundamental II, a turma do 6º ano evoluiu bastante no que diz respeito aos conteúdos ensinados, assim como no comportamento, pois pararam com atitudes inapropriadas, tornando-se mais humanos e capazes de entender e se colocar no lugar do outro.

Ademais, tomando a *teoria do círculo de Bakhtin*, no qual a linguagem é vista como uma perspectiva dialógica, um produto da interação humana, o professor, por sua vez, foi muito importante como um condutor dessas ações, e por se incluir no processo. Desse modo, ensinando, discutindo, avaliando-se através da revisão de suas práticas, levantando hipóteses juntamente com os alunos, pois desta forma pôde contribuir na construção de um aluno leitor, ouvinte e autor, ou seja, um sujeito de suas ações.

Também, conseguimos fazer apontamentos sobre a cultura do povo Tuyuka, sua história e como o processo de colonização afetou esse grupo, em especial, a língua. Pois, sabe-se que quando uma tradição é mantida principalmente por meio da oralidade. Essa perda é mais acentuada, justamente o que tem ocorrido com eles, posto que os mais velhos não são bilíngues e os mais novos são alfabetizados em Língua Portuguesa. Foi averiguado que o lugar é muito importante no quesito de manter a força dessa tradição, uma vez que os jovens que moram em Manaus e que não residem na aldeia Rouxinol pouco sabem (ou estão menos ligados justamente pela questão da sobrevivência no espaço urbano) dos seus ritos e de suas histórias. E que também os meninos, que seriam os responsáveis por levar os rituais para as próximas gerações não sabem mais falar sua língua materna.

Esse foram alguns dos problemas apontados pela aluna indígena. Ela falava bem sua língua materna e por meio deste trabalho conseguiu resgatar junto de sua avó muitas palavras antigas, que para ela são novas, pois não sabia que existiam, e tentará ensinar sua língua a seus irmãos. Também perdeu a vergonha de fazer parte de seu povo; ao contrário, sente-se importante, e com muita responsabilidade em divulgar seu povo e sua cultura.

Além disso, o mito coletado foi ilustrado por ela, pintado à mão com grafite e lápis de cor. Sobre ele, foi observado que para os mais jovens é só uma história, isso em relação a relacionamentos amorosos mantidos com criaturas e com homens fora do casamento, mas para a aluna, sobre essas relações com criaturas, acredita que não tem e nem acontece aqui na cidade; quanto a traições amorosas, não soube falar, apesar de entender o significado da palavra, pois já tem 16 anos e em seu povo, as moças casam cedo. A respeito da criatura e os castigos provenientes do sagrado, acredita que só acontece no lugar onde ela morava; e lá é uma verdade; acerca da criação contida nele, foi visto que todos acreditam dessa forma, que foi assim que surgiram os pássaros, o veado e o cupim.

Ainda em relação ao mito, a interpretação foi feita com base nos usos dos mais velhos. E foi constatado que os mais velhos ensinam os mais jovens por meio das experiências e por meio dos mitos. Pode-se afirmar que os Tuyuka mais velhos são de poucas palavras e muito observadores. Há muito o que se dizer e o que se estudar sobre esse povo e sua cultura, não foi o objetivo descrever a cultura deles e nem aprofundar os estudos sobre esse povo, talvez em um momento vindouro e oportuno.

O elemento etnográfico, por exemplo, com a presença de uma narrativa Tuyuka, movimentou todas as engrenagens pensamentais de nosso processo.

Também, apresentamos uma sequência de divulgação dessas narrativas a partir dos resultados de um trabalho desenvolvido em uma turma de Ensino Fundamental. É importante e necessário falar sobre leitura, escuta e escrita, uma vez que através delas alcançamos grandes resultados. É importante dizer que foi nosso objetivo contribuir com a prática de ensino da literatura em sala de aula e isso foi alcançado com êxito, do mesmo modo, é preciso salientar que esse foi apenas o

primeiro contato mais aprofundado com a geopoésia tanto com narrativas escritas quanto com narrativas orais. E tudo isso mostra a diferença que a literatura faz se trabalhada desde o Ensino Fundamental, e como seria importante estendê-la para as séries iniciais.

## REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice. Oralidade e Literatura. In: **Oralidade e Literatura: outras veredas da voz** (Org.). FERNANDES, Frederico. Londrina: EDUEL, 2007.

ALVES, Elizeth da Costa. **Geopoesia Kalunga: Identidades Territoriais Da Comunidade Quilombola Do Mimoso – Tocantins**. Universidade Federal de Goiás. Tese de Doutorado. Goiânia, 2020.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Metodologia das ciências humanas**. In: \*  
, M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.393-410.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **I. Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BENJAMIN, Walter. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 8ª. Edição revista – São Paulo: Editora Brasiliense, 2012 – (Obras escolhidas v. 1).

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia, GO: Editora da Universidade Federal de Goiás, 2004.

CARVAJAL, Gaspar de. ROJAS, Alonso de & ACUÑA, Cristobal. **Descobrimientos do Rio das Amazonas**. Companhia Editora Nacional, 1941 (Coleção Brasileira). <http://ensinarhistoriajoelza.com.br/linha-do-tempo/francisco-orellana-chega-ao-rio-amazonas/> - Blog: Ensinar História – Joelza Ester Domingues. Consultado em 2019.

CHATEAUBRIND, Annunziata Donadio. et al. Comunidade do Julião. In: **Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé – Redes do Tupé, especialização e informações das comunidades**. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

CHEROBIM, Mauro. **Trabalho e Comércio nos Seringais Amazônicos**. Perspectivas, São Paulo, (p. 102-107), 1983.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** – 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2000.

DELEUZE, Gilles, 1925 – 1995. **Proust e os signos.** Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. – 2ª edição. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DONATO, Hernâni. **Dicionário de Mitologia.** Ed. Cultrix LTDA. São Paulo. S/D.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ESOPO. **Fábulas de Esopo.** Tradução e adaptação: Carlos Pinheiro. 2.ª edição, junho de 2013.

F. da Silva VM, Freitas CEC, Dias RL, Martin AR (2018) **Both cetaceans in the Brazilian Amazon show sustained, profound population declines over two decades.** PLoS ONE 13(5): e0191304. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0191304> Consultado em 2019.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira.** São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FLORES, Paulo André de Carvalho ... [et al.]. **Plano de ação nacional para a conservação dos mamíferos aquáticos: pequenos cetáceos** /; organizadores Claudia Cavalcante Rocha-Campos, Ibsen de Gusmão Câmara, Dan Jacobs Pretto. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, 2010. ISBN: 978-85-61842-35-2.

FRAGA, Rafael [et. al.]. **Guia de cobras da região de Manaus - Amazônia Central.** Manaus:EditoralInpa,2013.Disponívelem:[https://ppbio.inpa.gov.br/sites/default/files/guia-cobras-regiaoManaus\\_PPBio\\_CENBAM.pdf](https://ppbio.inpa.gov.br/sites/default/files/guia-cobras-regiaoManaus_PPBio_CENBAM.pdf) Acesso em: 20.03.2019.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia.** Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância.** Ana Maria Araújo Freire (Org.). São Paulo: UNESP, 2005

GAYOTTO, Lúcia Helelena. **Voz: partitura da ação.** – 2. Ed. – São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. **Flagrantes do paraíso: uma leitura do romance A selva, de Ferreira de Castro.** Revista Novum Millenium. Escola Superior Batista do Amazonas. Vol. VI, Ano 6, Manaus: ESBAM, 2008.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história.** Tradução Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

IPÊ. **Relatório do Diagnóstico - Subsídios para Oficina de Definição de Estratégias de Fortalecimento de Cadeias Produtivas Sustentáveis.** 2013.

JAKOBSON, Roman (1896-1982). **Os Fundamentos da Linguagem. Ensaios da Linguística Geral I**. 1963. Consultado em junho de 2020. [https://www-leseditionsdeminuit-fr.translate.google/livre-Fondations\\_du\\_langage.\\_Essais\\_de\\_linguistique\\_](https://www-leseditionsdeminuit-fr.translate.google/livre-Fondations_du_langage._Essais_de_linguistique_)

LAPLATINE, François. TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEAH, Maria (1949). **Dicionário de mitologia e lendas folclóricas Volume-1** [https://archive.org/stream/in.ernet.dli.2015.116978/2015.116978.Dictionary-Of-Folklore-Mythology-And-Legend-Volume-1--A-1\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/in.ernet.dli.2015.116978/2015.116978.Dictionary-Of-Folklore-Mythology-And-Legend-Volume-1--A-1_djvu.txt)

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. – Belém: Cejup, 1995.

MANAUS, Prefeitura de. **Plano de Gestão da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé**. Volume I - diagnóstico.

MIRANDA NETO, Manoel José de. **O dilema da Amazônia**. 2. Ed. Belém: Cejup, 1986.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Educação escola e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 156-168, mai.-ago. 2003.

OLIVEIRA, José Alcimar de. KRÜGER, Marcos Frederico Aleixo. **Filosofia da Educação I: mitos, ciências e educação**. Manaus/AM: UEA Edições, 2010. – (Série Pedagogia Intercultural; 2).

PAULINO, Itamar Rodrigues. **A Amazônia entre culturas, identidades e memórias**. Em: LIMA, Rogério e MAGALHÃES, Maria da Glória (orgs). **Culturas e Imaginários: Deslocamentos, Interações e Superposições**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2018.

PEREIRA, Nunes. **Moronguetá – Um decameron indígena**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 612-622.

PERRAULT, Charles [1628-1703]. **Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo: Charles Perrault**. Título original: **Les contes de ma mère l'Oye – Histoires ou Contes du temps passé**. Tradução: Leonardo Fróes. Ilustrações: Milimbo Posfácio: Michel Tournier. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PINTO, Zemaria. **O texto nu – Teoria da literatura: gênese, conceitos, aplicação**. Manaus: Editora Valer, 2009.

PLAMSAN. Programa de Apoio à Elaboração dos Planos Municipais de Saneamento e de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos dos Municípios do Estado do Amazonas.



**Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos do Município de Iranduba.** Julho, 2012.

PROPP, Wladimir I. (1895-1970). **Morfologia do conto maravilhoso.** Tradução do russo: Jasna Paravich Sarhan; Organização e prefácio de Boris Schnaiderman. – Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

ROLON, R. B. B. (2015). **O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no currículo escolar brasileiro: algumas considerações.** *Revista ECOS*, 11(2). Recuperado de <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/720>

SABOIA, Cíntia. **Narrativas Oraís na Comunidade do Julião.** Manaus: UEA, 2016. Dissertação de mestrado. Acesso em: 01.08.2019

SABOIA, Cíntia. SILVA JUNIOR, Augusto. **O narrador na Comunidade do Julião: Narrativas oraís amazônicas e o narrador do Julião em performance.** In.: Anais do II GELLNORTE – Linguística e Literatura na Amazônia: políticas de pesquisa para as margens. Organização: LEÃO, Allison; BOTELHO, Maíra da Silva. Manaus, AM: Editora UEA, 2019, 1.706 p. Tipo de Suporte: E-book Formato Ebook: PDF consultado em 22.12.2019.  
[https://gellnorte.files.wordpress.com/2019/07/de-trabalho\\_anais-do-gellnorte-2019-versc3a3o-completa.pdf](https://gellnorte.files.wordpress.com/2019/07/de-trabalho_anais-do-gellnorte-2019-versc3a3o-completa.pdf)

SANTIAGO, Jozane Lima. et al. **Organização social e associativismo: A aplicabilidade de políticas públicas no território rural de Manaus e entorno na perspectiva agroecológica.** In: Território e Territorialidades na Amazônia: Formas de sociabilidades e participação política. Organizado por: WIKOSKY, Antônio Carlos; FRAXE, Therezinha de J. P.; CAVALCANTE, Kátia Viana. – Manaus: Editora Valer, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** – 18ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA JR, Augusto. R. **Centroestinidades e geopoesia: casa de morar Niemar é a poesia.** In: Os parceiros de Águas Lindas: Ensino de Literatura pelas Letras de Goiás. Organizadores: Ana Clara de Magalhães Medeiros [et al.] - Goiânia: Pé de Letras, 2018.

SILVA JR, Augusto. R. **José Godoy Garcia e a poética popular do cerrado: Literatura de campo e história do Centro-oeste.** In: Revista Nós | Cultura, Estética e Linguagens ♦ v.03 n.01 - 2018 ♦ ISSN 2448-1793. P. 93-105. Consultado em 29.08.2019.

SILVA JR, Augusto. R. (2014). **Oswald de Andrade e Arnaldo Antunes: poéticas criativas na era da reprodutibilidade técnica, digital e dialógica.** *FronteiraZ. Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados Em Literatura E Crítica Literária*, (12), 89–107. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/19209>

SILVA JR., Augusto R. Editorial. **Cultura popular, oralidade e performance**. Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB). V. 22, n. 35, 2013. Disponível em: [http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf\\_2](http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2). P. 7-10. Acesso em: 15.08.2019.

SILVA JUNIOR, Augusto R.; RABELO, Sara; PAULA NETO, Marcos E. Geopoesia Amazônica: raizamas e livros invisíveis. ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor (ORGS). **Uwa’Kürü - Dicionário analítico** – volume 6. Rio Branco: Neplan Editora; Edufac. 2021 p. 34-51.

SILVA, João Manoel Pereira da (1817-1898). **Christovam Colombo e o descobrimento da América**. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1892. Consultado em: 05.02.2021 <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242470>

SILVA, Vera Maria Ferreira [et al.]. **Plano de ação nacional para a conservação dos mamíferos aquáticos: pequenos cetáceos** /; organizadores Claudia Cavalcante Rocha-Campos, Ibsen de Gusmão Câmara, Dan Jacobs Pretto. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, 2010. ISBN: 978-85-61842-35-2.

VANSINA. J. **A tradição oral e sua metodologia**. *África, I; metodologia e pré-história da África*. UNESCO 2.ed. rev. – Brasília: 2010, p. 139-66.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Teseu e o Minotauro, Dédalo e Ícaro** IN: MITOS GREGOS. Consulta: 2022. [http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/classicos\\_da\\_filosofia/mitos\\_gregos.pdf](http://www.filosofia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/classicos_da_filosofia/mitos_gregos.pdf)

WHITE, Leslie A., 1900-1975. **O conceito de Cultura**. Leslie A. White [com] Beth Dillingham; tradução Teresa Dias Carneiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

ZUMTHOR, Paul (1915-1995). **Performance, recepção, leitura**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1ª edição Cosac Naify Portátil, São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia oral**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lucia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_. **A letra e a voz: A “literatura” medieval**. Tradução: Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4873.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4873.htm).

[https://www.manausonline.com/images/mapa\\_saogabriel.gif](https://www.manausonline.com/images/mapa_saogabriel.gif)

<http://semmas.manaus.am.gov.br/wpcontent/uploads/2017/03/Plano-de-Gest%C3%A3o-da-RDS-do-Tup%C3%A9.pdf> Acesso: 30.06.2019.

Carta de Colón anunciando el descubrimiento Cristóbal Colón  
Edición: eBooket [www.eBooket.net](http://www.eBooket.net)

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000067.pdf>

[https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-do-Estado-do-Amazonas-Municipios-e-Fronteiras\\_fig1\\_271070030](https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-do-Estado-do-Amazonas-Municipios-e-Fronteiras_fig1_271070030)

## ANEXOS 01

### Entrevista 01: Sebastião Bonifácio dos Santos

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Sebastião Bonifácio dos Santos. Aqui eu botei o nome dessa rua ali Sebastião Bonifácio (risos). Tá bem ali porque essa rua aí, essa rua desde o começo que eu que limpo ela. Pra li já plantei grama. Essa parte ali né, fiz uma “peça” [palavra sugerida por não estar audível a escuta da palavra dita] lá pra baixo. Quando a lancha vem, quando tá cheio, ela vem por ali e para bem pra li. A gente sobe aí, tem uma subida aí.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Minha data? Dia 24 de outubro, dia do aniversário de Manaus.

Entrevistador: De que ano?

Entrevistado: 1940.

Entrevistador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Eu nasci num município, num seringal né, por nome Jacurapá. Fica em frente São Paulo de Olivença, o lago.

Entrevistador: O senhor estudou até que série?

Entrevistado: Ah, esse negócio de estudo aí foi um fracasso pra nós. Naquele tempo, era comprado ABC, caderno, tudo a gente comprava, o pai comprava né.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: E lá tinha uma correnteza que nós passava quase todo dia, mas tinha dia que a gente se alagava né, perdia caderno, era lápis, tudo estragava né. Aí era esperar o dia que o pai tinha dinheiro pra comprar outro né.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Aí esse tempo vai ficando pra trás.

Entrevistador: O senhor tem filhos?

Entrevistado: Tinha, eu tinha quatro rapaz e três mulher.

Entrevistador: O senhor teve sete filhos?

Entrevistado: Sete filhos. A mulher que teve (risos).

Entrevistador: E na infância, o senhor ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Tinha umas histórias do Matin né? O companheiro do Matin né, quando era umas horas da noite, ele saía do corpo da pessoa. Aí o outro ia lá antes de dormir, chegava lá só encontrava o corpo, a cabeça não tava. Aí quando foi uma noite, o outro disse:

– Espera aí, hoje ele vai sair com a cabeça inteira.

Aí quando ele [o companheiro do Matin] já tava se aprontando pra sair, ele fechou, disse que era um carocinho de tucumã né! Que só tinha um buraco que assoviava pi piri, piraí. Ele passou uma colazinha malmente pra...

– Ele vai sofrer com esse negócio aí quando assoprar o bicho abre né? Aí ele vai cair. Aí diz que na frente assim tinha um lago grande né quando saiu tocou pi piri. Aí ia tocar lá no meio do lago outra vez. Aí quando tocou lá no meio do lago né, no chavascal né, aí tocou fi, fi, frou, caiu lá no meio do lago né. Aí ele gritava de lá:

– Ei, me acode que eu tô perdido aqui no meio desse lago.

Aí os cara ouviram a zoadá e foram pra lá. Tava no maior cerrado.

Entrevistador: Aí?

Entrevistado: Aí pegaram ele, aí levaram pra casa, aí ele nunca mais quis sair.

Entrevistador: O senhor lembra de outra?

Entrevistado: Esse negócio de cobra grande existe, e grande, não é pequena não. Ali onde nós morava, tinha um lago grande chamavam Panelão né. Um lago grande. Tinha umas casa de morador antigo, era um lago muito fundo. Aí tinha o jacaré que esturrava de noite né, aí a cobra respondia assim tipo com um tiro né: pou, bou. Aí quando foi um dia, o meus primos disse:

– Rapaz, o lago tá bem pertinho, vamo furá?

– Vamo!

Aí fomo pra lá, atravessamo o rio, aí cavamo um pedaço como daqui aí [apontando a distância com a mão com extensão aproximada de um metro]. Aí aquela cachoeira enorme desceu. Quando foi a noite todinha, quando foi de manhã o bicho tava quase seco né?! Aí ela ficou lá, ela num saiu não. Saiu outros bicho: tracajá, essas coisas... jacaré, mas a cobra num saiu não. Ela saiu po outro lago uma saída assim da largura dessa casa, no meio da rastina né, um buracão. Aquele enorme buraco assim, no meio da rastina.

Entrevistador: Quanto tem essa sua casa de largura?

Entrevistado: Tem 4 metros, 4,5 de largura.

Entrevistado: Agora aqui no Rio Negro tem, abaixo da entrada do Rio Branco. Ali tem uma que a gente vê ela de dia mermo. Ela é... é muito grande a cobra. O motor não passa por lá, passa pelo Paraná. Mas ela, quando dá seis horas, ainda tá assim, no meio do rio, atravessada [e faz a largura da cobra com os braços] Isso daí eu vi!

Entrevistador: E aqui no Julião?

Entrevistado: Aqui não tem. Ainda não ouvi falar, talvez os antigos né.

Entrevistador: Nem aqui por perto?

Entrevistado: Nem aqui por perto. Até sucuri é difícil aqui. Uma vez pegou um frango da irmã que mora perto aí. Aí esse dono dessa casa aí, ele morava aí. Um hora ela veio:

– Irmão, vem! Vamo matá uma cobra ali?

Aí ele pegou aquele material que roça como é? Ruça é? Aí correu pra lá. Diz ela que ele errou a batida. Em vez de bater na cobra bateu na terra. Aí ela entrou pro buraco. Antigamente meus pai contavam que nesse Solimões, andavo quando era assim umas duas horas da madrugada, uma hora saia aquele barco bonito subindo o rio né?. Aí o cara dizia:

– Lá vem o navio e saiu. Vamos trocar a banana com a bolacha né?

Aí saíram pra lá. De longe o cara viu que era uma pintura tipo cobra, aquelas mancha grande.

– Rapaz, isso não é navio não, isso é cobra.

Entrevistador: Por que ela se transforma?

Entrevistado: Ela se transforma.

Entrevistador: Que tamanho que o senhor acha que era?

Entrevistado: Cobra grande é grande.

Entrevistador: Grande, o senhor acha assim de que tamanho?

Entrevistado: Assim uns 50 metros.

Entrevistador: E quem lhe contava mais essas histórias?

Entrevistado: Quem era? Contava meus tios e primo, essas pessoas assim.

Entrevistador: Pai não contava?

Entrevistado: Ele contava o que ele tinha visto também assim, cobra grande.

Entrevistador: Seus avós?

Entrevistado: Também

Entrevistador: Onde e quando?

Entrevistado: Em casa. Às vezes no roçado, na casa de farinha.

Entrevistador: O senhor costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Às vezes dá vontade de contar [Fica em silêncio]. Mas aí eu fico calado né. Não falo nada.

Entrevistador: Não conta porque não tem pra quem, não conta por que ninguém quer ouvir né?

Entrevistado: [balança a cabeça afirmativamente]

Entrevistador: E o senhor ouviu a história do boto?

Entrevistado: Ah, disse que tinha um boto que virava gente também né? Quando era aquelas horas da madrugada ele aparecia lá. Às vezes numa festa, diz que um rapaz bonito de chapéu na cabeça, butava pra dançar nas festas. Aí quando dizia:

– Já vou me embora.

– Não, me espera! Eu vou junto com você!

Aí ele saía na frente. Aí só via ele sumir na beira do rio né. Aí boiava lá no meio já... beeei... era ele!

## **Entrevista 15**

Entrevistador: Qual o seu nome completo?

Entrevistado: Álvaro Oliveira Bastos.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: 26 de outubro de 1954.

Entrevistador: Onde o senhor nasceu?

Entrevistado: Em casa, no Alto Solimões.

Entrevistador: Na infância, o senhor costumava ouvir muitas histórias?

Entrevistado: Ainda hoje, eu tava conversando com o seu Ramiro né, aquele senhor que tava perto de mim, que a lenda do boto fala que engravida a mulher né? E no tempo da menstruação dela o boto ataca a mulher. Mas é por causa disso, porque ele sente o cheiro da mulher né. Aí ele quer de qualquer maneira possuir, que ele é um animal e acha que ele pode né e elas acham que eles são encantados que querem levar elas pro fundo, quer malinar delas, e não é. A verdade é essa aí! E tem outras histórias também Mapinguari, é... curupira. São lendas, lendas, como também tem uma lenda do batedor de igarapé do rio né? Já ouviu falar?

Entrevistador: Balança a cabeça negando conhecer tal lenda.

Entrevistado: É terrível, se você não tiver coragem não fica lá não. E eu descobri tudo isso aí.

Entrevistador: Mas aqui? Essa lenda é aqui no Julião?

Entrevistado: Quando tá assim distante: iiiiiiiih. Eles tinham medo né. E um dia nós entramos aí pra caçar aí dentro de noite. Matamos caça e de manhã nós fomos levar um pedaço pro vizinho lá, esse mermo vizinho que tinha medo de entrar aí dentro.

– Rapaz, cê vai aí pra dentro? Cê não tem medo do grito né?

– Não, se o bicho vim a gente dá um tiro nele.

Aí uma certa noite... Só que meu irmão, ele não queria entrar no igarapé né. Aí eu falei:

– Rapaz umbora logo lá ver o quê que é isso. Se o bicho vim a gente atira nele. (risos)

Quando nós a gente chegamo lá dentro, aí paramo lá e ficamo quieto. Aí começou a gritar igual uma pessoa gritando mermo né: iiiii. E lá vem o bicho. Depois mais, gritou mais perto.

– Rapá o bicho tá perto.

O último, o grito foi bem em cima assim: uuurra. Aí ele focou era uma coruja. É uma coruja. Ela até hoje ainda existe lá. Era um senhor que tirou terreno lá e trabalhou lá e disse:

– Ah seu Baru até hoje essa coruja ainda existe lá. De dia ela grita.

E os camarada não entravo pra lá, não trabalhava pra lá com medo né, com medo do grito. Então, muitas coisas assim, lenda né?!

Entrevistador: E sobre a energia elétrica... É... Como era aqui? O senhor lembra? Por que não tinha né?

Entrevistado: Ah não. Era a lamparina, o candiero – o candiero é aquele que coloca o querosene né dentro, aí tinha um pavio, a gente acendia ele, aí aumentava o fogo dele e diminuía, só que ele criava uma fumaçazinha. E também quando alguém tinha um ganho melhor que podia comprar um lampião, um lampião Petromax né daquele que nós tava falando, aí eu usava ele, que o combustível dele era o gás era álcool, era a vapor. Eu bobeava ele, bobeava, aí acendia tinha umas camisa assim desse tamanho assim, criava aquela assim tipo uma lâmpada, só que esquentava muito.

Mas a maioria mermo era lamparina, até pra gente pescar a noite, não existia essa facilidade de lanterna, farol, essas coisas. A gente fazia assim: cortava um alumínio, então cortava uma lata, antigamente tinha aquele litro de óleo de combustível, a gente cortava aí fazia assim fazia tipo uma palmatória de madeira, encaixava nela



né e colocava a lamparina ali em cima né, e fazia um cabinho aqui e de noite ia focá peixe com aquilo ali e com a zagaia, era um sistema de adquirir um peixe mais rápido era com aquela zagaia né. E também pescava com anzol de noite... Era esse o sistema de luz né.

Entrevistador: O senhor já chegou assim, durante essas suas pescarias com esses seus colegas, ver alguma coisa de estranho? Nunca viu nada?

Entrevistado: Só o canto da sucuriju à noite no fundo. Sabia que ela canta?

Entrevistador: Balança a cabeça negativamente.

Entrevistado: Tudo isso existe.

Entrevistador: Ela é grande?

Entrevistado: Grande! Eu consegui matar aqui com seis sete metros. Grande! Antigamente pra fazer uma criação de pato como hoje aí no Igarapé tem o pessoal que cria pato lá, e era fácil de sumir pato rapidinho. Numa ocasião nós tava... O papai tinha chegado do trabalho, tava bem olhando pro rio assim, tinha uma bóia né os pato ficava tudo em cima aí de repente um sumiu. Aí ficou aquela borbulha no fundo assim. Aí ele chamou meu irmão, me chamou, aí tiramos um cambito, aí fomo lá, aí puxamos lá. A sucuri tava enrolada com a pata. Quando ela enrola, ela não solta não, você pode carregar ela pra onde quiser e ela não solta. Aí matamos ela, tinha três metro.

Entrevistador: E falando em cobra, o senhor já ouviu falar do Lago do Arrombado?

Entrevistado: Já! Eles dizem que ali foi... Eles chamam lago do arrombado da cobra né.

Entrevistador: Ah é?

Entrevistado: É! Lago do Arrombado da cobra, porque eles diz que ali era tudo vedado. E teve um grande temporal e saiu o animal de lá e acham que era a cobra, e por isso que ficou aquele fundo ali.

Entrevistador: E é fundo?

Entrevistado: É. E lá dentro que tá o hotel do Rita Bernardino. E... também aqui no Fátima nesse ano que nós chegamos a segunda vez pra morar aí no Tarumã. No início de 63, ali em Fátima secava tudinho. Secava mermo. Ficava só aquele rego assim. Mas pra dentro era bastante água. Quando foi a noite deu um temporal forte, aí mexeu com os peixe, jacaré cantou, esturrou né, onça esturrou, pássaro começaram a cantar também. Aí quando foi de manhã tava na lama assim um rastro mais ou menos assim aqui assim [mostrou o tamanho utilizando o corpo mais ou menos um metro de largura]. Tipo de um animal grande assim.

Eu creio que foi uma cobra muito grande que tinha ali. E desde então o Fátima começou a... Todo ano seca. O Fátima não era, o local não era chamado Fátima, era o Igarapé do São José. Veio passar a ser comunidade de Fátima referente à padroeira né, de Fátima. E a neta do morador de lá era chamada Maria de Fátima por causa disso.

Entrevistador: E assim, o pessoal aqui nessa comunidade tinha o costume de contar história antes de chegar a luz ou não? Como é que é, vocês se reuniam pra conversar, conversavam mais?

Entrevistado: É, muitas vez a gente ajuntava uma família, por exemplo, hoje vamo visitar a família fulano né, aí lá se juntava, pegava uma merenda, um cafezinho lá com tapioca, na época plantava bastante roça né. Quando não, era janta mermo. Nós era criança nessa época, ficava correndo com o filhos dos vizinho, no terreiro, pra cima e pra baixo, e eles ficavam contando história né. Então, eles contavam muito essas história de cobra grande, de jacaré, onça. Aí eu tinha medo [risos].

Entrevistador: E hoje, o senhor ainda conta essas histórias?

Entrevistado: Só as que eu vejo mermo que é certo né.

Entrevistador: Hum rum.

Entrevistado: Eu já encontrei uma cobra dentro... numa cabeceira, onde a água dava aqui assim (mede na canela, a um palmo do chão). Eu pisava e a água molhava só aqui assim. Tinha um pé de buriti. Eu saí de casa pra ir ver se tinha caça lá né, matá caça pra alimentar os filho. Aí chegando antes de chegar no buritizeiro com 200 metros assim, eu escutei a cutia se espantar né, aí aquela coisa veio na minha cabeça assim: ela não me sentiu que eu tava parado e uma distância longa né.

Aí eu já fui meio assim, com suspeita assim de que existia algum bicho por lá né. Aí eu passei, travessei por onde era a areia. Só que o buriti ficava dessa altura assim aonde dá buriti, onde o bicho come, principalmente a anta come né, fica só aquele lamaçal assim. Mas eu olhei, a lama tava certa assim, não tinha vestígio de nada.

Quando eu cheguei próximo assim, mas eu sempre com a espingarda aqui né nessa direção, olhando. E aí eu dei com aquela coisa lá. A cobra quando ela quer sentir, ela começa a mexer a língua né. Ela tava toda coberta isso dela assim, só o narizinho de fora assim sabe. Aí eu pensei que ela era assim [fez um tamanho pequeno]. Eu fui por trás do buriti, me agarrei no buriti, peguei um facão que eu usava bem amolado assim, cortei assim, partindo a cabeça dela. O que resultou que a lama todinha que eu via lá, tinha cobra embaixo. Ela era assim ó [um tamanho maior].

Aí sempre quando meus filhos andam na floresta eu digo olha: quando vocês chegarem na área de buriti, de chavascal, vocês usem a cabeça. Vão prestando atenção que existe isso aí. Quem diria que existia um animal daqueles naqueles confins, longe né. Que sucuri, a gente vê mais na água grande né. Aí ela foi se posicionar lá dentro né. Aí quando eu cortei a cabeça dela, ela começou a se mexer assim, aí ficou toda fora. Mas era grande, eu não consegui, peguei no rabo dela assim né, pra ver se eu puxava, mas não consegue. É muito peso.

#### **Entrevista 14**

Entrevistador: Qual seu nome completo?

Entrevistado: Maria Brenda Henrique dos Santos.

Entrevistador: Qual sua data de nascimento?

Entrevistado: Cinco do sete do 69.

Entrevistador: Onde a senhora nasceu?

Entrevistado: Nasci no Pará.

Entrevistador: Lembra a cidade?

Entrevistado: Santarém.

Entrevistador: Santarém?

Entrevistado: É.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: Ensino Médio.

Entrevistador: Completo?

Entrevistado: Completo.

Entrevistador: A senhora tem filhos?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistador: Quantos?

Entrevistado: Cinco.

Entrevistador: Na infância, a senhora ouviu muitas histórias?

Entrevistado: Algumas.

Entrevistador: É! Quem lhe contava essas histórias?

Entrevistado: Geralmente, quem me contava muita história era uma tia que eu tinha, irmã da minha mãe.

Entrevistador: A senhora lembra onde elas eram contadas e quando?

Entrevistado: Porque como a minha tia era bem velhinha, aí a gente sempre tinha que dormir lá com ela, tipo assim. Aí ela sempre ficava contando história pra gente, negócio de príncipe, de jurupari, sei lá.

Entrevistador: Quais as histórias que a senhora costumava ouvir?

Entrevistado: A minha tia me contava várias histórias. Tinha um casal que morava no interior. Falava né que o marido dela trabalhava fora. E o marido dela todo dia saia pra trabalhar, e quando ele voltava, ela sempre perguntava:

– Mas tu não tava aqui ainda agora?

– Não. Cheguei aqui agora.

Ele começou a notar ela ficar pálida né, assim. Aí um dia ele pegou disse que ia trabalhar e não foi né, ficou escondido. Aí quando ele saiu, que ele ficou escondido, que ele viu, um homem igualzinho, a merma aparência dele, como se fosse ele foi lá né. Chegou com a mulher dele e ela fazendo a comida lá pra ele, tudo bem.

Daí depois, ele ficou prestando atenção. Aí diz que depois, demorava um pouco lá, aí ele escutava aquele barulho pra dentro da água né. Aí ele foi conversar com a mulher dele pra saber né. Aí ela disse:

– Não, mas tu tá acostumado sair e voltar. Quase todo dia tu diz que vai e não vai. Aí ele pegou e disse:

– Vamos fazer uma armadilha? Isso daí deve ser o boto. Eu vou fingir que vou embora e vou me esconder, tu pega um monte de alho né, e bota bastante, bastante alho na comida.

– ta, tá bom.

Aí foi, quando o outro cara chegou né, que era o boto, a mesma feição dele. Aí ela deu a comida. Ele saiu doido correndo, se batendo, thobom dentro da água. Aí não deu tempo de ele cair todo dentro d'água. Aí ficou, metade homem, metade boto. Aí a história só é isso, que eu lembro só é isso mesmo. Daí descobriu que era o boto e pronto.

Entrevistador: Quantos anos a senhora mora aqui na comunidade?

Entrevistado: Doze.

Entrevistador: Doze anos.

Entrevistador: E a senhora costuma contar essas histórias?

Entrevistado: Às vezes eu contava po meus filho, mais quando a gente morava lá no interior, no sítio mermo né. Depois que eu me mudei pra cá mermo, quase a gente

não tem mais tempo assim, porque eu estudava a noite né, chegava tarde do trabalho e ia pra escola.

Entrevistador: Então é não? A senhora, aqui, não costuma não né contar? Mas quando, no caso, seu filho era pequeno, a senhora morava mais pra dentro, mais pro interior a senhora contava?

Entrevistado: Sim eu contava, sempre contava história pra eles é.

Entrevistador: A senhora acha assim importante contar essas histórias hoje?

Entrevistado: Eu acho, porque no tempo que eu era criança, é como o pessoal fala não tinha esse negócio de televisão né, aí era como nossos avós, nossos tio, as pessoa né, vizinho assim. Eu lembro que quando eu morava no interior a gente ia dibulhar milho, abrir palha a noite quando tava luar né, assim. Aí o pessoal contava um monte de história assim. História de morto, de gente que já morreu e que aparecia, um monte de coisa assim desse tipo.

Entrevistador: E aqui na comunidade, a senhora nunca ouviu falar nenhuma história já que alguém chegou e lhe contou?

Entrevistado: Bem, a história que ouvi e aqui era dum tal dum cavalo que aparecia aqui, diz que tipo um cavalo, uma mula em cabeça, sei lá, diz que aparecia. E o pessoal viu o barulho desse cavalo andando né? Aí diz que gemia e tudo, mas eu mermo nunca vi. Mas um tempo desse, não faz muito tempo, até o pessoal tava com essa história, entendeu? Diz que várias pessoa tinha visto esse... Era tipo um cavalo que andava, aí escutavam só o barulho, mas eu mermo, nunca vi não.

## ANEXOS 02

## Autorizações e assinaturas dos entrevistados

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Alvaro Oliveira Bastos	
5. Qual a sua data de nascimento?	26.10.1954	
6. Onde você nasceu?	no Rio Tarumã - mirim	
7. Você estudou até que série?	5ª série	
8. Teve filhos? Quantos?	Sim X	5
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	Sim X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	pai, sogros, distantes	
11. Onde e quando eram contadas?	trabalhando, à noite.	
12. Quais histórias costumava ouvir?	do onça-léguas, Tupiá, curupira, Turupaxi, Batedor	
13. Você costuma contar essas histórias?	Sim X	
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	filhos, netos, estudantes de turismo. Alvaro Oliveira Bastos à noite	

Entrevistado: Alvaro Oliveira Bastos  
Comunidade do Juliao - Manaus, 17 de fevereiro de 2015

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo?	Sébastien Benfácio dos Santos	
5. Qual a sua data de nascimento?	24/10/1940	
6. Onde você nasceu?	Serimpal. Jacuapari em frente São Paulo de Olivença	
7. Você estudou até que série?		X
8. Teve filhos? Quantos?	X	7
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias?	tio, primo, pai avô.	
11. Onde e quando eram contadas?	em casa, nas ruas, casa do primo	
12. Quais histórias costumava ouvir?	Cobra grande, Maitim, Boto	
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?	não conta porque ninguém quer ouvir	

Entrevistado: Sébastien Benfácio dos Santos  
Comunidade do Juliao, Manaus, 15 de fevereiro de 2015.

	SIM	NÃO
1. Você autoriza que seja utilizada esta entrevista junto com o projeto?	X	
2. Você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?	X	
3. Você gostaria que o seu nome fosse utilizado?	X	
4. Qual o seu nome completo? <i>Maria Brenda Henrique dos Santos</i>		
5. Qual a sua data de nascimento?	<i>05.07.1969</i>	
6. Onde você nasceu?	<i>Santarém / PA</i>	
7. Você estudou até que série?	<i>Ensino médio.</i>	
8. Teve filhos? Quantos?	X	<i>5</i>
9. Na infância, você ouviu muitas histórias?	X	
10. Se sim, quem lhe contava essas histórias? <i>Tia maternas mãe.</i>		
11. Onde e quando eram contadas? <i>Casa da tia</i>		
12. Quais histórias costumava ouvir? <i>Príncipe encantado, Pato, Um cavalo branco</i>		
13. Você costuma contar essas histórias?		X
14. Para quem? Com que frequência? Quando?		

Entrevistado: \* *Maria Brenda Henrique dos Santos*

*Comunidade do Julião - Manaus, 16 de fevereiro de 2015*